

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**IDENTIDADE NÃO É DOCUMENTO:  
Narrativas de ruptura e continuidade nas migrações contemporâneas**

**Daniel Etcheverry**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Denise Jardim**

Porto Alegre, 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “Identidade não é documento: Estudo antropológico sobre as experiências de ruptura de imigrantes latino-americanos na Região Metropolitana de Porto Alegre”, elaborada por Daniel Angel Etcheverry Burgueño, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Comissão Examinadora:

---

Pfº. Dr. Carlos Steil / UFRGS

---

Pfª. Dra. Nara Magalhães / pos doc. PPGAS NACI / UFRGS

---

Pfª. Dra. Claudia Turra / UFPEL

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os sujeitos desta pesquisa que, generosamente, emprestaram-me suas histórias pessoais.

Ao CIBAI Migrações.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, aos professores e funcionários.

À minha orientadora, Pf<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Jardim.

À minha irmã Sandra e a minha namorada Ana Clara.

Aos meus colegas de mestrado da turma 2005: Fernanda, DP meu xará, Carol, Maiane, Marina, Luciano, Andréia, Roberto, Maria Luisa, Malú e Daniele

A todos os colegas do NACi, por nossos fecundos debates, em especial à Laura, a Pili e Fanny.

A todos meus amigos.

Ao CNPq.

A todas as pessoas que, como eu, vivem a  
experiência do deslocamento.

## RESUMO

Este é um estudo antropológico sobre as experiências de imigrantes estrangeiros provenientes de países sul-americanos na Região Metropolitana de Porto Alegre. Ao observar as experiências de rupturas dessas pessoas, pretendo analisar como elas lidam com as situações do cotidiano em sua interação com cidadãos brasileiros e com as instituições nacionais.

Focalizo nas questões relativas à obtenção e negociação do valor dos documentos como experiência de negociação de sua identidade. Nesse contexto, observo também quais são os aspectos relativos à representação do “estrangeiro” e do “imigrante” que atravessam tal negociação.

Para tanto, torna-se necessário compreender o fenômeno migratório, as políticas migratórias nacionais e os discursos sobre o fenômeno migratório produzidos e reproduzidos por organizações que lidam com a questão migratória, dentro do contexto sócio-político de um jogo entre Estados-nacionais do qual o Brasil faz parte. Observarei quais são os atores envolvidos na negociação de políticas migratórias e como eles posicionam-se frente às experiências dos sujeitos que vivem cotidianamente o deslocamento.

As narrativas dos sujeitos de pesquisa – imigrantes estrangeiros que em algum momento de sua trajetória estiveram na situação de precisar negociar sua entrada e permanência no Brasil – constituem o principal recurso das análises subseqüentes.

Palavras chaves: estrangeiro, imigrante, migrações, identidade, documentos,

## ABSTRACT

The following is an anthropological study of the experiences of immigrants from South American countries in the metropolitan area of the city of Porto Alegre, in southern Brazil. Upon observing their experiences of rupture, I intend to analyze how they deal with everyday situations, as they interact with Brazilian citizens and institutions.

Thus, it is necessary to understand the migratory phenomenon, the national immigration policies and the discourses about the migration that are produced and reproduced by the organizations that deal with the migration, within the socio-political context of an interaction among national states in which Brazil takes part. I observe which are the agents involved and how they positionate before the experiences of the subjects that go through displacement experiences in their everyday lives.

The research subjects' narratives – foreign immigrants who were, at some moment during their lives, involved in the process of obtaining and negotiating their documents, - constitute the main source for the subsequent analysis.

Key words: foreigner, immigrant, migration, identity, documents.



- Observe – continuou Zênnon – Para além dessa aldeia, outras aldeias; para além dessa abadia, outras abadias; para além dessa fortaleza, outras fortalezas. E em cada um desses castelos, de idéias, desses casebres de opiniões superpostos aos casebres de madeira e aos castelos de pedra, a vida enclausura os loucos e rasga uma venda para os sábios. Para além dos Alpes, a Itália, Para além dos Pirineus, a Espanha. De um lado, a terra della Mirandola, do outro, a de Avicena. E, mais para além, o mar; e para além do mar, em outras orlas de imensidão, a Arábia, o Peloponeso, a Índia, as duas Américas. Em todas partes, os vales onde se abrigam os simples, os rochedos onde dormem os metais, cada um simbolizando um momento da Grande Obra; as fórmulas mágicas trincadas entre os dentes dos mortos; os deuses, cada um com sua promessa, as multidões em que cada um de nós se toma por centro do universo. Quem seria suficientemente insano para morrer sem, pelo menos, ter visto a torre de sua prisão? Veja, irmão Henrique, sou de fato peregrino. A estrada é longa, mas sou ainda muito jovem.

“A obra em negro”  
Marguerite Yourcenar

## SUMÁRIO

		<b>Página</b>
Introdução		1
Capítulo 1	Universo de pesquisa: A invisibilidade do fenômeno migratório	13
1.1	Os estrangeiros na Região Metropolitana de Porto Alegre	13
1.2	Uma descrição e aproximação com os sujeitos de pesquisa	16
1.2.1	Francisco	16
1.2.2	Andrés	24
1.2.3	Alejandra	28
1.2.4	Eduardo	30
1.2.5	Pedro	32
1.2.6	Luis	35
1.2.7	Rosa	37
1.2.8	Juan	40
1.2.9	María	42
1.2.10	Jacinta	48
1.2.11	Sara	52
1.2.12	Miguel	55
Capítulo 2	Interpretando as migrações contemporâneas	59
2.1	Migrantes políticos e econômicos: uma dicotomia insuficiente	59
2.1.1	As migrações latino-americanas para o Brasil nas décadas de 70 e 80	60
2.1.2	Migração e pobreza: uma equação difícil	64
2.2	Uma auto definição dos sujeitos de pesquisa	68
2.2.1	O imigrante como figura política	69
2.3	Migração: Aspectos relevantes de uma questão de gênero	73
2.3.1	Homens e mulheres perante a experiência migratória	73
2.3.2	Gênero, linguagem e empoderamento	78
2.3.3	A politização das relações de gênero	79
2.4	O sotaque	81
2.5	Estrangeiros e imigrantes: uma linha tênue entre categorias atribuídas e assumidas pelos protagonistas	83



2.6	A evocação do 'latino-americano'	85
Capítulo 3	As motivações para os deslocamentos	88
3.1	O deslocamento: um projeto de vida	88
3.2	Projetos pessoais, lealdades e dois modelos de ruptura: María e Rosa	93
3.3	Projetando o lugar de chegada: as representações do Brasil e da Região Metropolitana de Porto Alegre	98
3.4	Reflexões sobre a ruptura: as causas da emigração e a escolha de um destino	103
3.5	Um pólo de atração: a Região Metropolitana de Porto Alegre	107
Capitulo 4	Os intermediários do acolhimento ao imigrante: os distintos mediadores e as formas de associação dos imigrantes	110
4.1	A associação Antônio Vieira	110
4.2	O CIBAI Migrações	114
4.3	As redes étnico-nacionais	121
4.3.1	O Círculo Cultural Chileno	122
4.3.2	O Centro Cultural Peruano	123
4.3.3	A Casa da Cultura Brasil – Uruguai e os Comitês frente- "amplistas "la Redota	125
Capitulo 5	As rotinas da lei e a obtenção de documentos	133
5.1	As exigências do Estatuto do Estrangeiro	133
5.2	Os documentos: um exercício de alteridade	140
5.3	A porosidade da lei: um sistema assistemático ou a sistematização da porosidade	143
5.4	Documento não é identidade, nem identidade é documento	148
Epílogo	Imigrantes estrangeiros e cidadãos nacionais	156
Considerações finais	O ônus de ser estrangeiro	165
Referências bibliográficas		169



## INTRODUÇÃO

“Antes, enquanto membro de um grupo, ele (o estrangeiro) está ao mesmo tempo próximo e distante, como é característico de relações fundadas apenas naquilo que é genericamente comum aos homens. Mas entre os dois elementos produz-se uma tensão particular entre a proximidade e a distância, quando a consciência de só ser comum o absolutamente geral faz com que se acentue especialmente o não-comum. No caso de uma pessoa estranha ao país, à cidade, à raça, etc., este elemento não-comum, todavia, mais uma vez, não tem nada de individual, é meramente a condição de origem, que é ou poderia ser comum a muitos estrangeiros. Por essa razão, os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular; o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade”. (Simmel, Georg 1983 p.187)

Campaigna. “Tenho uma entrevista com o padre João” disse ao rapaz que abriu a porta. Entrei. A disposição da sala de recepção continuava a mesma de seis anos atrás, quando eu mesmo procurara a assistência do CIBAI Migrações<sup>1</sup>; mas as pessoas eram outras. Uma grande janela à esquerda, uma porta aberta à frente da porta de entrada comunicava com um pequeno escritório, e outra à direita comunicava com as dependências da casa. Uma escrivaninha com um computador de frente à porta e cadeiras que contornavam a sala; em frente à janela, uma pequena mesa com revistas e jornais em português, espanhol e italiano. Nas paredes revestidas de madeira, cartazes com mensagens de acolhida aos imigrantes estrangeiros em vários idiomas. “*Para o imigrante, pátria é o país que lhe dá o pão*”, rezava um deles.

Enquanto esperava, sentado de costas à janela, pensava no que eu tinha em comum com os meus possíveis sujeitos de pesquisa. Estar no CIBAI Migrações implicava

---

<sup>1</sup> Centro Ítalo-brasileiro Americano de Assistência aos Imigrantes

necessariamente pensar em documentação: que peso teria a posse ou não de documentos para as pessoas que iriam ser meus sujeitos de pesquisa? - será que estando eles em situação irregular, teria eu a chance de entrevistá-los? Por que saíram de seus países, onde a cidadania, em termos legais, não era uma conquista a ser realizada? De que forma lidavam com as pessoas e as instituições no país de acolhida, o Brasil?

A entrevista havia sido agendada durante a semana anterior para um sábado às 08h30min da manhã na paróquia da Igreja da Nossa Senhora da Pompéia. À frente da casa, um pequeno jardim, separado da calçada por uma grade com um portão aberto e cinco ou seis degraus. Um caminho de lajes leva até a porta de madeira e vidro de um edifício novo de tijolos à vista.

Fiquei de pé. De repente, um homem de, talvez, sessenta anos e vestido com simplicidade chegou vindo do interior da casa.

- Daniel? - carregando o “I”

Atravessei a sala. Um prazer, padre.

- Vamos! Passei a segui-lo até o interior da casa.

O ambiente estava dividido por um armário de costas para a porta, em uma ante-sala com cadeiras e o escritório. Uma lâmpada fluorescente pendurada no teto acima do armário conferia unidade ao conjunto.

Sentamo-nos um de cada lado de uma escrivaninha coberta de papéis, livros e jornais. Expliquei novamente quem eu era, qual era o objetivo de meu trabalho e que precisaria gravar nossas conversações. Foi gentil, prestativo e muito generoso nas respostas. Enquanto conversávamos, procurava artigos e documentos para me mostrar e fazia sugestões sobre o que deveria fazer cópia, pois poderia servir agora ou mais adiante.

O padre João – seu nome é Giovanni - é o dirigente do CIBAI Migrações e coordenador da Pastoral Migratória no Rio Grande do Sul. Nascido e criado na Itália, pertence à congregação dos Padres Carlistas. Quando eu disse que podíamos conversar em português ou italiano respondeu: “*Yo voy a hablar en portugués*”. Iniciamos conversando sobre o CIBAI Migrações.

Chegar ao CIBAI Migrações, local em que grande parte dos imigrantes encontra acolhimento não foi difícil. Há uma central de atendimento na rodoviária de Porto Alegre; funcionários de hotéis próximos à região também conhecem o lugar e o indicam, mas há que se ter uma certa familiaridade com o tema para conhecê-lo. Além de haver estado lá à procura de informação, vários anos antes, eu mesmo por ser natural do Uruguai e conhecer outros uruguaios que utilizam o salão paroquial para suas reuniões festivas, tinha uma familiaridade com o lugar e com as pessoas que ali transitavam.

Este trabalho é produto dessa familiaridade e da necessidade de estranhamento, de buscar outros pontos de vista sobre a experiência imigratória contemporânea, provocando algum deslocamento de meu próprio ponto de vista. Misturar códigos lingüísticos ou transitar entre códigos simbólicos e referências tidas e vistas como “nacionais” para exprimir uma experiência imigratória não são para mim novidades.

A motivação desta dissertação é de aproximar-me da riqueza das narrativas dos sujeitos sobre a experiência de ruptura. Para tanto, devia “estranhar” essa experiência e, portanto, formular perguntas que pudessem iluminar melhor os significados atribuídos à imigração por outros protagonistas, sejam eles imigrantes, sejam eles os mediadores que interferem nas reflexões e decisões a respeito da imigração.

Procuro ainda observar as experiências de imigrantes de outras nacionalidades na Região Metropolitana de Porto Alegre, na tentativa de entender quais são e como lidam com as tensões produzidas pela ruptura e continuidade associadas ao deslocamento, e como essas tensões manifestam-se na forma pela qual essas pessoas repensam o mundo e a si mesmas.

Usei o termo “imigrante estrangeiro” para referir-me ao nacional de um país que migra a outro país com intenções de fixar moradia nele. Portanto, ao falar de ‘imigrantes estrangeiros’, estou, primeiramente, distinguindo dois contextos migratórios diferentes: o das migrações externas e o das migrações internas. Em segundo lugar, o termo implica sobretudo pensar em uma origem e um destino, evoca uma intenção explícita e uma causalidade e não se reduz à condição legal a ele imputada, como “uruguaio”, “estrangeiro” ou “imigrante”. Estas são categorias úteis para exprimir uma experiência ou uma reflexão sobre a experiência de alteridade.

Logo no início do trabalho de campo, antes mesmo de haver definido qual seria o

foco da futura investigação, a problemática envolvendo documentos de permanência que permitissem trabalhar e viver no Brasil surgiu relevante, tanto na entrevista inicial com o Padre João, quanto nas entrevistas realizadas com os primeiros sujeitos de pesquisa. Como lidavam os imigrantes estrangeiros em situação irregular com a falta de documentos? O que significa para eles ter ou não ter documentos? E, sobretudo, como a falta de documentos se relacionava com outros aspectos de sua vida e de sua experiência enquanto imigrantes estrangeiros?

Ao final do primeiro encontro com o padre, ele disse que falaria sobre a minha pesquisa com os imigrantes que freqüentavam a paróquia. Alguns dias depois, telefonei. Dona María, Rosa, Lucy e Manuel haviam concordado em conversar comigo e deixado seus telefones para contato. Minha intenção, entretanto, não era entender o universo do CIBAI Migrações em si, senão ter um entendimento mais amplo sobre as experiências de ruptura dos imigrantes estrangeiros residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Eu mesmo - um estrangeiro - sabia que o CIBAI Migrações era uma referência importante e confiável sobre questões de documentos, mas desconhecia a abrangência do universo de pesquisa e que também existiam outras redes institucionais em torno das quais outros imigrantes congregavam-se. Então, era necessário mapear os caminhos por onde os estrangeiros circulavam. O CIBAI Migrações fora um ponto de partida para chegar aos entrevistados.

Logo descobri que o CIBAI Migrações cedia o espaço dentro da Paróquia da Nossa Senhora da Pompéia para outras organizações congregadoras de estrangeiros e que o próprio CIBAI Migrações circulava dentro de uma rede de instituições de ajuda mais amplas que atendem outras situações “legais” (imigrante, refugiado, turista). Além dos estrangeiros que de forma direta ou indireta conheci através do CIBAI Migrações, o contato com estudantes universitários e amigos, bem como da participação em eventos promovidos pelo próprio CIBAI Migrações e por universidades (UFRGS, IPA e Unilassale), permitiram que pudesse ampliar meu universo de pesquisa e mapear melhor as redes dos entrevistados e conhecer mais as redes de ajuda mútua que freqüentam em Porto Alegre.

A fim de fundamentar teoricamente minha análise dos resultados desta pesquisa, partirei de uma visão desnaturalizante dos conceitos comumente empregados ao pensar

o fenômeno migratório. São eles: “estrangeiro”, “migrante”, “imigrante”, “nacional”, “política”, “sujeito” e “(i)legalidade”. Partirei também do pressuposto que existem significados associados à representação do outro que são o resultado de uma negociação simbólica. Tal negociação implica, necessariamente, a desconstrução da superposição de categorias de classificação que acompanha toda relação de alteridade e que está fundamentada nas representações do “outro”. Portanto, considero que os entrevistados são classificados e manejam distintas classificações atribuídas, negociam significados à procura de sua identidade como pessoa.

Enunciarei a seguir a forma como foram empregados certos termos recorrentes neste trabalho. À medida que nos aproximamos de reflexões e negociação de sentidos, é importante tornar claro o uso que faço de alguns termos.

O termo ‘imigrante’ será pensado também como referência a alguém que procura estabelecer-se em um lugar diferente daquele do qual procede. Já o termo “estrangeiro” foi utilizado neste trabalho no contexto de construção de uma alteridade. Como em “O Estrangeiro”, de Georg Simmel (1983), citado na epígrafe, pensarei a categoria estrangeiro em seu caráter relacional. Simmel parte do pressuposto que ser estrangeiro é, de fato, uma forma de interação, determinada pela coexistência de distanciamento e proximidade, de imanência e exterioridade. Para Simmel, a relação entre estrangeiros e não estrangeiros prima por seu caráter abstrato. Proximidade e distância conjugam-se de tal forma que o que liga um estrangeiro a um nacional são os traços genéricos e comuns a muitas pessoas. Por isso, aquilo que não é comum a ambos adquire relevância.

No contexto das relações entre estrangeiros e nacionais, há sempre uma tipificação do outro a desconstruir: a figura do estrangeiro nunca vem vazia. Como Simmel diz claramente, a mera condição de origem, mesmo que essa origem seja mais um ‘ser de fora’ do que um ‘vir’ de um lugar em específico, impregna a figura do estrangeiro desde o primeiro contato. Paralelamente, o estrangeiro, como veremos no capítulo sobre representações, traz em sua bagagem uma representação do nacional, que com o tempo irá ressignificar. Todavia, a balança pesa mais para o lado do estrangeiro, por estar ele sujeito a uma dupla categorização, a de estrangeiro per se e a categorização étnica ou nacional.

Assim, quase toda interação entre estrangeiros e nacionais parte de uma

identificação do lugar onde se é colocado mais do que de uma negociação entre sujeitos. Portanto, as definições de Simmel nos lembram da carga simbólica dessa forma de classificar as pessoas. Sempre que o termo for empregado, haverá implícita ou explicitamente uma referência à negociação de identidades e significados resultantes de um encontro entre “*alters*”. Ele será usado em contraposição ao termo ‘nacional’, em contextos e com implicações semelhantes.

Um dos aspectos que atravessam este estudo, decorrente talvez da perspectiva diacrônica a partir da qual foi concebido, é o fato de que, tanto as interpretações dos sujeitos desta pesquisa sobre suas trajetórias, quanto o próprio fenômeno migratório em sua totalidade e a minha interpretação de ambos estão imbuídos de explicações políticas. Por isso, o termo ‘política’ é recorrente ao longo deste trabalho. Como lembra Magalhães (1998), há várias formas em que o termo pode ser empregado e compreendido. Aqui, o termo será empregado de três formas diversas: primeiramente, como relações de poder, ou seja, apontando para a distribuição do poder dentro das relações entre pessoas ou coletivos como parte da interação. O conceito do que é político será também empregado enquanto modalidade de um idioma mediante o qual os sujeitos situam-se e situam seus interlocutores em uma comunidade de sentido. Assim, contextos políticos são contextos discursivos que configuram uma realidade apreendida pelos sujeitos dentro de um campo de formas possíveis. Finalmente, ele também será empregado enquanto intenção de concretizar uma visão de um determinado fenômeno através de normas específicas. Teremos as políticas migratórias, por exemplo, regulando o ingresso e a permanência de imigrantes conforme uma visão do fenômeno migratório e dentro de um jogo “político”, em uma escala mais ampla das políticas nacionais. Meu objetivo é o de focar os sujeitos que vivenciam diretamente uma experiência de ruptura, a qual torna evidente o jogo político entre estados nacionais no qual o fenômeno migratório tem sido analisado.

O termo ‘sujeito’ apresenta uma conotação ambígua. Transcrevo duas definições do termo do dicionário Aurélio Século XXI: “O indivíduo real, que é portador de determinações e que é capaz de propor objetivos e praticar ações.”, e ‘súdito, vassalo’. O termo ‘sujeito’ será empregado neste trabalho para referir-se àqueles indivíduos que são capazes de agenciar uma transformação ou levar adiante uma ação dentro de um campo de possibilidades que os ultrapassa e freqüentemente escapa a sua percepção.



É também necessário levar em consideração que as migrações têm lugar no interior de uma sociedade estratificada e atravessada por questões de diversas feições. Parto do pressuposto de que categorias de classe, nacionalidade, grupo étnico, cor, idade, gênero e filiação política ou religiosa são perspectivas fundamentais das relações que se costuram no espaço liminar existente nos interstícios dessas classificações, ou seja, no interior daquilo que Susan Stanford Friedman (2002) denominou espaços-fronteira, que não se correspondem necessariamente com espaços de fronteiras geográficas. Parafraseando a autora: “(o espaço-fronteira) ... é simultaneamente lugar de encontro, de interação e de troca, que é o mesmo que dizer lugar de relação e das narrativas identitárias que tais relações geram” Deduzo, portanto, que se trata de lugares vazios de definições onde os atores envolvidos – “estrangeiros” e “nativos”, neste caso – elaboram significados mediante negociação, e que esta negociação de significados acontece porque os sujeitos em questão falam de e a lugares diversos.

Trata-se de um estudo antropológico sobre as migrações recentes na Região Metropolitana de Porto Alegre. Entendendo a antropologia como uma ciência interpretativa, o trabalho antropológico implica a busca de significados e a atribuição de sentidos, levando em conta o contexto em que o diálogo entre pesquisador e sujeito de pesquisa tem lugar. Dessa forma, posso dizer que trabalharei com uma perspectiva dialógica tentando elaborar não um discurso sobre o “outro” senão um diálogo com ele, o qual tem lugar em um contexto específico.

Portanto, recorri a técnicas como entrevistas semidirigidas gravadas, conversas formais e informais, observação participante, percorrendo os lugares onde se reúnem os mediadores para debater assuntos que lhes eram de interesse coletivo. Também realizei entrevistas em suas casas. Tal expediente garantiu um certo distanciamento da influência discursiva dos mediadores que atuam no acolhimento.<sup>2</sup> Por tratar-se de um universo de pesquisa composto principalmente por pessoas que procuram os serviços do CIBAI Migrações, ou seja, pessoas que mantêm uma posição periférica à organização, e pessoas não relacionadas à instituição, as entrevistas individuais aparecem como fonte principal.

---

<sup>2</sup> Sobre o discurso dos mediadores, ver a dissertação de mestrado de Michelli Machado (2005)

As entrevistas sobre a trajetória dos sujeitos deslocados forneceram um material elucidativo e inesgotável sobre as formas como precisaram e precisam negociar sua identidade. Como disse Michael Pollak (1990):

*“Dans ces recherches, l’approche biographique deviant un instrument d’investigation privilegie. Em effect, la méthode biographique em sciences sociales a donné lieu aux résultats le plus probants lorsqu’elle a été appliquée aux phénomènes de l’acculturation, de l’immigration et des rapports interethniques, et aux moments forts du changement social et économique – chaque fois donc qu’un grupe social doit s’adapter à une contexte nuveau et redefinir son identité et sés raports avec d’autres groups”* (Pollak, Michael; 1990;p. 110)

Ao longo das entrevistas, os sujeitos desta pesquisa não somente recontaram suas histórias, senão que a própria entrevista serviu como provocador de uma reflexão sobre sua trajetória, revendo suas experiências.

No entanto, foi necessário também construir as redes de relações dos sujeitos de pesquisa a fim de dialogar com seus universos de relacionamentos e, ao considerar a entrevista não somente as palavras dos sujeitos, bem como o local escolhido por eles, as interações com o local e comigo, ou seja, o evento em sua totalidade, uma forma de observação participante esteve também em cena. Cabe, assim, lembrar Eckert (1996):

Na etnografia, as técnicas aparecem sempre interpenetradas. As entrevistas e diálogos entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados motivam depoimentos biográficos colhidos na dinâmica da experiência etnográfica" (Eckert, Cornelia, 1996,97 p.31)

Sabendo que o trabalho do antropólogo implica também a elaboração de um texto etnográfico, levarei em conta na sua produção que três são os agentes envolvidos: pesquisador, sujeito e leitor, todos eles reconhecidos por Raul Dias:

*"Nuestros relatos son frutos de um doble proceso de interpretación: el que efectua el entrevistado para ir armándose como personaje frente a nosotros y el que hacemos como investigadores cuando reinscribimos esse personaje que se nos mostro (y se nos ocultó em la entrevista). (Diaz, Raul, 1999).*

E: *“Quien lee participa de la creacion de sentido, pero de um modo circunstancial e histórico”* (Pina; 1988; apud Diaz, Raúl;1999).

**Um estrangeiro pesquisando estrangeiros** - Caberia pensar que o fato de eu haver sido um estrangeiro pesquisando estrangeiros tornaria minha inserção no campo mais fácil e o estranhamento da experiência dos sujeitos da pesquisa mais difícil. De fato, alguma familiaridade com a situação de estrangeiro e falar a mesma língua dos meus entrevistados facilitou minha entrada em campo, até certo ponto. Na realidade, ao longo do trabalho das entrevistas, observações de atendimentos, participação em eventos e em reuniões, eu tive a certeza de estar sendo constantemente observado enquanto observava, e minha interação com meus interlocutores estava constantemente sendo julgada. A aproximação com um dos três comitês "La Redota" fechou-me as portas aos outros dois, em função das desavenças entre eles, a ponto de alguns de seus integrantes não me cumprimentarem. Além disso, o fato de que os primeiros sujeitos desta pesquisa foram voluntários que deixaram espontaneamente seus telefones – embora a força de uma sugestão do pároco não deva ser desconsiderada – leva-me a pensar também que, em certa medida, fui escolhido por alguns dos entrevistados. Isso tudo remete às reflexões que James Clifford (1999) levanta a partir da fotografia da tenda de Malinowski no centro da aldeia Trobriand. Quem é que, de fato, está sendo observado? Qual é a situação do pesquisador em campo? Com quem ele mantém relações mais próximas e que conseqüências têm suas opções por alguns sujeitos em detrimento de outros? O fato de ser estrangeiro, em alguns casos compatriota, e falar a mesma língua, não me garantiu nem um acesso irrestrito nem a confiança incondicional dos meus sujeitos de pesquisa.

Além do mais, é necessário lembrar que toda relação, inclusive aquela entre pesquisador e sujeito de pesquisa, é uma relação de poder e está atravessada por questões de gênero, cor, origem, classe e de posicionamento político. Para ela, concorrem não somente as socializações primárias de cada um, mas também as diferentes trajetórias, que cruzam contextos e mentalidades diferentes. Portanto, os significados dessa relação estão imersos, desde o início e ao longo de todo o trabalho de campo, em constantes negociações do lugar de cada um e do que pode e deve ser dito. Em vista do entrelaçamento de experiências de todos os envolvidos em uma pesquisa, penso que é pertinente pensar como se coloca, não o antropólogo que pesquisa as experiências de "estrangeiros" e com eles compartilha de uma posição "em comum", senão o antropólogo em geral, perante as vivências dos seus sujeitos tão diversas das

próprias, mas que se surpreende ao ver refletidos neles alguns aspectos – e só alguns - de sua própria experiência e preocupações.

Pensar antropologicamente a experiência migratória na América Latina no tempo presente, implica considerar, entre outras coisas, as transformações sócio-políticas que se tornam evidentes nos discursos das pessoas. É preciso levar em conta, além da maior exposição aos diversos discursos permitidos pela proliferação e maior alcance dos meios de comunicação, as mudanças políticas ocorridas durante o último quarto do século passado, para ver de que forma os sujeitos migrantes apropriam-se de discursos novos ou outrora proibidos pelos governos de fato. De que forma o discurso feminista, por exemplo, influenciou no fato corrente de que uma parte dos grupos familiares migrantes é chefeada por mulheres? É possível continuar pensando a experiência migratória como associada unicamente a uma procura por melhores condições de vida ou há outros fatores motivadores? Qual a relação entre a experiência migratória e processo de individuação, freqüentemente mencionado como característica da modernidade e da pós-modernidade? Portanto, em escala mais ampla, as migrações contemporâneas são analisadas como um efeito de diversos fatores. O que pretendo aqui é uma aproximação com os protagonistas que, por certo, são atravessados por novos e velhos discursos sobre a imigração.

Há uma idéia comum de que os imigrantes no sul do Brasil são algo do século XIX: italianos e alemães. Ou de que as imigrações atuais são um desdobramento das experiências já trilhadas por imigrantes que se evadiram das ditaduras militares das décadas de 1960 e 1970. No primeiro capítulo trarei alguns dados demográficos sobre a presença de estrangeiros latino-americanos na RMPA. Dedico o primeiro capítulo a descrever o universo de pesquisa – quero mostrar que “eles existem” e, embora sejam em sua maioria uruguayos, há uma diversidade a considerar. Neste capítulo, faço uma descrição das trajetórias dos entrevistados que servirá de base para a reflexão nos capítulos seguintes.

No capítulo dois, quero mostrar que a classificação dos “imigrantes estrangeiros” em “imigrantes políticos” e “imigrantes econômicos” é insuficiente perante as reflexões tecidas pelos protagonistas sobre a experiência de ruptura, e considero outros aspectos

para a compreensão dos sentidos da imigração.

No capítulo três, interrogo sobre as motivações que levaram ao deslocamento a partir dos depoimentos dos entrevistados. Coloco em relevo alguns aspectos importantes na decisão de migrar, trazidos às entrevistas. Saliento as reflexões sobre a ruptura e a escolha de um lugar de “destino” do “ponto de vista do nativo”.

No capítulo quatro, trato dos mediadores de acolhida ao lugar de chegada. Mesmo que a migração seja implementada como um projeto familiar (capítulo 3) e envolva uma rede de relações a fim de que possa ser concretizada, há um conjunto de exigências legais que podem inviabilizá-la. Descrevo os principais mediadores, as instituições nacionais e as formas de associação dos estrangeiros na RMPA, observando quais são os aspectos relevantes que as atravessam. Cada mediador se inscreve em um determinado agenciamento, alguns enfatizando uma unidade étnico-nacional, outros uma unidade religiosa, outros uma mais politizada.

No quinto capítulo, apresento a esfera institucional e as leis de estrangeiro que incidem sobre o imigrante, bem como as inovações produzidas sob os acordos do Mercosul no concernente ao trânsito e circulação de pessoas. Teço, também, considerações sobre como os imigrantes manejam as limitações geradas pela condição de estrangeiro. O “documento” é um dos aspectos dessa experiência migratória contemporânea a serem conhecidos, especialmente, do ponto de vista daqueles que buscam documentar-se.

Por fim, no Epílogo, pondero sobre o “ônus e o bônus” da situação de “estrangeiro”, apontando para a singularidade da experiência migratória contemporânea e as reflexões que suscita sobre Estados nacionais e a “nacionalidade”, bem como as maneiras naturalizadas de pensar a “cidadania”.

A fim de preservar as identidades dos sujeitos desta pesquisa, todos seus nomes foram trocados. Além disso, nem todos os sujeitos desta pesquisa foram incluídos enquanto personagens no capítulo 1, por razões de espaço. Foram escolhidos aqueles sujeitos que apresentam modelos de ruptura diversos entre si.

As descrições dos personagens desta pesquisa são permeadas por algumas de suas intervenções. Nesses casos, mantive suas falas na língua

nativa, o espanhol. Elas encontram-se entre aspas duplas (“ ”) aquelas expressões por eles usadas que poderiam ser pensadas como empréstimos do português, por não existirem em espanhol, foram destacadas entre aspas simples ( ' ') para possíveis futuras análises. Entre aspas simples ( ' ') encontram-se também as referências a locuções anteriores próprias ou de outras pessoas (Ex: “Le dije a Cristina, 'Cagamos. Son dos policías' ....” ).

## **CAPÍTULO 1**

### **Universo de pesquisa**

#### **A invisibilidade do fenômeno migratório**

Dedicarei este capítulo a desvendar quem são os estrangeiros que moram hoje na Região Metropolitana de Porto Alegre, e os sujeitos desta pesquisa em particular, a fim de conhecer, nos demais capítulos, como pensam e refletem sobre a experiência imigratória. Assim, inicialmente apresentarei alguns dados demográficos relativos à presença estrangeira sul-americana no Rio Grande do Sul - na RMPA especificamente -. Posteriormente, apresentarei os sujeitos na situação de entrevista, para depois analisar alguns aspectos que são recorrentes em suas narrativas, contrastando as análises com aspectos semelhantes trazidos pela literatura sobre o fenômeno migratório.

#### **1.1 – Os estrangeiros na Região Metropolitana de Porto Alegre**

Segundo um estudo realizado pela socióloga Neide Patarra e apresentado no Congresso da ANPOCS de 2004, estima-se que há, no Brasil, em torno de um milhão de estrangeiros, cifra que se mantém estável ao longo dos últimos dez anos. Entretanto, entre 1993 e 2000, o Ministério do Trabalho outorgou visto de trabalho a 62.890 pessoas. É nítida, portanto, a desproporção entre estrangeiros indocumentados e migrantes legais. Foram registrados, no censo de 2000, 651.000 estrangeiros no Brasil. Ao longo da última década, intensificou-se o fluxo de estrangeiros oriundos dos países do Mercosul e do Mercosul ampliado em direção ao Brasil, constituindo 40% do fluxo migratório total ainda conforme os dados apresentados por Patarra. As cidades brasileiras privilegiadas pelos mercosulinos são Rio de Janeiro e São Paulo.

Conforme os censos do IBGE, a população estrangeira do Rio Grande do Sul caiu gradativamente de 109.470 em 1940 a 38.998 estrangeiros no ano 2000. Entretanto, a população oriunda de países da América Latina passou de 29.054 estrangeiros em 1940 a 24.310 em 2000, o que significa um aumento significativo em termos percentuais com relação ao total de estrangeiros. As populações dos quatro países representados nesta pesquisa – Uruguai, Argentina, Chile e Peru – manteve-se em aumento, especialmente a partir da década de 1970:

<b>País/censo</b>	<b>1840</b>	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
<b>Uruguai</b>	22.703	14.612	8.785	9.909	14.043	14.723	16.637
<b>Argentina</b>	5.268	3.194	2.690	2.647	3.753	4.072	4.477
<b>Chile</b>	72	65	151	162	773	1.103	773
<b>Peru</b>	13	16	46	55	134	289	372
<b>Paraguai</b>	287	198	211	256	401	394	738
<b>Bolívia</b>	13	21	58	130	307	357	372

Referência. Zamberlam, Jurandir; 2004

É interessante que o número de paraguaios segundo todos os censos do IBGE seja maior do que o de peruanos e do que o número de chilenos no período 1940 – 1970. Entretanto, como iniciei meu trabalho de campo a partir dos dados do CIBAI Migrações, escolhi privilegiar os peruanos nesta pesquisa por várias razões. Primeiro, percebe-se que o número de paraguaios é bem menor nas tabelas de atendimentos do CIBAI Migrações; segundo, os dados do IBGE apresentados dizem respeito ao estado do Rio Grande do Sul, não à RMPA; e terceiro, a comunidade peruana tem uma projeção significativa dentro da coletividade de estrangeiros na região, e no CIBAI Migrações.

Acredito ser interessante comparar esses dados às tabelas de atendimentos a estrangeiros publicadas pelo CIBAI Migrações no boletim “Família da Pompéia”. Reproduzirei apenas os seis maiores contingentes de estrangeiros das tabelas. O CIBAI Migrações realizou, entre janeiro e julho de 2003, 233 atendimentos a uruguaios, 141 a argentinos, 59 a peruanos, 55 a chilenos e 50 a italianos. Já ao longo de todo o ano de 2004, foram 984 atendimentos a uruguaios, 349 a argentinos, 301 a italianos, 203 a peruanos e 144 a chilenos. Entre janeiro e junho de 2005, foram realizados 379 atendimentos a uruguaios, 213 a argentinos, 147 a peruanos, 140 a italianos e 114 a chilenos. Nos três primeiros meses de 2006, os uruguaios continuam a encabeçar a lista, com 234 atendimentos, seguidos pelos argentinos (134) os peruanos (82) chilenos (53) e bolivianos (49). Embora esses dados não sejam conclusivos com respeito ao número de estrangeiros que chegam à RMPA com intenções de fixar moradia, eles, em primeiro lugar, apresentam um padrão de atendimentos efetuados pelo CIBAI Migrações que reflete, de um lado, os dados sobre os fluxos migratórios de estrangeiros em direção à RMPA e, do outro, uma procura pelo CIBAI Migrações que traduz ambas a sua inserção como lugar de referência no contexto dos fluxos migratórios à região, e a vocação



historicamente consolidada da organização.

É necessário e importante lembrar que os dados censitários disponíveis não refletem necessariamente um amplo universo dos contingentes, dado que a grande maioria, por não ter documentos de residência, omite-se durante a visita do entrevistador censitário. Portanto, nem as tabelas do CIBAI Migrações nem os dados apresentados pelo IBGE podem ser considerados definitivos sobre o número de estrangeiros. Entretanto, um fato deve sim ser destacado. A grande maioria das pessoas que procuram o CIBAI Migrações – se não todas – são estrangeiros em situação irregular, o que aponta para um fluxo significativo de estrangeiros chegando a Porto Alegre em períodos relativamente curtos.

Por outro lado, considerando que, desde o século XIX e ao longo da primeira metade do XX, o Brasil implementou algumas políticas de estímulo à imigração, embora seletivas, cabe pensar se esta invisibilidade do fenômeno migratório não é um fato recente. Resulta interessante, então, observar como os censos têm tratado a questão migratória nas últimas décadas: os censos de 1960 e 1970 incluem tabelas cruzando o número de estrangeiros e naturalizados brasileiros a níveis nacional, regional, estadual e municipal com grupos de idade, sexo e país de origem. Os censos de 1980 e 1991 apresentam tabelas com os números de estrangeiros e nacionalizados brasileiros nos municípios e regiões metropolitanas, por sexo e grupo de idade, mas os países de origem não foram levados em conta. O censo de 2000 apresenta apenas tabelas considerando o número total de estrangeiros e naturalizados brasileiros em relação à população nativa nas unidades da federação. Logicamente é necessário conhecer o número de estrangeiros em cada município para se obter o total por estado, mas o que interessa aos fins deste trabalho é que esses dados não foram publicados nem é possível obtê-los usando o SIDRA<sup>3</sup>.

Cabe pensar na possibilidade de que esta forma de (des)considerar a questão migratória acompanhe, de alguma forma, a situação política do país e da América Latina, já que, como sugere a elaboração dos censos, o maior controle coincide com os anos do governo de exceção, e de que ela seja também mais um reflexo de como a rigidez do Estatuto do Estrangeiro torna-o cego à realidade desse fenômeno social. Todavia, é

---

<sup>3</sup> Sistema IBGE de Recuperação Automática. Permite os cruzamentos de dados não apresentados nos censos do IBGE.

preciso também lembrar que as políticas de descentralização administrativa implementadas a partir da década de 1990 transferem aos estados e municípios uma boa parte da responsabilidade pela implementação de políticas públicas. (www.ibge.gov.br) Como a resolução de problemas sociais está atrelada a um conhecimento da população, caberia então aos municípios e não mais ao Estado brasileiro fazer um levantamento acurado sobre as características das populações locais. Embora isso, a FEEE<sup>4</sup> tampouco tem dados sobre a população estrangeira nos municípios da RMPA.

Para esta dissertação, iniciei a pesquisa exploratória através de um universo de investigados previamente disponibilizado pelo CIBAI Migrações. Meu intuito não é o de verificar a abrangência do atendimento do CIBAI Migrações ou sua influência sobre os estrangeiros, mas efetuar uma aproximação com os demandantes de ajuda, inicialmente contatados através do CIBAI Migrações e, dessa forma, conhecer as vicissitudes da experiência dos imigrantes contemporaneamente.

## **1.2 – Uma descrição e aproximação com os sujeitos da pesquisa**

### **1.2.1 Francisco**

Cheguei a Francisco através de sua filha, argentina naturalizada brasileira, estudante de medicina e minha aluna particular de inglês. Combinamos uma entrevista na livraria de que ele é proprietário, na Faculdade de Arquitetura da UFRGS<sup>5</sup>. Para entrar na faculdade, precisei me identificar como estudante da universidade.

Francisco chegou ao Brasil no dia 6 de março de 1983. *"Veintitrés años y medio"*. Em 1980, veio visitar a irmã que morava em Porto Alegre, com a esposa e os três filhos pequenos, de 3, 7 e 8 anos: *"Me encantó Porto Alegre; fuimos a la playa, a Capão da Canoa, fuimos a Gramado. Dije: 'Este es el país que yo me voy a venir a vivir' "*. Só alguém que morava em outro país do Cone sul poderia compreender: *"Es obvio que Brasil tiene algo que captiva a la gente, nosotros vivíamos en Argentina, había una represión tremenda. Yo tenía en ese momento amigos desaparecidos, una hermana torturada que la largaron. Aquí parecía el paraíso comparado con Argentina. Me parecía mentira que en*

---

<sup>4</sup> Fundação Estadual de Economia e Estatística

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Brasil, que se hablaba de represión, se viviera con tanta libertad" A família voltou para Argentina, e em 1982: "cuando comienza la guerra de las Malvinas... yo soy un pacifista... no sabía que hacer" A irmã estimulou-o a vir ao Brasil. Escutou no rádio que o governo pretendia chamar os reservistas, "esto es una locura, preparé todo em uma tarde y a la noche vinimos para aqui com mis tres hijos y mi mujer". A guerra terminou, voltaram à Argentina. No natal do mesmo ano, voltaram de visita. Então: "mi hermana conocia a una familia Zaffari, Pedro Zaffari, dueño de los supermercados que yo le había hecho un favor muy grande a la mujer en un viaje de ella a Argentina" O novo amigo convidou-os a um churrasco em sua casa: "'venite a Brasil, que yo tengo empresa y te puedo ayudar' ". Vendeu o que tinha em Buenos Aires e voltaram a Porto Alegre. "Compré un apartamento, anoté a mis hijos em la escuela. En el colegio Paraná". Porém, no departamento de pessoal das empresas Zaffari: "Me dijeron: 'Tenés que ir a hacer todos los trámites para conseguir la radicación. Pensando que era fácil, me fui al Ministerio de Trabajo...Resumiendo.... y esto lo digo con conocimiento de causa, no hay ley de extranjeros más rígida en todas las tres Americas que la brasilera. Inclusive es más rígida que la ley americana. Fue imposible. Me quedé clandestino" Fez serviços informais para sobreviver e manter a família. Em 1988, foi denunciado à Polícia Federal e deportado. "A mi solo, por suerte." E continua: "eso causó una revolución en mi trabajo..." e logo depois "No, yo no soy arquitecto, soy el librero de los arquitectos ", rindo. E continua: "Conocí muchísima gente importante y todo el mundo me preguntava 'vos quieres volver a Argentina?'. No, yo inclusive ya me sentía brasilero" Teve algumas ofertas de comprar a carteira de identidade, mas "Yo siempre me mantuve dentro de la lei. Tuve la suerte que en 88, en marzo, me agarraron. De marzo a octubre hice unos quince viajes a Argentina buscando papeles. Iba con un papel a la Policía Federal, llevaba todo y siempre faltaba otro papel. Nunca me decían todos los papeles. Me decían de a uno". Gastou muito dinheiro em carimbos e traduções. Até que um dia de outubro de 1988, chegando à casa de uma viagem de Argentina, recebeu um telefonema de um amigo de São Paulo que lhe disse: "Te felicito. Sos brasilero ahora. Acaba de salir una amnistía que le va a dar a todos los extranjeros ilegales la residencia". Quem o chamou foi um amigo jornalista da Revista Projeto, que ele representava neste estado. "Me fui corriendo al centro a comprar la Zero Hora, cuando vi la ley de extranjeros lloraba como un chico. Al*

*otro día fui a la Policía Federal y me dijeron ‘vas a ser el primero extranjero que en Porto Alegre va a tener la cartera’ ”*

*Sobre o día en que foi deportado: “cuando llegó la policía aquí (à livraria) mi hijo, muy inteligente, se dió cuenta y se fue.” Quando ele, o pai, chegou a casa, todos choravam. Explicou que ia ter que ir à Argentina, mas que eles podiam ficar no Brasil. “la policía te agarró a vos. Andate vos, trabajá y nos mandas plata, porque. nosotros no nos queremos ir” disse o filho. “toda a familia se adaptó muy bien al Brasil. En el 90, cuando en la copa del mundo Argentina juega con Brasil, en casa había unos 25 argentinos, todos hinchando por Argentina y yo por Brasil”. Francisco está nacionalizado: “yo creo que mi nacionalidad es brasilera la tierra de uno, es la tierra donde vive... la gente no elige su patria, lementablemente, yo nací en Argentina por eso soy argentino, pero en realidad no me siento argentino, me siento brasilero porque mi futuro está aquí, mis hijos se criaron aquí, estudiaron aquí, yo voy a morir aquí, mis nietos van a nacer aquí ... cuando tengo una oportunidad voy a Buenos Aires, pero voy porque es lindo, si tuviera mucha plata me iría a Europa.... yo hice una fiesta el día que me salió la nacionalidad, porque para mi es una cosa muy importante.... quizás me quedó el trauma de la expulsión del país, porque no hay cosa más humillante para el ser humano que ser expulsado de un país. Ahora no me pueden hechar más de Brasil, y si hago algo errado, me van a tener que aguantar aquí y lo pagaré aquí. Un día las fronteras no van a existir. Lo importante es que vos vivas bien, trabajes, y no jodas a nadie y tengas una vida pacífica.. en eso me ayudó mucho Brasil, el pueblo brasilero es fantástico, yo me sentí desde el día que llegué en casa. No me sentí nunca discriminado aquí. Yo me hice brasilero no por miedo a la discriminación, me hice porque, para mi, mi nacionalidad era brasilera. Yo salgo de Brasil y a los seis o siete días estoy loco por volver. Quizás será también que yo vivo en frente al Guaíba, la vista es... tengo el río en casa. Tomo mate en el balcón, entonces claro, yo soy ambientalista, pacifista entonces tengo una paz que es algo fantastico, todo eso no lo tenía allá. Lo tuve aquí mi hijo el mayor también es ambientalista, en casa todos. Él entró en la Green Peace en el año 82. fue el primer gaucho que viajó en el barco del Green Peace. Los cinco estamos nacionalizados e felices de estar en Brasil. Marcelo tiene 32 años, Sebastián está ahora en Nova Zelandia, se fue a hacer doctorado y Dolores está haciendo ‘mestrado’ en la UFRGS en medicina, y Marcelo optó por largar la UFRGS,*

*estaba haciendo educación física, surfó por toda América Latina, largó y ahora está a cargo de la otra librería, en la Ritter dos Reis.”*

Quando chegou ao Brasil, e não tinha trabalho, a irmã, casada com um arquiteto, tentou ajudá-lo a conseguir um trabalho no IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil). Ofereceram-lhe para vender anúncios num jornal: *“yo nunca fui vendedor, pero la necesidad de tener una mujer y tres hijos...”*. Teve sucesso como vendedor de anúncios e conseguiu levar adiante o jornal, que, conta, não estava conseguindo ser publicado por falta de verbas. Os sócios não pagavam a mensalidade e era necessário contratar uma empresa de cobrança. Chamou o diretor e disse-lhe: *“ 'No vayan a buscar una empresa de cobranza, yo tengo una' La acababa de crear. Yo crié un sistema de cobranza diferente”*. E explica como fazia para cobrar as anuidades atrasadas. Tenía 10 instituciones, sindicato de ingenieros, sindicato de arquitectos, de psicólogos. Um conhecido perguntou-lhe se sua esposa, Cristina, não podia trazer da Argentina um livro que no Brasil não existia. Começaram a vender livros argentinos: *“Tenemos cara de buenos, no se. Se vino con una valija de libros. De contrabando. En la aduana le preguntaron ‘que trae?’ ‘libros’ .Libros no pagan impuestos, y consiguió pasar. Yo me fui con la valija al centro administrativo y que demoré? Si demoré dos horas es mucho.” “En español?”* perguntei afirmando. *“Todos en español”*. Houve uma segunda viagem com livros. Descobriu que os arquitetos em Porto Alegre somente conseguem livros viajando a São Paulo ou Rio de Janeiro. Foi a São Paulo de ônibus, e conseguiu alguns distribuidores *“comencé despacio, con poca cosa”*. O diretor da faculdade de arquitetura, que então trabalhava no centro administrativo, convidou-o para vender livros na faculdade. *“Fui creciendo, creciendo, monté una firma, con notas fiscales. La firma, como estaba clandestino, la tuve que poner a nombre de un hijo del marido de mi hermana”*. Em 1988, instalou-se no local. E continua *“Tuve problemas con otros librereros, porque aqui se explotaba mucho al cliente”*. E mais adiante: *“Un día me amenazaron, yo no les di ni 5 de bolilla<sup>6</sup>. Los otros abandonaron, yo me quedé solo vendiendo”*

Perguntei por que somente ele havia sido deportado, e não o resto da família: *“Porque me agarraron a mi trabajando”*. E descreve *“el policía muy discreto, todo, me pidió los documentos ‘los dejé en casa. Venga mañana.’ “ . ‘No, vos tenés que acompañarme’*.

---

<sup>6</sup> Port. “eu não dei bola”.

*Me mostró la credencial muy discretamente, esperó que no hubiera nadie”. O policial esperou que ele fechasse a loja “y ahí me dió miedo, porque yo me acordé de la represión argentina. Pensé que me iban a secuestrar y que iba a desaparecer”. Perguntou “Donde está el ‘camburião’?” ‘No. Vamos en mi auto particular, que lo dejé a 200 metros’ . “ ‘Pero como...?’ . ‘Yo sé que sos ‘gente fina’. Vamos al departamento de policía. a charlar allá. No vas a quedar detenido ni nada. No hay ninguna violencia ni nada’. No departamento de policia: “Me atendió en aquel momento era un tal de Sherer. Muy grosero. medio violento, dando portazos, pero en ningún momento me pegó<sup>7</sup> ni nada. Se puso nervioso cuando vió que tenía ‘cartones’ de credito, cuenta corriente. Me dijo que tenía tres días para salir del país. Le dije que no, yo conocía muy bien la ley; me sabía de memoria la ley de extranjeros. No estaba clandestino, estaba como turista, entonces yo tenía ocho días para salir”. Houve uma pequena briga entre o chefe de policia e Sherer, sobre o prazo para abandonar o país: ‘Tu mujer trabaja también y tus hijos están en la escuela. Sabian todo.’ Perguntei quem o tinha denunciado: “Un vecino mio que había trabajado en el sin, Servicio Nacional de Informaciones”, explica. “En la época de la represión, era sindico del edificio y robaba; y había pruebas y todo. Me pidieron si yo podía colaborar para desenmascarar a este señor y yo lo desenmascaré, con pruebas y todo. Él salió de síndico, tuvo un proceso, y me denunció a mi que yo estaba clandestino”. E continua: “era más fuerte que yo, para mi hay cosas que son más fuertes que el peligro. Yo tengo una educación, entonces, no me hacen cambiar a mi nada. En ese momento él era un ladrón que estaba robando de todos nosotros y que todos le tenían miedo. Yo sabía que era del SNI pero bueno, lo hice” . Ao ser deportado, Pedro Zaffari aconselhou-lhe a ficar sete dias na Argentina e voltar, prometendo ajudá-lo. Ao regressar, o amigo disse-lhe que falasse com “João Carlos” e deu-lhe o número de telefone. João Carlos era um ex-policial federal - Francisco lembra. Acompanhou-o a falar com o chefe da Policia Federal. “Parecia que yo estaba con el presidente de la republica. Todo el mundo lo abrazaba; João Carlos era Dios en el departamento. Chegamos al despacho del tal Sherer. Cuando llegamos, él ni siquiera golpeó a la puerta, entró directo. Sherer, a los gritos y abrazos. ‘João Carlos, cuanto tiempo!’ ”. Sherer perguntou a Francisco se falava alemão: “...entonces se pusieron a hablar alemán entre ellos y yo no entendía anda. Dos minutos después, me*

---

<sup>7</sup> Port. “não me bateu nem nada”.



*dice Sherer: 'lamentablemente yo no sabía quien eras vos. Quedate tranquilo, tu mujer no la vamos a ir a buscar, sabemos que trabaja en la Ritter, Tus hijos están uno en el Paraná (a escola Paraná) y dos en el Padre Reus. Vos no vas a trabajar, desaparecé del trabajo y te vamos a ayudar a regularizar tu situación, todo como corresponde, nada fuera de la ley. Lo único en que te vamos a ayudar es que tu expediente va a 'ficar' siempre abajo, hasta que vos consigas'. Me dijeron todo lo que tenía que hacer. Ahi comencé a buscar todos los papeles". No dia 04 de outubro, foi promulgada a anistia, e no dia seguinte a nova constituição entrou em vigor. "No tuve que darle un peso a nadie, no tuve que hacer nada por la izquierda<sup>8</sup>, como se dice, quedó bien claro que era todo dentro de la ley. Pedro Zaffari me contactó con el escritorio de Rio Grande do Sul en el Senado... se hizo todo. Cuando salió la amnistía me la dieron enseguida porque sabian que yo ya estaba tramitando"*

Voltei sobre o assunto da repressão na Argentina e no Brasil. "Acá no hubo represión, para mi no hubo. En el año 80 me decían 'estarán tentando, tentando aprender'. Algunas cosas me pasaron después que yo creía que iba a ser torturado y me iban a matar. En abril del 83, cuando salgo de casa y dejo todos los documentos. Estaba saliendo del centro administrativo y veo que la hoja de la temperatura estaba totalmente abajo del colorado. Yo no entiendo nada de mecánica. Me asusto y paro el coche. Estoy pensando y me doy cuenta que me olvidé de todos los documentos, míos y del coche. Hacía pocos meses que estaba, mucho no entendía de portugués todavía. En esos 10 segundos me golpea en la ventanilla un policía 'uy!', dije, yo no le entendía nada y veo que de repente me hacía que me quedara ahí. Yo estaba muerto de miedo, blanco, temblando, cuando veo por el retrovisor que llega un camburión y bajan cuatro policías militares. Yo en ese momento, pensé: 'sin documentos, me van a llevar al departamento de torturas, me van a torturar, van a pensar que soy un guerrillero, un tupamaro o un montonero y nunca más voy a ver a nadie.' Yo ya estaba por poco llorando. Me abren la puerta y me hacen señas que salga del auto. Yo hice lo que se hacía en la Argentina en ese momento; me puse contra el coche con los brazos extendidos y las piernas extendidas para que me revisaran. Me pongo así y se entraron a reír. Enseguida me entran a calmar, a tranquilizarme, yo no entendía nada. Me abraza y los otros tres policías

---

<sup>8</sup> Port. "Não tive que fazer nada por debaixo dos panos".

*empujan el coche para ponerlo arriba de la vereda. Porque claro, la Borges de Medeiros a esa hora tenía mucho tránsito, entonces yo estaba entorpeciendo, molestando el tránsito. Entonces lo que ellos querían era despejar la vía. Me pusieron el coche arriba de la vereda. Y se fueron. Yo no lo podía creer. Yo lo conté en Buenos Aires, en el primer viaje que hice, y me dijeron que yo era un argentino vende-padre, que lo único que hacía era hablar mal de Argentina. Que era todo mentira. Como que en Brasil, que había represión, me iban a tratar así?”. Na seqüência, Francisco conta algumas experiências com a repressão argentina, que por questões de espaço não vou narrar aqui. Depois continua: “Del año 77 al 83 yo salía de casa de mañana y trataba de llegar todos los días a más tardar cuando comenzaba a anochecer e no salía, yo me pasé cinco años sin salir a ningún lado por miedo. Yo tenía amigos desaparecidos, una hermana torturada, varios amigos torturados. Te cansabas de ver tiroteos, procedimientos, violencia. ... cuando encontraba una patrulla que era buena, me rebisaban el coche entonces le tenía que dar algo. Era coima<sup>9</sup> por todos lados, violencia. ... No le podías dar a nadie tu teléfono, porque si se lo dabas a alguien y lo agarraban en la agenda de otro, corrías el riesgo de que te invadieran tu casa. Tenías que tener mucho cuidado con lo que comprabas, porque no sabías si el librero te vendía un libro para saber lo que vos leías ... vos venís aquí, la policía te para y ni siquiera te pide documentos; que represión hay?. Aquí hubo una represión que murieron 500 personas, com 120 millones de habitantes. En Argentina, desaparecieron 30.000. el porcentaje es tremendamente mayor!. Yo lo vivo diciendo, yo conocí el Brasil en el 80 y hasta hoy no vi represión. Esto es el paraíso”. Continúa: “En Uruguay fue igual. Acá hubo represión... solo aquel caso de Lilian Celiberti. Claro hubo algunos casos, pero no se puede comparar Uruguay, Chile y Argentina con el Brasil.”*

E lembra de outra história em Porto Alegre: “Fuimos con Cristina a ver ‘Para Frente Brasil’ al cine. Llegué al cine y no había nadie. Le dije a Cristina ‘Acá nos hicieron entrar en una emboscada. Nos sentamos y a los cinco minutos llega un tipo y se sienta cuatro filas atrás, está para comenzar y entra otro tipo y se sienta cuatro filas adelante. Le dije a Cristina ‘Cagamos. Son dos policías, estamos jodidos’ Pensé, mejor nos quedamos hasta el final. Termina la película, salen los dos tipos, salimos. Tenemos la mala suerte que cuando estamos saliendo está pasando despacito un ‘caburión’. Con Cristina nos

---

<sup>9</sup> Port. 'propina'.



*miramos. Habíamos dejado el coche en la Bento Gonçalves. Agarramos el coche y nos fuimos. Fue una casualidad. Era tal la sugestión, que cualquier cosa... Mi mujer hablaba con todo el mundo de política en la calle a los gritos y no pasaba nada. En Buenos Aires, si alguien te escuchaba no sabés si te estaban denunciando, como debe haber sido en Uruguay”.*

*Perguntei se, desde aquele momento, havia visto o Brasil mudar “Lamentablemente... como cambió aqui cambió en Argentina también. Pero el Brasil no es el Brasil de 20 años atrás. Era todo más fácil. Yo creo que la mundialización explica todo. Desde que tenés que tener un 'crachá' para entrar en la facultad a cualquier edificio, tenés que mostrar documentos, es todo más difícil, abrir una cuenta en banco, ir al supermercado, pagar una cuenta. Todo el mundo desconfía, todo el mundo es ladrón, vos tenés que probar que sos bueno. Veinte años atrás era al contrario. Era todo el mundo bueno y el ladrón aprovechaba de eso. Hoy todo el mundo desconfía, todo el mundo tiene miedo, vos ves la violencia en el tránsito. Yo creo que la gente está muy mal por la falta de plata. No hay laburo<sup>10</sup>, se complicó mucho. Yo no me puedo quejar, tengo mi laburo aqui. Pero mi nivel de vida bajó muchísimo. Hoy me está costando llegar a fin de mes, y hace diez años atrás, viajaba. Cambió mucho la idiosincracia. Antes yo me acuerdo que el fin de semana estaba todo el mundo en la calle, hoy ya no lo ves. La playa en enero y febrero era una locura. Hoy alquilan una semana y nada más. Está todo mucho más difícil. El brasilero dejó de ser feliz como era antes, es menos feliz. Y lo más triste de todo es que se está persiguiendo la individualidad. La gente tiene miedo de salir, no se reúne. La situación económica no te permite que invites a tu casa... en la universidad, por ejemplo, no se puede tomar una cerveza, entonces aquellas reuniones de la gente discutiendo los viernes hasta las dos o tres de la mañana no existen más. Creo que la internet y el computador hacen que vos seas más individual también, la inseguridad. Todo va en camino a que seas individualista y que tengas que demostrar que sos bueno. Yo les digo a mis hijos que tengo suerte que estoy más cerca de la muerte que de la vida. Tengo 57 años”.*

---

<sup>10</sup> Port. 'trabalho'

### 1.2.2 - Andrés

Andrés administra uma lanchonete. Juan, seu ex-sócio e também um sujeito desta pesquisa, a quem entrevistara alguns meses antes, sugeriu-me que entrevistasse Andrés: *“Hace poco que me lo presentaron, pero es muy muchacho muy bien, muy trabajador”*, dissera Juan. Entretanto, foi somente quando uma amiga uruguaia em comum me acompanhou e apresentou a Andrés que lhe falei sobre meu trabalho e lhe perguntei se me permitia entrevistá-lo: *“Yo tenía miedo cuando. Juan me dijo, e inclusive él trato de disfrazar todo lo que te dijo.”*

Andrés é uruguaio, tem 38 anos e está no Brasil há 2 anos. Como seu pai, é mecânico de automóveis. Ele e seu irmão herdaram do pai uma pequena oficina em Montevideu: *“Con la parte que me tocaba a mi y una parte que me prestó una persona amiga compré el ómnibus”*<sup>11</sup>. *Ganaba bien; se trabajaba mucho pero ganaba bien. Pagaba el préstamo hasta que el dólar duplicó, más que duplicó. Cuando yo compré estaba a 12 y después pasó a estar a 30. Me daba bien para pagar una cantidad x; apretado pero vivía. Después, o pagaba o vivía. Hablé con la persona y me dijo: ‘Bueno pagame menos; y laburaba.. y laburaba todo el día. Yo trabajaba en el ómnibus, me levantaba a las tres de la mañana. Después que largaba el ómnibus me iba a trabajar en el taller de un amigo, chapeamento y mecánica. Llegaba a casa a las 9 o 10 de la noche. Todos los días lo mismo, así todos los días’*. E continua, *“Sacando las cuentas, iba a estar en ese ritmo ocho años más o menos, para pagar las deudas. Entonces decidimos... yo no tengo todavía,... pero yo puedo conseguir la ciudadanía italiana, porque mi abuela era italiana. Y la Idea era irme para España, irme a trabajar allá. Pero la Idea de irme a Europa no me gustaba, yo prefería venirme para Brasil.”* Falou com um amigo seu que morava em São Paulo havia um ano e importava peças para motos, em parceria com um exportador também uruguaio nos Estados Unidos: *“El está bastante bien, lo que pasa es que el loco había venido con plata. Me dijo ‘mirá, si querés venirme para acá podés quedarte en mi casa hasta que consigas algo’. Pedí una licencia especial en el ómnibus, podía tener hasta tres meses de licencia. Lo encaré mal. Salía a buscar trabajo con el bolso, me iba de taller en taller ‘soy mecánico, soy uruguayo’ ‘tiene papeles?’ ‘No’. Estuve 15 días mal,*

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar que o transporte coletivo em Montevideu é cooperativizado, e cada ônibus, pertencente a uma companhia, tem um dono.

*porque no conseguía. Me fui deprimiendo. En todo el tiempo de casado, ahora hace 15 años, pero en aquel momento hacía 13 años de casado, nunca me había separado de mi mujer y mis hijos mas de dois días. Empece a estrañar, estrañar como loco; lloraba. Aparte la decepción, viste?. Y el loco, macanudo, me dió un lugar, pero me hacía sentir que yo estaba sobrando, viste? El loco tenía um nivel de vida que yo no podía bancar. Entonces me fui deprimiendo. Y yo no llevé plata, llevé poca plata y claro, yo tenía que ayudar en todo lo que ellos gastaban. Yo, por mi, comía arroz, pero ellos no, viste?. Él estaba bien, es que acá tenés que tener contactos. El loco era judío, y viste que los judíos se ayudan. Él encontro otro judío que no se si era uruguayo o brasilero y le hizo um contrato de trabajo y él asi podia entrar y salir. Y después puso un negocio a nombre de él. Él no me quiso explicar mucho como era la situación. Él iba todos los meses de avión a Uruguay, pasaba um fin de semana y volvía. Mentiú: “ ’ me llamaron de Uruguay, tengo que volver’ . Y él me dijo: ‘Cuando vuelvas a Uruguay y veas la mierda que está te vas a querer volver para acá’ Y Bueno, a los tres meses me volvi. Llegué a Uruguay, volvi a trabajar en la empresa y estaba en la misma” E: “Seguia trabajando mucho, las cuentas estaban ahi”. Três meses depois, entrou em contato com outro conhecido que estava em Porto Alegre que também o convidou para ficar em sua casa, no caso de decidir vir morar nesta cidade. Veio três vezes a Porto Alegre, ficando poucos dias cada vez, sempre com a intenção de abrir uma oficina de automóveis. Foi ao consulado brasileiro para se informar sobre como obter documentos, mas era possível só com contrato de trabalho ou investindo no Brasil U\$S 100.000. Posteriormente, essa quantia diminuiu para 50.000 dólares. A última vez que veio, um dos sócios da lanchonete estava vendendo sua parte e Andrés ofereceu-lhe comprá-la: “Hicimos el negocio medio a las corridas, solo de boca, viste?”*

Passou seis meses indo e vindo e três meses morando na loja para poupar o dinheiro do aluguel: *“Los primeros 15 días, um mes, son horribles, especialmente los fines de semana”*. No primeiro mês, a esposa veio a Porto Alegre; no segundo, ele foi a Montevideú; no terceiro, ela e as filhas vieram a Porto Alegre: *“Después vino mi madre, viste, y asi lo iba llevando, hasta que vinieron, se quedaron”*.

Estudou até o primeiro ano do segundo grau no Uruguai, depois estudou mecânica e começou a trabalhar com o pai. Também era jogador de um time de futebol. A oficina

que heredó del padre era en sociedad con el hermano y un otro mecánico: “50 años mayor que nosotros”. La sociedad no dio bien y tuvo que cerrarse. Actualmente, el hermano es funcionario de una firma, mora con la madre: “no paga alquiler, banca la casa, ¿viste?. No gana mal, no gana bien, pero él tiene otra manera de pensar que yo. Yo no quiero ser rico pero quiero tener una vida relativamente buena, ¿viste? Poder darme los gustos; no me quejo porque tengo trabajo, nunca me faltó comida, mis hijas no estarán de lujo vestidas pero... también nunca les faltó nada. Yo quería trabajar y darme los gustos en la vida,. No sé, me gusta ir a la playa, me gusta pescar, me gustan las carreras de autos. Allí cada día es cortando algo, ¿viste? Cuando empecé a trabajar en el ómnibus, se me cortaron todas las salidas, porque en el ómnibus no tenés día, trabajas sábado, domingo, feriado. Cuando yo tenía 15 o 16 años nunca pensé que iba a trabajar tanto en mi vida. Nunca me gustó trabajar, pero era obligado. Y acá lo mismo. Abro, cierro, estoy 16 o 18 horas acá adentro. Eso es jodido. Era lo que yo no quería allá. Económicamente no estoy mal. No estoy bien, pero no estoy mal. Puedo pagar las cuentas. ‘En compensación’, no estoy con mis amigos, mi familia. Tengo un sobrino chiquito que no lo estoy viendo crecer porque estoy lejos. Elegí Porto Alegre porque acá, en 12 horas estás en Montevideo”. Cuando pregunté por qué tenía escogido Porto Alegre y no Buenos Aires? “A mí siempre me gustó Brasil. Hace 10 años se me antojó estudiar portugués, estudié portugués. No sé por qué, porque yo no pensaba... yo reclamaba de la gente que se iba de Uruguay, ‘hijos de putas, hay que quedarse acá luchando’, hasta que un día me tocó a mí. Cuando empezás a extrañar te olvidas de lo mal que pasaste. Después pensás ‘yo acá invertí mucho menos que invertí en el ómnibus y gano bastante más. Ahora estoy ganando menos de lo que ganaba cuando llegué, porque la situación bajó, está peor... vos sos extranjero, te tratan bien, pero te hacen sentir que sos extranjero, ¿viste?”. E continúa: “Allá me dicen Lula mis amigos, porque vivo en Brasil. Allí soy brasileño y acá soy uruguayo. Entonces como que perdés... acá no es tu lugar y allá tampoco es. Cuando voy para allá, donde yo vivía antes ya no puedo vivir. Tengo la casa de mi vieja, de mi suegra, lugares para ir tengo montones, pero no es mío, no es mi lugar. Y tá, acá si tengo mi apartamento que alquilo, pero ... pero no es mi país. Es una situación complicada. Y están las chicas también, la menor, ella se adaptó rápido, habla como si fuera brasileña, pero extraña. A la grande le costó más, pero ahora tiene amigos. Está haciendo danza, le

*va super bien en el colegio. Está a full, activa y bueno... hace concursos y cosas que allá no puede hacer". As filhas têm 15 e 11 anos, estudam em uma escola pública: "Teníamos miedo por el idioma". E continua a falar sobre a família: "...mi mujer tiene una carrera, se mató estudiando. Ella es enfermera, después empezamos a pagar un curso privado porque lo público allá viste como es?, tenés que dedicarte sólo a estudiar. Pagamos un curso privado para que pudiera recibirse de nurse y cuando se recibió le pagaron 1.000 pesos más". Ainda sobre a esposa: "... pasaba tres o cuatro meses sin cobrar... y bueno, ahora está aqui deperdiciada, viste, está haciendo los rellenos, viste, pudiendo tener un buen empleo, porque acá no es fácil llegar a lo que ella llegó allá, pero como no tiene documentos... estuvo trabajando en una casa de salud y le pagaban dos bintenes y le hacian laburar como una negra". Le dije, 'no, quedate acá ayudándome a mi'. Ella queria seguir en lo de ella, es una mujer que siempre quiere mejorar, estudiar, y ahora está trancada. No habla nada português. No se siente bien, extraña a la familia. Yo tengo amigos acá, hice amigos, ella no. Todos los fines de semana voy a jugar al futbol com amigos, charlo com unos, salgo com algún amigo, ella no, y eso se extraña, cuando estás lejos". Todos os amigos de Andrés son freqüentadores da lanchonete ou outras pessoas que trabalham no ramo e no bairro. Porém: "Acá son amigos... conocidos. Creo que amigos tengo uno o dos, que también no son tan... porque para mi amigos están en las buenas, en las malas, y a estos los estoy recién conociendo, viste?. Los uruguayos que tengo acá... está la gente de La Redota que fui, que conozco, todo, pero no tengo una relación muy íntima. Yo en el tema de la política tengo mi manera de pensar y como que no estoy muy de acuerdo com ellos. ... fui a votar, a Tabaré<sup>12</sup>. .... com la militancia, estoy medio decepcionado, 'mismo allá', no?. Yo allá milité en el sindicato y el sindicato, en vez de luchar por 'cuestiones sociales', estaba todo partirizado. Dividido em fracciones políticas, y eso a mi no me sirve... a pesar de que me considero de izquierda no tengo una tendencia política de un partido. Yo, trabajando en el transporte, tuvimos vários problemas con la intendencia de Arana<sup>13</sup>, Arana no sirve para nada, estaba todo lindo en Montevideo, las plazas, todo, pero el transporte... siemrpe había que sacarle al*

<sup>12</sup> Tabaré Varquez, presidente uruguayo aleito em 2005, da coalición de partidos de tendência de esquerda Frente Amplio.

<sup>13</sup> Intendente de Montevideú do Frente Amplio Intendente: cargo executivo mais elevado dentro dos 'departamentos', unidades políticas em que está subdividida a República Oriental del Uruguay .

*transporte. A Tabaré<sup>14</sup> lo vote porque era lo menos peor que había... y era el Frente Amplio llegar al poder. Ahora acá no se reciben muchas noticias de como está, pero por lo que se, la gente que está allá en Uruguay, no está muy bien tampoco.*

### **1.2.3 - Alejandra**

Alejandra, chilena de 30 anos de idade, é mestrande de um curso de pós graduação na UFRGS. Veio pela primeira vez em 2003 para O Fórum Social Mundial. Através do programa de "Albergue solidário", conheceu um grupo de jovens brasileiros que estavam produzindo um documentário para a UNICEF: "*Empecé a conversar dentro de mis posibilidades, porque yo no hablaba nada de portugués*". E: "*Me maravillé. Yo nunca había estado em um espacio así*" Retornando ao Chile, seu país, manteve contato com eles por correio eletrônico. No ano seguinte, voltou a Porto Alegre e ficou na casa da família de um deles. Descobriu então que o rapaz trabalhava na Secretaria Municipal da Cultura, no projeto de descentralização da cultura: "*Yo me interesé, porque era el tema que yo estaba tentando desarrollar em Chile. Entonces todo lo que sea programas socio-culturales que estimulen la inserción, la inclusión, es súper interesante para el proceso em Chile.*" De volta ao Chile, elaborou um projeto e uma proposta que encaminhou ao governo chileno. Assim ganhou o dinheiro que precisava para vir estudar em Porto Alegre. Voltou a Porto Alegre em setembro de 2004: "*Mi problema fue que al poco tiempo hubo elecciones y perdió el PT, el PT era el que había desarrollado el proyecto. Rapidamente se acabó, cerraron todo y me quedé sin objeto de pesquisa y con dinero para pesquisar. Cuando el proyecto volvió, yo ya no tenía mucho dinero*". Com os poucos dados que havia obtido, precisava culminar sua pesquisa, pois devia render contas ao governo do Chile. Naquele momento, conheceu um rapaz chileno que é hoje seu namorado e precisaria decidir entre ficar ou voltar para o Chile. Recorreu a um programa que o governo brasileiro mantém com outros países latino-americanos e alguns países africanos: "*El consulado de Brasil en Santiago, tiene el Centro de Estudios Brasileños y la principal motivación del centro de estudios brasileiros es promover este programa, es el principal objetivo em realidad. Una de las cosas importantes de ese programa es hacer esa prueba de lengua portuguesa, de... proficiencia. Aparte de tu curriculum, de todo, tenés que tener aprobada*

---

<sup>14</sup> Tabaré Vasquez, presidente da república do Uruguai.



*esa prueba, y ellos te preparan para la prueba". Alejandra estava no Brasil, mas o encaminhamento do pedido para candidatar-se ao programa deve ser feito no país de origem: "Yo no me fui nunca. Solo fui dos veces de visita". E logo depois: "Mi visa de pesquisadora terminó el 31 de diciembre de 2005, yo iba a quedarme ilegal, y yo no quería quedarme ilegal". Teve que ir do Brasil ao Uruguai, para poder entrar com um novo visto. Quando soube que havia sido aceita na UFRGS, estava com visto de turista: "Tuve que correr a hacer una nueva visa, porque no podía matricularme con visa de turista". Continua: "la ventaja de ese programa es que no hay que hacer todos los exámenes, como prueba para entrar al 'mestrado'".*

Alejandra é formada em Ciências Políticas e em Estética, em Chile: *"En Chile hay universidad pública, pero ninguna es gratuita"* E: *"...yo siempre buscaba una especialización que me permitiera combinar esas dos cosas, las ciencias sociales con el tema de las manifestaciones artísticas. En Chile todo eso es súper incipiente. Para mi es súper nuevo, que toda esa problemática esté dentro de la universidad; para que eso suceda en Chile van a tener que pasar muchos años. Además aquí la universidad es gratis. En Chile para mi es prohibitivo. Yo ya estoy en deuda con la universidad en Chile."* E mais adiante: *"En Chile nunca tendrías una Bienal gratuita, o una 'Feria del libro' gratuita"*.

Quando perguntei como ela via o Chile hoje em dia: *"Chile es un país chico, no se justifica tanta desigualdad; la lógica neoliberal en Chile es extrema. Todo el mundo está súper deprimido, amargado, porque no le alcanza. Crean unas expectativas que nadie puede cumplir"*

E quando terminar o mestrado?: *"No se. Es una decisión difícil, pero como no tengo que tomarla ahora... todavía no voy a decidir"*. E: *"me veo viviendo aquí, allá, en cualquier lugar. no me preocupa mucho donde voy a vivir. Si siento que etoy desarrollando mi vida en la dirección que yo quiero"*. Sobre a família: *"Tengo, pero no tengo mucho contacto, a los 18 ya comencé a estudiar afuera"*.

Alejandra disse não ter grande contato com os chilenos em Porto Alegre. No entanto, conhece vários chilenos que vieram antes e depois do golpe de Estado em Chile e convidou-me para um evento em repúdio ao Golpe de Estado que é realizado na Praça Salvador Allende o 11 de setembro de cada ano. O evento é promovido pelo vereador Raul Carrion, casado com uma chilena exilada. *"Yo no me junto con los chilenos ricos."*

*Los otros si, pero también me canso. Yo soy de izquierda, pero ellos, como salieron en ese momento (a ditadura) se quedaron con esa conexión con Chile. Yo le digo: pero Chile ya no es eso. Ellos tienen esa visión combativa de 15 años atrás. Si ellos fueran a plantear esas cosas a Chile, todo el mundo se caga de la risa, porque es completamente ... Chile está cambiando súper rápido.”.*

#### **1.2.4 – Eduardo**

Pedro apresentou-me a Eduardo. Eles conheceram-se em um ato recordatório do 11 de setembro – dia do golpe de Estado em Chile. Combinamos uma entrevista para um sábado pela tarde no apartamento onde mora, no bairro Bom fim. O porteiro anunciou-me e entrei. O edifício não sugeria que ali morasse um imigrante estrangeiro, vindo há alguns meses. Eduardo, cabelos longos, moreno, vestimenta casual, abriu a porta do apartamento. Passamos à sala, sentamos frente a frente, um a cada lado de uma pequena mesa de estilo chinês. Amplo e elegantemente decorado com artesanato e obras de arte, o apartamento denunciava que o proprietário ou a proprietária tinha uma posição econômica confortável, morava na cidade havia muito tempo e havia viajado por várias partes do mundo.

*Eduardo: “Salí de Chile el día después del atentado a las Torres ‘Gemeas’. Renuncié a los métodos represores de educación em Chile. No salí pensando en venirme a Brasil. Primero fui a Mendoza, donde vive mi mamá, después Buenos Aires, me encanta Buenos Aires, estuve varios meses, pasé en Montevideo donde vive mi hermano y quería irme a Puerto Rico donde vive mi papá, pero, en Montevideo, tengo un amigo uruguayo y nos vinimos para acá. En ese tiempo yo tenía un hermano viviendo acá, entonces venía más que nada a visitar a mi hermano, con la idea de irme a Puerto Rico, yendo por tierra hasta Venezuela. Conseguí llegar hasta Amazonas, porque después decidí volver. Ahí me fui quedando, enredado con .... algunos asuntos”.*

Eduardo conta que era professor e estudante de pedagogia em Chile; agora é músico em Porto Alegre. Toca música latino-americana em bares na cidade e já gravou dois discos: “Fue una gravadora independiente, todavía no surgió la oportunidad de grabar con una gravadora”. Perguntei se tocava sozinho: “Somos tres, casi siempre. Generalmente son todos 'castellanos', o sea, uruguayos, peruanos” E continua: “Toco



*'violão' a veces quena, samponia<sup>15</sup> .... la gente, el brasilero, relaciona al 'castellano' com flautas. Índios, flautas, uruguaio, flauta, argentino, flauta, chileno, flauta... No hacen la diferencia de los estilos. Gravé un disco de boleros, sólo para mostrar que no somos sólo flauta. Se vendió bastante bien".*

Contou como andou por vários lugares antes de chegar a Porto Alegre: *"Mira... en mi casa se produjo un rompimiento familiar muy grande, cuando yo tenía más o menos .... cada uno empezó a vivir por su lado, principalmente por motivos económicos. A mi papá no lo veo hace 15 años. Nos hablamos por e-mail, por teléfono. Mi mamá se fue a Mendoza, yo me quedé en Chile, porque todavía no había terminado la secundaria. Me quedé solo, en un cuarto. Ahí comencé a tocar guitarra. Estudiaba de mañana y de tarde me iba a hacer los bares. Era la época de la dictadura todavía. Entonces había denuncias de que 'los comunistas' estaban haciendo barullo".* De Santiago foi a Buenos Aires, mas ficou pouco tempo lá.

Pedi que me explicasse melhor o que a pedagogia tinha a ver com tudo isso: *"El proyecto de educación (do governo de Salvador Allende) era muy bueno, pero la dictadura trajo un retroceso cultural al país ... el colegio donde trabajaba era de izquierda, mis colegas eran de izquierda, pero aún así eran más dictadores que Pinochet en la aula. No conseguíamos.... la educación no puede ser un proceso represivo, mas bien, de descubrir, de crear, de pensar. Así un poco desistí de Chile".* E continua: *"mi intención era ir hasta Venezuela y de ahí embarcarme para Puerto Rico, pero a mitad de camino decidí volver a Porto Alegre, yo soy músico y me habían dicho que era bueno trabajar en las playas. Ahí conocí a una 'gaúcha'. La verdad, no tenía ningún proyecto de quedarme aquí".* Sem a minha indagação: *"Pero es difícil Porto Alegre. Cuando llegué, me dijeron que iba a haber una amnistía, pero todavía no llegó".* Tocou o telefone, uma mulher atendeu. *"Yo vivo aquí com mi novia y la madre. Dos mujeres y el macho"* respondeu sorrindo.

Perguntei como estava Chile agora: *"Chile se 'construiu' um país extremamente consumista, arrivista. Es un país totalmente dividido. Creo que Uruguay, Chile y Argentina son los que más sufrieron. Porque había un nivel medio digamos ...académico, entonces*

---

<sup>15</sup> Samponia: instrumento musical andino feito de canas de bambu paralelas e de diferentes comprimentos.

*la dictadura 'atingiu' mucha gente".*

Perguntei qual era seu estado legal no Brasil: *"Ilegal. Nunca viaje a la frontera. Ya que decidí quedarme.... y además que en Brasil no existe esa persecución. Si te para la policía, no te pregunta si estás legal o no. Simplemente te pide los documentos"*. Foi parado pela polícia duas vezes, uma em Capão da Canoa e outra no Parque Farroupilha, em Porto Alegre: *"Había caminado mucho y me senté a descansar con mi guitarra. Los policías fueron tranquilos. Yo había perdido mi cartera de motorista y mi cédula de identidad. Sólo me queda el pasaporte, por eso no lo saco. Peo ese día, no sé por que motivo, lo boté en el 'bolso'.*

Sabe que existe o CIBAI Migrações porque foi a uma festa chilena na Paróquia da Pompéia, mas nunca teve contato direto com a organização. Não acredita que o Mercosul possa beneficiar outros países além do Brasil e Argentina. Eduardo conhece com bastante detalhe as formas de conseguir os documentos no Brasil: *"Hay dos formas por las que yo no tendría los documentos, ni por tener un hijo, ni por casarme. Es mucha responsabilidad; son recursos fuera de cualquier posibilidad"*. E sobre o pai: *"él llegó como turista; este año le dan el green card."* E continua: *"... antiguamente quería ir a Estados Unidos, ahora ni regalado me iría allá"*

Perguntei se havia ido à Polícia Federal: *"Una vez, te tratan mal; no fui más. Si aparezco por allá me van a decir 'Sabes que? Tu no eres bienvenido al país.'"*

### **1.2.5 - Pedro**

*"Soy Pedro Álvarez, chileno, natural de Santiago."* Está no Brasil desde outubro de 1999. Trabalha como autônomo em um ateliê de conserto de antigüidades. *"Es bien simple el motivo que me trajo aquí. Muchos años solo en Santiago, trabajaba bien, ganaba bastante más de lo necesario. Llevaba una vida bien relajada, tuve la necesidad de encontrar compromisos... de encontrar cosas que no había encarado y asumir compromisos... sentimental, afectivo, como del día, que me llevaron a tomar la decisión de viajar. No fue esencialmente esa la decisión. Viajando conoci una persona aquí em Porto Alegre, después nos contactamos, nos juntamos em Montevideo, después en Buenos Aires; la que es ahora la madre de mi hija"*.

Em Santiago, Pedro era relojoeiro da firma Cartier: *"una marca clase A de relojes,*

*ganaba super bien. Me cansé. Siempre tuve relaciones muy inestables, muy básicas. Quise dar un giro radical”* E pouco depois: “... como te decía, fueron varias cosas que fueron detonando esa decisión de poder largar todo, esa servidumbre, esa sumisión que hay que tener cuando uno tiene patrón; buscar una autonomía, otro nivel de responsabilidad”. Estava em Buenos Aires quando amigos seus decidiram vir ao festival de teatro 'Porto alegre em Cena'. Decidiu ficar para fazer uma oficina de teatro com o grupo da “Terreira da Tribo”, onde conheceu a moça com quem casou. “*Estaba de mochila y dormí en un arenal. Había un arenal porque estaban presentando Antígona’* . Teve uma filha: “...*ahí los planes cambian totalmente, no?. Tuve que asumir una responsabilidad*”. Atualmente a moça e a filha moram em Santa Catarina, “... *nos correspondemos por e-mail todos los días; está com seis aos y maneja perfectamente el computador*”

Entrou ao Brasil com visto de turista. Quando nasceu a filha, iniciou os trâmites para regularizar-se mediante o recurso de reunião familiar: “*Pasé una época difícil; era el fin de la era Fernando Henrique, yo llegué em 99, me jodí porque no agarré la amnistía de 98*”. E depois: “*la legislación fue hecha por los milicos, hace 35 años... el trámite es engorroso, ya pasaron casi 40 años y todavía es efectivo pasé cuatro años horribles. Y lo que es la Policía Federal! Los inmigrantes aquí son tratados como caso de policía, es la policía que ve ese asunto de la migración*”. Perguntei o que pediam para regularizar sua situação: “*Fui al Ministerio de Trabajo y me dijeron 'como relojero no vas a conseguir nada, lo que necesitamos aquí son abogados, ingenieros, gente com alto nivel, mejor olvídale' “*. Deu início a uma ação judicial ajudado por um político que trabalha com direitos humanos e uma advogada, argüindo que a filha tem direito a ter o pai, e a que o pai tenha trabalho, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente: “*Después vino una flexibilización a través del Mercosul. Consiguiendo um trabajo puedes trabajar em cualquier actividad*”. Pedi que esclarecesse melhor; “*la permanência la tuve desde el momento que nació mi hija. Pero me llevó casi cuatro años tener la 'carteira' de trabajo. Eso va a Brasília y es toda una tortura psicológica, porque te dicen, 'mira, tú tienes que estar em tu casa, porque tienes una hija. Primeiro vamos al cartório, después vamos al hospital para ver si en el hospital consta que tú tuviste una hija. Después vamos a ir a tu casa para ver si estás realmente cuidando de tu hija. Y tú no puedes salir de la casa’* . ” E

continua: *“el tipo (o oficial da Policia Fedral) me dijo, me dijo em tono agresivo ‘ si cuando vamos a tu casa tu no estás, vamos a ‘pegar’ tu archivo – tenia dos montones de procesos – y lo vamos a poner abajo’. Entonces el tipo de trabaja. Eso es parte del juego, no?”* Perguntei que documento ele tinha naquele momento: *“Tenia aquel papel, el protocolo que no lo puedes plastificar, no puedes hacer nada, parece unas hilachas. Recibi muchas negativas de gente argumentando que iba a venir uma fízcalización, uma fízcalización en este país donde todo funciona (ironicamente)”*.

Pedro vem de uma família de militantes políticos contra a ditadura, mas disse que não foi esse o motivo pelo qual saiu do país. Porém lembra que seu irmão foi preso, e que, sendo adolescente, via os soldados passar em pequenos caminhões com metralhadoras disparando aleatoriamente: *“ ... se escuchava el ruido tchan tchan tchan, los tiros. Todo el mundo tiraba piedras, o palos o tuercas. Todo el mundo escuchaba, era muy evidente, todo el mundo sabia que estaban pasando los milicos. Yo era um mocoso chico, me encantaba esa adrenalina, pero me cagaba cuando pasaban los milicos”*. E agora: *“... vendieron el país al capital extranjero. Es irrecoverable. Aún aquí, en el sur, se tiene una visión muy de derecha. La prensa, abierta y descaradaente ... ellos ponen su punto de vista y su tendencia. Es evidente, lo hemos visto en las últimas elecciones (as eleições de 2006 para governo do estado). Ellos ayudaron a elegir determinado candidato. Y tanto que el tipo ahi.... el inmortal de la Academia de Letras es um judío. Lo eligieron porque era judío. Bueno, Roberto Marinho escribió um libro y era miembro. Bueno es outra ‘conversa’ “. E continua falando da política brasileira, da venda das empresas estatais.” *Yo no soy contra las políticas populistas, aunque sean um tanto demagogas a veces, si son en beneficio del pueblo.... “* E mais adiante: *“muchos intelectuales, o pseudo intelectuales que eran militantes, ahora están escribiendo en revistas de moda, de vino. Ahora no hacen outra cosa que servirle a esa pueriidad que está ahi. Y gente buena que podría estar haciendo cosas ... hay mucha gente buena ahi perdiéndose. Ya no existen esos mecenas, cada uno ve su parte, tiene que arreglarselas y no hay tiempo para dedicarse a um trabajo artístico. Hay leyes de incentivo a la cultura, pero todo está envuelto en una política sucia, para conseguir algunos de esos financiamientos hay que de alguna forma que prostituirse”**

Prende estudar engenharia na UFRGS: *“la máquina me está comiendo. Hay*

*gente que cobra 10 reales para hacer una reparación de un reloj, pasando la mañana entera. Nada es valorizado, no existe más ese aprecio por el trabajo artístico*". Diz ser um autodidata; aprendeu italiano e inglês, estudou teologia.

### **1.2.6 - Luis**

Conheci Luis alguns anos atrás quando comprei dele incensos em um restaurante do bairro Bom Fim. A partir daquele momento, passamos a ser dois estrangeiros com experiências e problemas um pouco semelhantes. Quando nos encontrávamos, sempre casualmente e em situações semelhantes à primeira vez, trocávamos algumas anedotas apressadas sobre os nossos cotidianos ou experiências passadas. Quando lhe falei sobre este trabalho e lhe perguntei se queria participar, concordou imediatamente. Trocamos telefones e posteriormente agendamos uma entrevista para um domingo à tarde no seu apartamento, no centro de Porto Alegre. Como quase todos os imigrantes, Luis procurou a ajuda do CIBAI Migrações para questões relativas à documentação.

Um apartamento de um ambiente dividido por um biombo entre uma sala de estar e um dormitório. À esquerda, uma janela à rua, à direita, uma pequena cozinha. Uma mesa de vidro redonda ocupa quase toda a sala. Sentei-me de frente ao dormitório. Atrás de mim, uma pequena mesa com imagens e esculturas místicas.

Luis é natural de Lima (Peru) e tem 48 anos. Filho de um soldado, vem de uma família "*de clase media baja*" e numerosa. Hoje em dia, todos os irmãos moram fora do Peru, a exceção de uma irmã. Está no Brasil há quase 18 anos. "*Yo salí con la Idea de sobrevivir trabajando donde esté. Porque, en la realidad salí por un año, y ya hace casi 20 años. Como ves, nadie es dueño de su propio destino*"

Passou alguns meses em Santiago e Viña del Mar, no Chile, depois três anos entre Buenos Aires e Córdoba, na Argentina. Indo para o Rio de Janeiro para, na volta, renovar seu visto de turista na Argentina, conheceu um grupo de jovens porto-alegrenses que o convidaram para passar uns dias com eles. Seis meses depois, veio visitá-los.

No Chile, trabalhou cortando troncos para fábricas de móveis e na construção. Na Argentina, trabalhou em restaurantes e em uma loja de sapatos. Em Porto Alegre, inicialmente comprava e vendia artesanato em pano; logo percebeu que poucas pessoas vendiam incenso. Passou a trazer incenso de Argentina e vendê-lo na rua em Porto

Alegre. Hoje em dia, produz varas de incenso artesanalmente junto com um amigo e as vende à noite nos bares, restaurantes e ruas da Cidade Baixa e Bomfim, bairros boêmios de Porto Alegre.

Morava inicialmente em um quarto de hotel, onde pagava apenas pelo pernoite, tendo que sair com sua bagagem antes do meio-dia seguinte. Quando começou a ter um pouco mais de dinheiro, passou a alugar o quarto pelo dia todo. Já melhor, conseguiu alugar um quarto em uma pensão e pagar mensalmente.

Fez um acordo para casar-se com uma amiga sua, a qual acabou se apaixonando por ele. Casaram-se, mas em função de desavenças, logo se separam e o casamento foi anulado: *“Yo no queria perder mi libertad”*. Não conseguiu então seus documentos por essa via. Voltou a ter que sair a cada seis meses do país para renovar seu visto de turista. Conseguiu, finalmente, a carteira de estrangeiro mediante o processo de anistia que houve em 1998. Para se beneficiar com a anistia, era necessário estar em situação ilegal no país, apresentar uma série de documentos, tais como certidão de nascimento, certidões negativas de processos criminais e de dívidas com a União, além de duas fotografias e comprovante de pagamento de uma taxa. A carteira temporária, com validade de dois anos, chegava de Brasília após alguns meses. Antes do vencimento, era necessário renová-la, apresentando novamente os mesmos documentos. Ao final do quarto ano, pedia-se a permanente, sempre mediante os mesmos requisitos: *“Nunca tuve miedo, porque, acá en Brasil no es como en Argentina, que te persiguen”*.

Separado, voltou a morar em uma pensão. Dois anos depois, conheceu um rapaz com quem alugou um apartamento durante seis anos. Agora mora sozinho no “Alto da Bronze”, em um apartamento alugado direto ao proprietário: *“siempre trabajando con inciensos, pues nunca paro”*

Faz parte de uma ordem mística: “O raio violeta”. Na cosmologia dessa doutrina, cada um tem um anjo com um tipo de luz. Luis passou a criar então incensos com essas cores e a vendê-los acompanhados de uma explicação sobre as cores de cada pessoa: *“Y yo sobrevivo, gracias a Dios, a pesar de tantas crisis yo continuo vendiendo mis inciensos”*. E continua: *“Mi familia en Perú no puede ‘acreditar’ que yo viva vendiendo inciensos. Lo poco que ves en mi apartamento lo he comprado con mis inciensos”* embora: *“Ahora las cosas están más difíciles; tenés que usar más labia para vender”*



Ainda no Peru, usava maconha, depois teve alguns problemas pelo uso de cocaína, *“Tenia crisis de paranoia tenía miedo de sair a la ‘rua’”* mas: *“Yo no queria ser dependiente de eso”*. A melhor forma de superar o problema era viajar, e a fronteira mais próxima era com o Chile. Adoeceu de uma infecção intestinal e teve que voltar a Lima. Quando a mãe disse-lhe que ele não estava querendo, de fato, sair, que ele sabia que aquele era seu lugar, sentiu-se ofendido. *“Mira yo en diciembre me voy de nuevo”*. Juntou dinheiro e partiu. Dez anos depois, fez uma viagem ao Peru para ver a família.

Pretende permanecer em Porto Alegre, solicitar a cidadania em janeiro de 2007 para poder ter um passaporte brasileiro e votar.

*“Cuando yo salí perdí los miedos. Yo nunca he pasado hambre ni nunca recibí dinero de mi familia ... Yo sé que ellos no me dejarían pasar mal, pero yo tengo mucho orgullo, soy un capricorniano”*

### **1.2.7 - Rosa**

Conheci Rosa quando ambos havia pouco tempo estávamos no Brasil, em torno de 13 anos atrás. Ela procurou-me para que lhe ajudasse a traduzir do inglês para o português os textos que utilizava no curso de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde então, mantemos contato esporadicamente e, quando decidi investigar sobre o assunto deste trabalho, procurei por ela. Ela sugeriu que procurasse mais sujeitos de pesquisa entre os membros do CIBAI Migrações, onde ela trabalha como psicóloga voluntária.

Rosa é uruguaia, natural da cidade de Melo, próxima da fronteira com o Brasil. Formada na Universidade de la República, em Montevideú. Mora atualmente em um edifício no centro de Porto Alegre. Ao chegar, um porteiro perguntou-me quem procurava e meu nome. Anunciou-me, entrei. Na entrada, um pequeno hall, uma sala com um sofá, uma mesa de vidro e um computador. Nas paredes, uma tela de estilo abstrato e um pequeno quadro de um casal dançando tango. À esquerda, outro pequeno hall com uma estante cheia de livros, um banheiro e o dormitório; à direita, a cozinha. Uma janela, do lado oposto do sofá, lembra que o domingo nublado de outono está chegando ao fim.

Rosa chegou a Porto Alegre em 1993 com a intenção de fazer mestrado. A UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) deu-lhe um documento que

apresentou no consulado brasileiro em Montevideu, fez um teste para conseguir uma bolsa de um convênio entre os países. Não a conseguiu, passou na seleção para mestrado, obteve um visto de estudante válido por um ano e prorrogável por mais um ano. Entrou entre os sete primeiros no processo de seleção do mestrado: “Fue fácil conseguir la beca CNPq”. Para isso, teve que abrir uma conta no Banco do Brasil para o que precisou do CPF. Lembra ter ido no ‘chocolatão’<sup>16</sup> para tramitá-lo: “*En aquella época la “bolsa de mestrado” era guita*”<sup>17</sup>, Fez o curso. Quando o visto vencia, era necessário solicitá-lo novamente ao consulado brasileiro em Montevideu, levando novamente um documento emitido pela Universidade. De volta ao Brasil, era necessário levar os documentos à Polícia Federal, que os encaminharia ao Ministério da Justiça em Brasília. Enquanto a carteira de estudante, válida por um ano, não chega, é necessário renovar o protocolo entregue pela polícia, a cada três meses. A carteira levava quase um ano para chegar, então, logo que chegava era necessário começar tudo de novo. O mestrado durou 3 anos. Terminado, fez um curso de terapia de família. Com os comprovantes desse curso, tramitou novamente o visto de estudante. Terminando-o, iniciou o doutorado. Antes do fim do curso de doutorado, casou-se com um brasileiro e assim tramitou sua residência. Os papéis demoraram um ano e meio. “*En esse momento los padres me ayudaron mucho*”. O processo foi mais rápido graças à ajuda do CIBAI Migrações em Brasília. “*Yo mandé cartas para Brasília pidiendo que el proceso fuese ‘agilizado’*”. Hoje em dia, tem o visto de permanência mas não a cidadania.

O visto de estudante impede de trabalhar, portanto, ela sustentava-se trabalhando no Uruguai. “*Yo soy empleada de Salud Pública, entonces mantuve ese trabajo también por la jubilación. Aquí el extranjero no se jubila*”. Os anos trabalhados no país de origem não se acumulam aos trabalhados no Brasil. Entretanto, sabe que uma nova lei, no contexto do Mercosul, permitindo que essa situação seja modificada poderá ser aprovada. “*Uno de los tantos problemas que tiene el extranjero*”. Atendia todos os pacientes que tinha no Uruguai em uma semana do mês. Não pôde se beneficiar da anistia porque ela estava legal no país. “*yo nunca estuve ilegal*” e “*yo sabía que la universidad tendría muchos problemas si yo me*

<sup>16</sup> Forma como é conhecido em Porto Alegre o prédio da Receita Federal.

<sup>17</sup> Forma popular em Uruguai e Argentina para referir-se ao dinheiro.



*quedaba ilegal*".

Além de trabalhar como terapeuta de família, na recuperação de dependentes químicos no Brasil e como terapeuta em um hospital em Melo, faz um trabalho de supervisão voluntário na UFRGS e está elaborando um projeto junto a CIBAI Migrações para trabalhar com imigrantes: *"Trabajar com los extranjeros para mi fue como una terapia"*, porque: *"... hay una discriminación, una discriminación velada, vos la sentís?"*. E continua a pensar sobre as formas como as pessoas se referem a ella: *"Ah! Castellana"* e *"Una vez me llamaron de importada. 'Sabes una cosa?,' le dije, 'en el supermercado los productos importados son los más caros'"*

Entretanto, sentia-se mais discriminada na hora de apresentar um documento. Embora o protocolo tenha o valor de um documento, e contenha tudo que um documento deve ter para servir de identificação, não é visto como tal na hora de fazer compras com cartão de crédito, passar um cheque, etc.: *" 'no le podemos dejar llevar la mercadería, porque eso no es documento', me dijo el vendedor. Después de mucho hablar, salí sin la bicicleta y casi llorando"*.

Preferiria estar no Uruguai, para estar perto da família e para não se sentir estrangeira, mas reconhece que tem melhores perspectivas de vida no Brasil, pois as universidades pagam melhor aqui e: *"los brasileiros son más alegres más positivos que los uruguayos; Si yo volviera para el Uruguay, yo no se si toleraría el clima emocional del Uruguay"*. E continua: *"Nunca me gustó esa cosa depresiva, de queja, del Uruguay. Desde que yo vivía allá, el Brasil me gustaba por eso"*. E ainda: *"ahora yo continuo yendo a Uruguay una vez por mes. Si yo estoy quince días allá, ya quiero venirme, si estoy un mes en Brasil, ya siento 'saudade'. Mis sobrinos crecieron y yo no vi el proceso"*. E: *"Continuo aquí porque tengo 40 años y no voy a empezar de cero de nuevo. Mi vida está estructurada aquí, mis vínculos, mis relaciones. Y no me siento con estructura para empezar de cero."*

Durante muito tempo, Rosa esforçou-se para esquecer sua situação de estrangeira, por integrar- e à sociedade como se ela também fosse uma cidadã brasileira. Mas: *"Un día me di cuenta de que yo me había tornado una persona más pobre, como si mi vida hubiese comenzado cuando vine para acá. Yo no tenía una historia, no tenía cosas para contar"*. Pensou então que era melhor não se pensar

como uma brasileira": *Compré ese cuadrito de la pareja bailando tango, ves?*. Apontou também para a cuia e a bomba logo acima da mesa frente à porta de entrada ao apartamento. Ao finalizar a entrevista, Rosa disse que não se importava de ser entrevistada outras vezes: *"es terapéutico"*.

Encontrei Rosa novamente em várias outras ocasiões em que eu visitava eventos de imigrantes, uruguaios ou não. Uma dessas vezes, em uma celebração do natalício de Artigas, prócere uruguaio, junto a uns 50 outros conterrâneos, também num domingo nublado de junho. Após a cerimônia, caminhamos até seu apartamento novamente para tomar um café e conversar. Alguns móveis haviam mudado de lugar, mas a principal novidade era sua "*hija*", uma gata que ocupou a maior parte da nossa conversa.

### **1.2.8 - Juan**

A entrevista com Juan foi marcada para o meio-dia, em um restaurante frente à lanchonete da qual é dono, junto com um sócio, também uruguaio, ex-cunhado seu. Está em Porto Alegre há 13 anos e veio direto de Montevideu. Entrou no Brasil com visto de turista. Pouco tempo depois, abriu um restaurante com sócio brasileiro, conhecido de um amigo seu, e o atual sócio uruguaio. Nesse momento, ainda estava como turista, mas soube, através do seu cunhado, que um estrangeiro turista pode ter um estabelecimento comercial desde que uma percentagem do negócio pertença a um cidadão brasileiro. Assim, Juan e o outro uruguaio tinham 99 % das ações do restaurante e o sócio brasileiro 1%. A cada três meses, ia à cidade do Chuy e voltava a entrar com um visto novo. Nunca lhe perguntaram, na alfândega brasileira, se tinha alguma atividade no Brasil: *" Si me preguntaban les iba a decir la verdad; si tenía hasta el contrato social"*.

Casou com uma mulher brasileira, teve um filho brasileiro - hoje com oito anos de idade - e tem residência permanente no país: *"en seguida que me casé me dieron el protocolo"*. Em 98, obteve a carteira de residente permanente. Nunca buscou ajuda de ninguém para ter informações: *"Me han hablado muy bien de la Pompeya. Ayudan mucho a los extranjeros, incluso a mi hermana. Está el Padre Joaquim, que le dicen"*. E: *"Si, mi hermana es uruguaya, tiene tres hijos. Solo que ... los problemas económicos ... hay que*

*pagar las' taxas', y los documentos van demorando.* Os filhos da irmã de Juan são brasileiros, agora ela tem o protocolo e está esperando os documentos brasileiros. Ela casou primeiro com um uruguaio no Uruguai e teve dois filhos. Depois veio para o Brasil, casou com um brasileiro e tem três filhos brasileiros pequenos.

Disse nunca haver tido nenhum tipo de problemas com o protocolo: *“Antes de tener los documentos ya tenía talón de cheques. Al tener yo una firma registrada ... mi contador me llevó al chocolatón, y yo con el contrato conseguí un CIC, CPF. “Con la visa de turista?”*, perguntei. Confirmou. *“Fui al banco ITAU presenté el CPF, el contrato social, yo era socio de una firma y me dieron el talón de cheque. Siendo turista, claro tener un negocio acá me facilitava ese tipo de cosas, no? Hoy no se como es”* .

Perguntei se os cheques eram dele ou da firma. *“Míos. Yo tenía los míos y mi socio los de él. Abrir un negocio en Brasil me abrió las puertas”*

Perguntei por que havia vindo ao Brasil: *“Vine a pasar unas vacaciones en Florianópolis. Estuvimos viendo, por curiosidad, los precios. Vimos que con 10.000 dólares podíamos poner alguna cosa y comprar un apartamento después.”* Com 20.000 dólares, podia abrir uma padaria e dar uma entrada para um apartamento na ilha de Florianópolis: *“Era verano, estaba lleno”* Na volta ao Uruguai - *“Todo o mundo para aquí, no?”* -, encontrou um conhecido uruguaio que lhe desaconselhou a abrir algum negócio em Florianópolis porque lá, no inverno, era muito parado. E continua: *“Empezó a 'me dar' `dicas`, que hacía dos años que estaba aquí”*. Esse conhecido indicou-lhe um restaurante na rua Riachuelo, que estava à venda. Ele e seu sócio compraram-no: *“Eran otros años también”* e *“Comenzamos a trabajar. Nos 'dimos bastante bien', no era lo que pensábamos, pero nos fue bien”*.

Antes de vir para o Brasil, trabalhava no jornal *El País*, vendendo anúncios fúnebres. *“En ese tiempo no había computador todavía”*. E continua: *“Trabajaba relativamente bien, pero no era lo que yo quería, yo quería poner un negocio y en Uruguay, siempre con aquel miedo, miedo, miedo, bueno y Brasil me ofreció esa posibilidad. A pesar de los tropiezos no me quejo”*. *“Volverías para Uruguay?”*, perguntei: *“No. Llegué ayer de Uruguay, fui a ver a mi madre, problemas de enfermedad, y no veía la hora de venirme para acá. Estube tres días. Me acostumbré aquí, a la gente de aquí. Y aquí en el sur, me fui para Rio de Janeiro y no, no es allá el lugar que me gusta, me gusta*

*aquí” . Outro cunhado mora no Rio, mas quando ele esteve lá, viu tiroteios e decidiu que não era o lugar para estar com sua família: “Estraño aquí, cada vez que salgo de aquí, sea para Montevideo o para Rio, estraño. Yo soy uruguayo com raíces gaúchas.”*

Conhece Argentina, Paraguai e Chile: *“Uruguayos y Argentinos son muy parecidos, las costumbres, pero me gusta más el pueblo brasileiro, son más alegres, mas como tiene que ser la vida. Los uruguayos, lamentablemente vaz allá y es una crisis de pesimismo” Yo no me quejo, no me quejé cuando estube mal, mal, no me voy a quejar ahora”*. Teve também uma churrascaria que não deu certo: *“Acá quando te vá mal, te va mal ‘mismo’ ”*.

Sobre a língua: *“Cuando voy a Uruguay siempre mezclo palabras del portugués, cuando estoy acá mezclo palabras del español. Por rodearme mucho de uruguayos e hablar mucho español, no terminé de hablar bien el portugués. De repente no es mi fuerte el portugués, no sé. Tenía 27 años cuando vine. Después de 13 años tendría que hablar mucho mejor de lo que hablo”*.

### **1.2.9 María**

María havia deixado o telefone de sua casa na sede de CIBAI Migrações, oferecendo-se para participar da pesquisa. Combinamos uma primeira entrevista para uma quinta-feira de Junho às 12h45min na porta da lanchonete Mc. Donald’s, frente à praça da Alfândega, no centro da cidade: *“Yo soy morocha, tengo pelo largo e piel morena. Voy a estar con una chaqueta negra”*. Eu fiz a minha parte. Ela reconheceu-me, pediu desculpas pelo atraso e sugeriu que nos sentássemos em um banco da praça.

María é natural de Passo de los Libres, na fronteira entre Argentina e Brasil: *“Yo me crié en la capital”*, enfatiza. María é filha de mãe brasileira e pai argentino. Logo que ela nasceu, a família mudou-se para Buenos Aires, onde morou até os 22 anos. Aos 40 anos de idade, veio morar em Porto Alegre pela terceira vez. Desde que saiu pela última vez de Buenos Aires, dez anos atrás, não voltou a visitar a cidade. Hoje, com 48 anos, é mãe de três filhos brasileiros e dois argentinos. Matías, brasileiro de 22 anos, mora e estuda em Buenos Aires e Jorge, de 21, também brasileiro, mora com sua esposa em São Paulo. Os três filhos mais jovens - Facundo, argentino de 19 anos, Andrea, brasileira de 16, e Fermín, argentino de 14 - moram com ela em uma casa alugada na cidade de

Viamão, na área metropolitana de Porto Alegre, onde já morava uma irmã argentina. María tem também um irmão brasileiro que mora em São Paulo, uma irmã em Porto Alegre, outra em Santana do Livramento, dois irmãos em Buenos Aires e outro irmão também argentino que mora em Florianópolis.

Obteve a documentação de residência ainda em Buenos Aires, através do consulado brasileiro. *“Fue fácil, porque mamá era brasileira. Ya vine con el pasaporte ‘carimbado’ para que la Policía Federal me de el documento”*. Teve que preencher formulários, fazer exames médicos, um exame psicotécnico, testes de conhecimentos gerais e uma avaliação física com o médico do consulado: *“Me preguntaron si yo tenía algún tipo de ‘doença’, o si ya había tenido. Si hubiera tenido alguna ‘doença’ grave claro que no se lo iba a decir, no es cierto? “*

Facundo está enfrentando grandes dificuldades para obter os documentos de residência. Quando iniciou os trâmites, era ainda menor de idade, mas no momento de serem analisados em Brasília, ele já havia atingido a maioridade e a residência lhe foi negada: *“El Chico está capacitado para tener un buen trabajo pero no puede ‘por causa de que’ no tiene los documentos”*. Facundo tem visto de turista no Brasil e precisa, a cada seis meses, sair do país. É preciso lembrar que o visto de turista tem validade de três meses e é renovável por mais três. Para renová-lo pela segunda vez, é necessário ficar alguns dias fora do país, o que implica despesas de viagem e impossibilita manter um trabalho fixo. Tampouco se beneficiou com a anistia que houve em 1998, pois precisava de um documento, uma certidão de nascimento, que demorou muito tempo para ser enviada de Buenos Aires. Quando chegou, o período de anistia já havia terminado. Entretanto, ela lembra, tampouco poderia ter-se candidatado a ela, pois, para ter direito a ser anistiado, o imigrante precisa haver estado ilegal no país nos últimos meses. Facundo viaja a cada seis meses para Argentina porque, para encaminhar qualquer outro pedido de documentação, precisa estar legalmente no território nacional.

Ele trabalha e faz um curso técnico de contabilidade: *“Había pocas ‘vagas’ en el colegio para muchos candidatos y el tuvo la suerte de salir sorteado”*. E: *“Trabaja ganando un mínimo, en un ‘atelié de artesanato”*. Pretende, no futuro, entrar à faculdade de educação física. Aconselharam-lhe a María que fosse à Polícia Federal e dissesse que ela e o pai de Facundo estão radicados no Brasil e que ele está estudando e trabalhando

como autônomo: *“Se los padres están acá, toda la familia está acá, que es lo que él vá a hacer en Argentina. Y además que él está aportando en la casa, está ayudándome”*. María também espera que o documento sobre a livre circulação de pessoas dentro do Mercosul seja logo assinado. *“Todas esas cosas son demoradas, dependen de Brasília”*. A desinformação ajuda a complicar as coisas: *“Hay una ley en el Mercosur que para estudiar no precisa estar documentado. Yo no sabía , cuando descubrieron que no tenía la radicación tuve problema porque en el colegio no lo querían dejar continuar y ya estaba casi terminando el 'segundo grado’”*. O diretor do instituto descobriu finalmente que existe uma lei segundo a qual não se pode proibir aos estrangeiros de estudar.

Fermin, o outro filho argentino, tem 14 anos. María está tramitando a permanência dele no Brasil. Jorge, o filho brasileiro que mora em Buenos Aires, também teve dificuldades para conseguir os documentos argentinos: *“Siendo que los padres son argentinos, debería ser mucho más fácil, no?”*. Todos os documentos demoram muito tempo, quase um ano e custam caro, além de que devem ser traduzidos por um tradutor juramentado. Certidão de nascimento reconhecida e traduzida pelo consulado brasileiro em Buenos Aires, certidão negativa de antecedentes criminais, declaração dela de que trabalha e tem condições de sustentar o filho, feita no cartório, são alguns dos documentos requeridos. María morou um ano em Uruguaiana: *“Si me hubiese quedado allá, tal vez Facundo ya tendría los papeles. Acá en Porto Alegre complican mucho”*. E: *“No nos vinimos al tan-tan, vinimos porque tenemos raíces acá”*

Iniciou o curso de psicologia ainda em Buenos Aires, mas abandonou-o para vir ao Brasil. Os irmãos começaram a vir, um depois do outro, e ela e a mãe foram as últimas: *“Pensaba seguir estudiando acá, pero conocí al padre de los chicos, después fueron naciendo ellos ... Todavía tengo ganas de hacer psicología, no?”*. Nunca tentou estudar no Brasil porque tinha que trabalhar: *“Solamente leo, en casa, nunca dejé de leer”*. E continua a falar sobre suas decisões: *“Vine para acá con la idea de casarme con un brasilero y acabé casándome con un argentino”*.

O marido mora agora em Buenos Aires, e ela não recebe ajuda dele nem pensão pelos filhos: *“Siempre fui la jefe de familia, porque yo me separé de mi marido. Cuando me vine la última vez, me vine sola con los chicos”*

*“Toda mi vida yo trabajé”*, lembra María. Durante seu último período em Buenos



Aires, trabalhava como recepcionista em uma companhia telefônica privada. Por que não morar em São Paulo, Porto Alegre, Livramento, ou Florianópolis, onde estão os irmãos?: “*Yo estuve unos meses en San Pablo ... todo es muy rápido ... y distante. Hay mucha gente, es más peligroso. Y en San Pablo, si hablás portunhol nadie te entiende. En Florianópolis, tal vez para lo que yo hago hay trabajo, pero yo no puedo pensar en mí, tengo que pensar en mis hijos, y allá le dan prioridad a las personas que son del lugar*”.

A religião tem um papel importante nas relações que ela constrói e no trabalho: “*Yo soy católica e siempre estoy, de alguna manera, acompañando los problemas de la comunidad. Entonces siempre me indican cuando alguna persona está precisando de acompañante*”. Através da entidade CIBAI Migrações, conseguiu vários empregos temporários, inclusive o que mantinha no momento da primeira entrevista, em uma creche. Cuida também de idosos doentes e de crianças, geralmente imigrantes indicados pelo CIBAI Migrações. Porém: “*Después de los 40 uno ya no puede pretender mucha cosa; e logo depois: “Sabes que después de cierta edad todo es complicado en esta vida, no?”*”

Em casa: “*La única que habla médio portunhol soy yo*” e “*Generalmente tratamos de hablar en português por el colégio de los chicos, pero el español es importante porque en todos los trabajos te piden que sepas más de un idioma*”. Entretanto: “*Fermin ya casi se olvidó del español*”.

Não sente que seu sotaque seja um grande obstáculo nem um fator de discriminação: “*al contrario, acá a todo el mundo le gusta cuando hablas todo mezclado, no? “En Rio Grande do Sul todo el mundo se entiende, no es como en San Pablo, que en portunhol no te entienden nada*”.

Sobre seus amigos: “*Tengo amigos, pero más personas ‘idosas’, de la Iglesia “Son casi todos de la iglesia. Son buenísimos amigos*”. Porém: “*El brasilero es más desconfiado, yo hace siete años que estoy en Viamão y no sé quien vive al lado mio. Allá en Argentina todos se invitan a tomar mate, conocen las casas de los otros ...*”.

María ofereceu-se para ser entrevistada sempre que precisar, mas mostrou-se reticente quando disse que gostaria de conversar com Facundo: “*Él es um adolescente difícil, como todos los adolescentes. Yo le voy a decir que te llame, si quiere*”. Sugeriu-me que entrevistasse também o coordenador da creche onde ela trabalha, um uruguaio

chamado Roberto. Não precisou tirar a agenda da bolsa: *“Yo, mis teléfonos los sé todos de memoria”*.

*“Me vine porque mi madre falleció, me dejó un dinero y ella siempre quería que yo me viniese a Brasil por mis hijos, para que sean brasileiros. Aproveché que ella me dejó esa plata y me vine para comenzar de nuevo aquí. Por eso me vine, para hacerle el gusto a ella”*.

Um ano depois, procurei María na creche, mas não trabalhava mais lá. Eu tentava encontrar uma pessoa que cuidasse do filho da minha namorada e lembrei que ela estava acostumada a lidar com crianças. O Padre Joaquim deu-me seu novo telefone. Ela tinha um emprego fixo em uma casa de família que lhe ocupava o dia todo. Porém, isso abriu a possibilidade de uma nova entrevista.

María mora em uma pequena casa de madeira, alugada, na parada 42, em Viamão. Na sala, três poltronas meio gastas, uma mesinha de madeira, uma máquina de costurar e um armário com uma televisão. Na parede à minha frente, a direita da entrada, um quadro com o Sagrado coração de Jesus.

*“Facundo se fue para Buenos Aires. Está con el padre. Como no conseguía los documentos el chico estaba sintiendose mal, su autoestima estaba allá abajo. Es un chico muy trabajador, y el hecho de no tener una cosa así... efectiva lo hacía sentirse mal no quería ser un peso para mi.”* Tem notícias do filho freqüentemente: *“Acá al lado hay un cyber”*.

Um filho foi e o outro veio: *“Matías también tuvo muchos problemas para conseguir los documentos, siendo que es hijo de argentinos, pero le costó mucho, hasta que consiguió. Después vino para acá, a perfeccionar el portugués y está acá hace un año”*. E sobre Fermín, o filho de 15 anos, também argentino: *“ya va a hacer dos años que presenté toda la documentación en la Policía Federal y nada. Ni siquiera se tomaron el trabajo de venir. Porque ellos tienen que hacer una pericia, tienen que verificar si vivimos en la dirección que dejé allá”*. E continua: *“Llamé por teléfono quinientas mil veces y dicen que hay que esperar, que es demorado. No sé que es demorado... venir acá a ver. Todo es así, complicado”*. Andrea e Lukas, brasileiros, continuam morando com ela. Ele estudava letras na Unsinos: *“ ‘trancó’ porque 'no da', el presupuesto no da”*. E continua:



*“Y Fermin, si no me dan una respuesta inmediata en la Policía Federal, también va a tener que volverse, porque el chico está con el mismo problema. No puede... consiguió trabajo en un supermercado, cuando llegó la hora de la documentación, el contador no lo quiso tomar porque no tenía sus documentos”.*

Perguntei se sabia sobre o acordo firmado com Argentina: “Alguna cosa me dijeron, pero todavia falta terminar eso, no? Creo que con Uruguay ya fue firmado” Respondí que o acordo con Argentina havia sido firmado anteriormente, pero que ainda não havia sido implementado: “Yo no sé, yo no entiendo esas cosas. Lei en el jornal que los uruguayos já podian ir a regularizar su situación”. E continua: “el padre Joaquim, que es el padre de los inmigrantes, me hubiera llamado”.

Novamente sobre seus irmãos: “Vine a Viamão para estar cerca de mi hermana, que vive em la parada 43. tengo esa hermana y outro hermano em Porto Alegre” . E continua: “vine porque todas mis raíces están acá. Mamá era brasilera, desde chiquitos siempre viajamos para acá, a visitar. Después mis hermanas fueron viniendo para acá. Se casaron y yo venía siempre en las vacaciones hasta que al final resolví quedarme, no?”

*“Definitivamente, hace 10 años que estoy acá. Desde que me separé del papá de mis hijos. Allá no tenía nadie por cerca de mi familia, y me vine para acá”.*

Quando perguntei como era a vida na Argentina antes de vir, a resposta foi um tanto diferente à da entrevista anterior: “lo mismo que acá, trabajar, trabajar y trabajar”. Porém: “a nível cultural, por ejemplo, acá estoy totalmente aislada. Facundo está estudiando como loco, porque ve que su nivel bajó bastante los años que estuvo acá. Está estudiando inglés, portugués, español, porque en el medio en que está, todos saben. Allá saber inglés es una cosa normal, digamos ” E continua: “Mientras él (Facundo) estaba acá, no le daba interés al portugués. Ahora está estudiando porque tiene la oportunidad de entrar en una empresa que exige que hable portugués; esa es la diferencia que uno siente. Allá las personas son más preparadas, tienen más diálogo, más, más intercambio”

*“Después de todo este tiempo... si pudieras empezar de nuevo...”* Não deu tempo a terminar minha pergunta: “No. No venía. Por mi parte todo bien, porque yo hice mi vida, estudié, hice mis amistades. Pero yo veo que a mis hijos los atrasé. Los atrasé en ambiente, los atrasé en cultura. No son aquello que serían si hubieran continuado en

Buenos Aires” . “ Y a nivel económico?” “Ah! A nivel económico es igual. Tenés que trabajar... ”.

### **1.2.10 - Jacinta**

Jacinta é uma artesã argentina de 48 anos. Nasceu e morou até os 30 anos em uma pequena cidade, na Terra do Fogo. É professora de cerâmica, mas: *"Yo encontré en Argentina una técnica que aquí en Brasil no usa nadie; yo tallo 'palitos de fósforos' ".* Cursos também a metade do curso de Direito na Argentina: *"...quando se me complicó la vida, que me quedé sola com los chicos, tuve que parar y salir a la lucha no?"* . Veio pela primeira vez ao Brasil para participar da Feira Latino-americana de Artes, que acontece anualmente em Porto Alegre; *"Ahí conquisté um montón de amigos, trabajé. En esse momento el cambio era muy favorable para nosotros".* Foi convidada para expor seu trabalho em Curitiba: *"Y así estuve en esa ida y vuelta varios años, hasta que después resolví quedarme aquí en Porto Alegre. Siempre como turista. Yo nunca estuve como ilegal, siempre estuve como turista. Siempre estaba en esa ida y vuelta; salía, venía, renovava, antes que saliera esa lei de los 180 días, siempre tenía alguna excusa para salir y volver".* Acabou se instalando em Porto Alegre: *"con la ayuda de amigos"*. Depois veio o filho, que casou-se e foi morar em Minas Gerais. O filho de Jacinta era inicialmente artesão, como ela. Mais tarde, optou por sofisticar seu trabalho, utilizando as técnicas que aprendera com a mãe para fazer quadros com os palitos de fósforos: *"Mi hijo no es más um artesano, ahora es um artista"*. E continua: *"Después trajimos a mi hija la menor, que ahora está en España. Somos una tribu matriarcal, yo y mis hijos"*. Quando a filha mais velha, que trabalhava na Argentina como apresentadora de programas de radio, engravidou, veio morar com a mãe em Porto Alegre. *"Gracias a ese angelito, entramos con el pedido de reunión familiar. Ya va a hacer 4 años. Mi hija obtuvo los documentos al instante por ser madre de un ciudadano brasileiro. Yo entré con el pedido de reunión familiar, o sea que ella me llamaba a mi, cuando en realidad era yo la que trabajaba y mantenía a todos y mi hija menor, que ahora se fue a España, quedó ilegal. Hizo el secundario acá, todo acá, pero ilegal. Porque suponíamos que más 'para el frente' iba a salir algo como lo que salió, una amnistía, algo... solo que a*

*mitad de camino ella se enamora de este español."*

A filha mais velha reconcilia-se com o pai do filho e volta a Buenos Aires também: *"La única que quedó en Porto Alegre fui yo. Lo cómico de mi caso de inmigrante es que, después de cuatro años, me rechazaron el pedido de reunión familiar".* Para que o recurso à reunião familiar seja aceito, é necessário ser de *"edad avanzada"*, ou provar que não se tem nenhum parente direto no país de origem. E *"Según el último papel que me mandaron de Brasilia, tengo que demostrar que mi hija me mantiene ... y ella se fue, o sea que es imposible, o que tengo edad avanzada, lo que también es imposible, o que no tengo parientes en primer grado en la Argentina. Y la complicación es que la que me llamó no está más en Brasil.... y apareció ahora este acuerdo. Me resuelve todo".* E continua: *"Yo tengo mi CPF, mi documento del Mercosur. Yo compré mi apartamento ya. Vendí mi casita de Tierra del Fuego. O sea que yo vivo en mi propia casa".*

O acordo bilateral firmado com Argentina outorga um visto temporário de 2 anos que permite trabalhar e que posteriormente poderá ser trocado por um visto de residência permanente. *"Son dos años más de sufrimiento pero se que dentro de dos años voy a tener mi RG normal en la mano. Yo ahora dependo de terceros para cheques, para depositar. Con el protocolo no se puede porque el protocolo no tiene número."* Surpreendeu-se quando contei que eu havia aberto uma conta bancária com a carteira de identidade uruguaia: *"A mi no, me la rechazaron todas las veces. Inclusive cuando mi hija abrió una cuenta, que recibía una pensión buena de la Argentina, me quiso poner como co-titular y no conseguí. A veces llega fin de año y vos no puedes rechazar cheques, yo que lido con comercio tengo que aceptar cheques".*

Contudo, parece haver um descompasso entre as informações manejadas pelos diversos órgãos estatais: *"Después de mucho luchar, pasé en una triagem en la Prefectura contra 600 artesanos."* Foi assim que conseguiu um stand fixo na feira de artesanato do Parque da Redenção aos domingos: *"Suponiendo que tenía documentos, no? En realidad no tenía. Si no salía este acuerdo, mi situación, cada día que pasava se complicaba más. En el último, el último, el último de los casos yo iba a buscar alguien para casarme; porque yo soy soltera, en realidad soy viuda."*

Jacinta é viuva de um engenheiro paraguaio que trabalhou na construção da represa de Itaipu.

Jacinta saiu de Terra do Fogo para Buenos Aires pouco tempo depois do nascimento da sua última filha: *"Ahi también batallé para conseguir um espacio para trabajar. Cuando conseguí um espacio, yo trabajaba em Caminito, um lugar muy turístico, ahi apareció la oportunidad de empezar a venir para Brasil"*. Ainda morando em Buenos Aires, namorava um italiano. *"Como venía acá, iba a Europa. Iba y venia hasta que bueno, se acabó porque el tano quería que nos quedáramos todos en Italia; ahí se acabó, porque mi idea nunca fue salir de la Argentina. Yo salí de la Argentina no exactamente por un problema económico, fue más un problema social, más de mi, de mi forma de ver las cosas; ya no daba para más; teniendo una oportunidad me fui. Llegué aquí, me instalé y no me puedo quejar.... no es que sea una cosa de tirar manteca al techo más ... yo tengo salario de un promedio de 1000 a 1.500 reales por mes. En las épocas buenas 2.000, 3.000... con 48 años conseguir un espacio para trabajar sin tanto sobresalto, como yo conquisté aquí con mi propio trabajo... lo que me faltaban era los documentos para poder aportar para mi jubilación.... mas yo creo que estoy un poco más tranquila que en mi lugar de origen y con más posibilidades de crear. Yo continuo estudiando, estoy estudiando otros idiomas, y estoy haciendo un trabajo voluntario. Me siento más en mi medio aquí. E continua: "Ahora me voy a Argentina a renovar el pasaporte. Después me voy un mes para Minas Gerais que hay una feria muy importante. Después me vuelvo, hago la feria de 'Natal' aquí y me voy para España. Siempre haciendo base aquí."*

Voltando aos motivos da saída da Argentina *"... porque yo tenía mi casita en Buenos Aires, y tenía trabajo también. Yo sigo renegando de la situación social de la Argentina, no de la Argentina. Así ... eh.... tené en cuenta que yo vengo de un pueblo donde todos nos conocíamos, una ciudad muy chiquita. Vos podías ir a un político y decirle en la cara que era un ladrón. Y ahí llegás a Buenos Aires y todo el mundo te mete la mano en el 'bolso', te cobran impuestos que son un horror, como aquí, no?; solo que allá no tenés a quien quejarte. Esa falta de solidaridad, esa falta de mirar por el otro. Eran cosas que cuando no salía de allá no me daba cuenta. Cuando comencé a venir para Brasil y a darme cuenta, por ejemplo, que mi trabajo valía más*

*aquí que allá. E conta uma história: "Yo siempre cuento esta historia y inclusive fue publicada una vez en el diario, que yo me vine a causa de que estaba en la parada del colectivo, estaba posando en la casa de una amiga aquí en Porto Alegre, una argentina también y cada vez que venía yo paraba en la casa de ella y vi un cartel que decía... en este momento no me acuerdo el valor, pero era 'la 'duzia' de huevos tanto'; y yo, con la venta de una esculturita, compraba cuatro ducias de huevos y en la Argentina yo compraba sólo una ducia y media'. Ahí me interesó la historia de ver si yo podía venir, viste?, y medio que no me tenía mucha fé. Ahí los amigos, 'vos vas a poder, te vamos a ayudar'. Mi amiga de dice 'vení hacés pie acá en casa todo el tiempo que precisés hasta que puedas alquilar algo para vos. Ya vas a encontrar alguien que te alquile. Llegué solita, después vino mi hijo. Así fue, viví dos meses en la casa de ella". E ainda mais: "yo en ese momento vendía muy bien, en uu dia vender 1000 o 1.500 reales en el brique. Claro, eran otras épocas también. El problema no era dinero, era que no tenía como, no tenía la documentación para alquilar". A través de uma colega do brique, conheceu uma pessoa que lhe alugou um pequeno chalé no bairro Ruben Berta ,sem lhe pedir os documentos: "Fuimos con mi hijo, era la parte de abajo de um chalecito, bien bonito, uma cosa bien 'ajeitadita'. 200 reales me cobraba de alquiler. Quería solo que le pague el mes adelantado. Me dijo 'Bueno, puede venir a vivir'. Esa misma amiga me hizo conocer un lugar que yo acho maravilloso, porque a mi me encanta todo lo que es reciclado, 'todo lo que es lixo es conmigo'; creo que en la otra vida fui 'lixreira'. Si, porque no siento ninguna vergüenza, viste, en remover los tachos... ahí, me mostró un lugar que se llama 'los mensajeros de la caridad' vos ya fuiste? Ya fuiste, bueno, yo amo ese lugar. Ahí... fuimos con mi hijo, compramos cama, compramos heladera, 'fogón', un armario, mirá, gastamos 300 reales algo así, y amueblamos toda la casita; hasta una ollita a presión compramos. En dos toques, o sea que de un día para otro teníamos casa donde vivir, éramos independientes, aprendimos a viajar, y así fue yendo". Peço para ela que continue: "Después de Rubén Berta a mi hijo se le ocurrió enamorarse de una minera, fue a participar de una feira em Ríó Grande do Norte y ...." . Tu hijo también es artesano?". "Si, mi hijo es artesano también, solo que ahora él se dedicó a otro estilo. Hace esculturas no tan miniatura... en una palabra, él viró*

*artista. Yo continuo siendo artesana y él 'viró' artista".*

*E querendo saber mais sobre sua vida na Argentina: "... como artesana recorri todos los lugares que te puedas imaginar de la Argentina, solo no fui a Jujuy y Catamarca. En cada provincia dejé un amigo". E continua " ... y así mis hijos de criaron con una mentalidad, entre aspas, socialista. Yo siempre fui socialista, no de partido, de forma de vivir"*

*E voltando à questão dos documentos: "estaba en un desespero. El padre Joaquim siempre me alentó, Jorge, el del consulado también". E quando foi à Polícia Federal a perguntar por que o pedido de reunião familiar tinha sido negado: "inclusive este muchacho de la Policía Federal, que me conoce dijo 'y que quieren estos de Brasília ahora?' les mostré los papeles, me explicó, fue muy gentil conmigo. Y le dije: 'ahora va a salir el acuerdo' . 'no! Que acuerdo ni nada, no va a salir ese acuerdo', dijo. Me desanimé, me agarré una depré,, ahí pensé 'voy a empezar a ver alguien para casarme'.*

### **1.2.11 - Sara**

Em 1988, no Uruguai, reencontrei um velho amigo que vinha de um período de estudos na França. Ao falar sobre sua vida lá, contou-me que, em Paris, morara na casa de uma antiga exilada da ditadura uruguaia, Sara. Alguns anos mais tarde, uma amiga gaúcha foi a passeio a Paris e, ao regressar, disse que havia feito amizade com uma antiga exilada da ditadura uruguaia, Sara. Dois anos depois, Sara veio a Porto Alegre a visitar seus amigos; era a mesma pessoa de quem meu amigo falara anos antes. A partir de então, veio duas vezes, também de visita.

A história de Sara, cheia de idas e voltas, parece desafiar qualquer tentativa de encaixá-la dentro de uma categoria: Quando os militares tomaram o poder no Uruguai, Sara já havia fugido para Buenos Aires. O envolvimento de Sara com os Tupamaros havia sido um tanto casual, mas foi suficiente para ver-se em perigo: "*Yo hacía pequeñas cosas, pero nunca se sabía bien para quien era. Tenía un compañero que yo sospechaba que era tupamaro, pero no sabía con seguridad. Te vas enfermado de los nervios ...*". Teve que fugir do pequeno vilarejo na costa Atlântica onde morava com a família. Fugiu para Buenos Aires: "*Habia los que se iban a los Barrios más pobres y los que se iban a*



*los barrios más ricos, para pasar desapercibidos. Claro, en Buenos Aires teníamos que pintarnos y arreglarnos, las argentinas son muy coquetas. No comprábamos en los almacenes, porque el acento era distinto. Íbamos a los supermercados*". Um dia, enquanto visitava amigos, soube que uns homens desconhecidos procuravam-na no apartamento onde morava com outras pessoas, em um subúrbio de Buenos Aires. Nunca mais voltou àquele apartamento. Pediu ajuda a um militar uruguaio que havia se posicionado contra o golpe de estado e estava exilado na Argentina: *"El me llevó a las Naciones Unidas, entonces me llevaron a um refugio"*. Permaneceu lá dois meses: *"la primer visa que me salió fue para Francia ... Llegué a Paris el 22 de noviembre de 1976"*.

Como refugiada, tinha moradia e garantida sua sobrevivência. Porém: *"... yo no quería vivir como una refugiada, quería ganarme la vida como cualquier otra persona"*. Renunciou ao seu status, casou-se com um amigo francês para obter os documentos de permanência, começou a trabalhar como tradutora e a estudar para ser documentalista na Sorbone. Durante muitos anos, trabalhou e contribuiu para sua aposentadoria. Sara voltou ao Uruguai quando retornou a democracia ao país, mas não conseguiu mais se adaptar a morar lá: *"... el espacio que uno deja al salir no permanece vacío, lo llenan otras cosas, otras personas. Además, o me reconocieron el título de documentalista."* E brincando: *"es que los documentalistas uruguayos tienen un nivel más alto"*. Voltou a Paris. Alguns anos mais tarde, foi morar um tempo em Portugal, depois na Espanha, mas voltou logo à França.

Em 2005, aposentou-se. Pouco tempo depois: *"Con la globalización 'modernizaron' (riendo) la jubilación, de .3.000 euros que yo ganaba cuando trabajaba, yo sabía que no iba a cobrar 3.000, pero nunca me imaginé que iba a cobrar 600"*. E continua: *" ... una tarjeta postal te cuesta 1 euro; la baguette, el pan típico francés, era lo más barato, costaba 0,80 de franco; ahora te cuesta 1,10 euros. 600 euros era lo que yo pagaba de alquiler Es un error pensar que la izquierda y la derecha hacen la misma política. Siempre la izquierda va a tener un plan social que la derecha no va a tener."*

Quando Sara veio morar no Brasil, em novembro de 2005, tinha 68 anos: *"Era um riesgo enorme que yo tomaba al venirme acá. Era una aventura, te das cuenta?"*. E continua: *"En Francia, mientras estaban los socialistas, yo nunca habría pensado en venir a vivir a otro país, porque siempre había soluciones para mi, para todos, especialmente"*

*para los pobres. Yo he trabajado siempre, nunca he cobrado nada del Estado”. E ainda mais: “... esa gente (as pessoas de “direita”) nunca vieron um pobre de cerca. El burguês es una mierda, son unos egoístas.*

Ao chegar a Porto Alegre, foi morar na casa de sua amiga, até conseguir um apartamento. A maior dificuldade era com os documentos, já que nenhuma imobiliária aceitava alugar um apartamento para uma estrangeira que, além de não ter documentos de residência, era uma pessoa idosa que não tinha uma renda que pudesse ser comprovada da forma que costumam requerer, mediante contracheque de salário. Finalmente, uma amiga de sua amiga alugou um apartamento no próprio nome para Sara, onde tiveram lugar as entrevistas. *“Yo no molestaba en la casa de Isabel, pero preciso tener un lugar para mí”*

Seus amigos franceses achavam que era loucura dela vir morar no Brasil. *“... pero claro, dejar el país era difícil, 30 años no se borran de un tirón”. E continua: “ acá todo fue tan fácil, salió tan bien. Fue difícil conseguir apartamento. Con lo que pagaba allá de alquiler acá pago el alquiler, el teléfono, la internet, el seguro de salud y vivo. Yo teniendo un techo y un libro para leer, no preciso más. Además acá hay algo maravilloso. Acá, si yo no quiero, no pago el ómnibus. Lo pago porque puedo. Hay muchos que no lo pagan, eso es justicia social. Pero yo no quiero abusar del sistema, para que el transporte funcione se precisa plata. Voy al cine y pago R\$ 4. fui a un concierto y pagué R\$7.50. eram R\$15. Yo pago todo la mitad, eso es Francia es imposible”.* Os porto-alegrenses tampouco entendem que ela tenha deixado a França para vir morar no Brasil: *“... es un mito. Paris fue todo eso, toda esa cultura. Ya no es más.”*

Chegou ao Brasil com visto de turista, usando o documento uruguaio. Depois, renovou-o em uma visita ao Uruguai. Entretanto na viagem de ida ao Uruguai, esqueceu o visto em casa e foi ameaçada de não poder entrar novamente no Brasil por um funcionário da Polícia Federal. Na volta, a um outro oficial que fazia o turno: *“yo le dije, ‘mire se que hay un problema porque dejamos ese papelito suelto que no se que es – yo sabia bien que era la visa – em Porto Alegre. El dijo ‘no hay problema, le doy outro’. El outro queria plata”.*

*“El desenraizamiento es algo terrible. Al principio a mi me costó muchísimo. Después, claro, me fui acostumbrando.”*



### 1.2.12 - Miguel

Miguel é um dos meus sujeitos de pesquisa que, até a nossa primeira entrevista, nunca ouvira sobre o CIBAI Migrações, nem sobre outros mediadores oficiais. Cheguei até ele através de uma colega de trabalho sua que lhe falou de mim: "*Si es para ayudar a mejorar la situación de todos ...* " Concordou após haver mostrado um certo receio, segundo me disse sua colega. Telefonei para seu celular e marcamos uma entrevista em seu apartamento no bairro São Geraldo, para as 11 horas do dia seguinte, 23 de agosto de 2006. Ao chegar à porta do edifício, na hora combinada, ele estava entrando de volta da farmácia:

Miguel: Uruguayo? Reconheceu-me sem eu haver falado. Apresentamo-nos, falou da sua dor de dentes enquanto subíamos ao segundo andar do edifício.

À entrada, uma mesa de vidro e uma TV de 29 polegadas, dois sofás encostados nas paredes. Na terceira parede, uma janela aberta e, na quarta, uma entrada para o resto do apartamento e uma abertura que comunicava com uma cozinha. No DVD, música de uma banda de rock colombiana..

Conversamos um pouco antes de começar a entrevista propriamente dita, ou seja, antes de eu ligar o gravador. Ele fez perguntas sobre mim: idade, de que parte do Uruguai eu era, sobre minha pesquisa. Percebendo que a questão dos documentos não era um assunto fácil para ele, eu mesmo falei do tempo em que não tinha documentos brasileiros. Ele disse estar em situação irregular e não gostar da palavra ilegal: "*Illegal es robar, traficar drogas .... Illegal es la política*". Falou do apartamento onde não fazia muito que morava e prometeu o mostrar depois da entrevista.

Miguel é argentino, de Tucuman: "*la tierra de la negra Sosa*". Tem 30 anos, é professor de espanhol e é solteiro. "*Quieres que te cuente por que me fui?*"

Iniciou falando sobre sua vida profissional, seus estudos em magistério e pedagogia comparando-os com a educação no Brasil: "*Es mucho más alto; equivale a los tres primeros años de la facultad de Pedagogía. Por eso cuando me preguntan digo que tengo los três prmeros años de pedagogía hechos. Es la única forma que lo consiguen comprender*". Optou por deixar seu trabalho em uma escola: "*... de zona residencial. La zona donde hay más dinero en Tucumán, Yerba Buena*", Havia trabalhado quase 4 anos lá

e relacionado-se: " ... con muchas personas de dinero". Fundou, junto com um sócio, um pequeno curso de estudos suplementares, como reforço de aulas escolares e línguas estrangeiras. "...siempre buscando una nueva forma de vida, una calidad mejor, un nuevo proyecto... yo estaba com 24 años".

Quando a crise que atingiu o país em 2001 sobreveio: "la economía argentina aplastó toda la gente de la clase media, que se convirtió em clase pobre y la clase pobre que dejó de existir. Si no existe clase media, no existe clase pobre, porque la clase media genera trabajo para la clase pobre". E continua: " ... los políticos robaban impunemente debajo de tus ojos.... Fue ahi que por primera vez en la argentina, la clase pobre salió junto con la clase media a la calle a pelear y a reclamar por una misma cuestión. Por la falta de oportunidades, por la falta de trabajo, por la falta de seguridad y salud. Por la ausencia de políticos en referencia para poder pedir aquello que es un derecho nuestro, porque nosotros los dejamos en el lugar donde están ahora. Fue la primera vez que la clase media y la clase pobre salieron a la calle juntas, brazo a brazo, codo a codo, para reclamar por una misma cosa, lo que fue el panelazo". E mais adiante: " ... murieron más de 20 personas em la Plaza de Mayo porque los milicos, los policias... De la rua mandó diciendo ' no quiero el pueblo em la calle, llévenselos a todos' ; y metieron caballos y hasta golpearon a las Madres de Plaza de Mayo". E continua: "...lo veía todo eso por la televisión em Tucumán, fue un absurdo, una anarquia, mis padres llorando em la mesa de casa... la gente muriendo por cobrar sus derechos... el argentino es un pueblo bien revolucionario, no es de ahora eso, es uma herencia que tenemos; uno de los mas reolucionarios de América Latina. Era muy triste ver todo eso... y pensar 'que va a pasar?' ' será que van a hacer el toque de queda?', 'Como puede la Argentina llegar a un momento tan cruel, tan desesperado y tan desumano em donde las clases sociales se mezclaron por primera vez. Para Argentina, que siempre fue um país oligárquico, um país de clase media alta, la clase media mezclarse con los pobres, no? Era uma cosa medio loca. Fue un momento que me marcó personalmente, me marcó profesionalmente. Em casa, las cosas no estaban tan bien, yo trabajaba, mis padres trabajabam, mi hermana trabajaba. Todos colocavamos un poquito em la misma olla para todos los dias comer, pagar la luz, el teléfono. Como todas las familias argentinas".

"Eso te hace acordar de alguna outra situación parecida?", perguntei: "Claro. Yo

*nací en la época de la dictadura, yo nací en el 75; ya estaba armándose, por lo que yo estudié, lo que vi en los libros; no lo viví personalmente porque en 76, 77 78 yo tenía três o cuatro años. Nunca me enteré que la dictadura existió hasta que comencé a estudiar .... talvez a personas de tu generación no les sorprendió lo que iba a pasar porque ya se lo veían venir y al contrario, decían que era la única forma que Argentina podría despertarse. Es uno de los motivos muy fuertes por lo cual yo no quería quedarme en mi país.*

*Ficou difícil manter a pequena escola: "... miles de argentinos yéndose a otros países, escapando a otros países, sobretudo a los países de origen latino, España, Italia, que son nuestras origenes, no? ...yo ya lo tenía eso en la cabeza, lo venia maquinando hacía bastante tiempo y dije 'por que no yo también?'. Yo había ido a Santa Catarina como cualquier argentino de vacaciones y me encantó la lengua, la cultura, la forma de ser de las personas, esa cosa mágica que tiene Brasil que nuestros países no la tienen, por ser más conservadores, mas tradicionales. Aqui son mucho más desinibidos, más sueltos..... otro tipo de vida que haciendo una mezcla con la nuestra da un coctel explosivo bastante atrayente."*

*Passados 5 meses do "corralito", o curso havia fechado: "Yo estaba acostado y empezaron a tocar en la radio 'Como um día de domingo' de Gal Costa y Tim Maia. Me senté en la cama y dije, 'Claro que sí, como no me había dado cuenta antes?'"*

*A professora de português que ele contrarara, uma gaúcha chamada Maria Silvia, deu-lhe o impulso que precisava para vir ao Brasil. Casada com um tucumano, Maria Silvia era a professora mais querida por todos os alunos da escola, conforme conta Miguel, pelo seu jeito alegre e afetuoso, mas principalmente por ser uma professora falante nativa da língua que ensinava.*

*Inicialmente morou em um quarto cedido por um cunhado de Maria Silvia no apartamento dele. Assim, tendo acesso a um telefone de contato, Miguel conseguiu trabalhar em escolas de línguas. Dois meses depois, um colega de uma das escolas onde trabalha alugou para ele o apartamento onde ele mora. Outro colega comprou alguns móveis e Miguel pagou as prestações.*

*Quando o acordo com a Argentina entrou em vigor, telefonei a Miguel. Teve que voltar a Argentina e pedir a residência no Brasil no consulado brasileiro, pois ele havia entrado sem mostrar nenhum documento na fronteira e, portanto, não tinha nenhum tipo*

de visto. Mas tudo foi rápido. Em poucas semanas, estava de volta a Porto Alegre: “Uruguayo” era Miguel ao telefone “*ahora estoy completamente legal*”.

## **CAPÍTULO 2**

### **Interpretando as migrações contemporâneas**

Neste capítulo, procurarei mostrar como as formas de pensar dicotomicamente o fenômeno migratório contemporâneo na RMPA pode não ser elucidativa de suas complexidades. Observarei, a partir das narrativas dos meus entrevistados, quais são os aspectos relevantes dessa experiência de ruptura e procurarei compará-los às representações do "estrangeiro" e do "imigrante" trazidas na literatura e nos discursos sobre as migrações.

#### **2.1 - Migrantes políticos e econômicos – uma dicotomia insuficiente**

Depois de uma aproximação inicial com os relatos e dilemas dos protagonistas, é necessário refletir sobre as maneiras como o fenômeno imigratório tem sido pensado pela literatura especializada, não exclusivamente antropológica, e analisar algumas congruências entre estas trajetórias tão diversas e complexas.

O fenômeno migratório costuma ser pensado em categorias: a dos refugiados políticos ou migrações forçadas; e a dos migrantes econômicos ou migrações voluntárias. As migrações decorrentes de catástrofes ou desastres naturais estão, na atualidade, começando a ser pensadas como um novo tipo de migrações forçadas.

Considero importante ressaltar que essa categorização está sendo questionada por agentes políticos, ONGs, órgãos de ajuda humanitária e indivíduos que lidam com a questão migratória, de certa forma compelindo as organizações internacionais a repensá-la. Entretanto, o debate sobre esse assunto não tem ido suficientemente longe ainda como para que as organizações, aquelas relacionadas à ONU especialmente, optem por reelaborá-la. De fato, embora reconheçam que essa forma de categorização não dá conta das especificidades locais e, em alguma medida, constitui um obstáculo à eficácia de suas ações, não mais diferenciar migrantes econômicos de refugiados políticos significaria, no seu ponto de vista, abrir mão das armas com que elas enfrentam as políticas migratórias restritivas da maioria dos governos nacionais.

As migrações forçadas são o resultado da repressão direta sobre os membros de movimentos sociais e políticos, seja por parte dos governos nacionais ou por parte de

organizações armadas. Já as espontâneas - uma categoria desvinculada da primeira - são vistas como resultantes do estancamento econômico do país de origem. Frente a essa categorização, penso que cabe questionar se, de fato, trata-se de categorias puras, ou seja, pensar em que medida não houve motivações políticas intrincadas às econômicas para emigrar ou, mais ainda, até que ponto o fenômeno migratório em direção ao sul do Brasil não esteve alicerçado em descontentamentos que, indo além do meramente político ou do econômico, mobilizaram mitos profundamente arraigados na visão que os nacionais de um país têm de si mesmos e de seu país.

Parece-me desnecessário acrescentar também que essa categorização é um reflexo e uma reminiscência, da visão de um mundo polarizado, dividido em dois grandes blocos, no período posterior à Segunda Guerra Mundial - período em que ocorreram também os grandes fluxos de refugiados políticos do leste para o oeste e do sul para o norte.

Como vimos, as narrativas da maior parte dos sujeitos sobre suas experiências como migrantes têm como pano de fundo um tecido de situações políticas e econômicas, tanto as daqueles que migraram durante as ditaduras latino-americanas quanto as daqueles que o fizeram posteriormente. Direta ou indiretamente, questões políticas e econômicas estão mutuamente imbricadas, não sendo possível, na maioria dos casos, destacar umas das outras como motivadoras da opção de emigrar. Porém, embora especialmente a questão política perpassasse as experiências dos sujeitos de forma explícita, nem sempre ela é mencionada como a motivação do deslocamento. Ela está presente como um fio condutor da experiência migratória de várias formas, como motivação do empreendimento, como narrativa de ruptura com o estado de coisas, como forma de vínculo com o país de origem (é o caso dos integrantes do Comitê “La Redota”, sobre o qual discorrerei no capítulo 4), como forma de viver as relações do cotidiano e como discurso sobre cidadania e políticas migratórias por parte dos mediadores e organismos internacionais.

### **2.1.1 - As migrações latino-americanas para o Brasil durante as décadas de 70 e 80 -**

Durante as ditaduras sul-americanas, a repressão vivida cotidianamente combinava-se à falta de perspectivas. A maioria dos uruguaios, argentinos e chilenos que chegaram ao

Brasil na época tinham suas vidas de alguma forma comprometidas por algum tipo de envolvimento político, principalmente em sindicatos. Nesse sentido, poderiam ser pensados como migrantes políticos, pois era necessário afastar-se do país ou da região para garantir um mínimo de segurança. Essas pessoas não poderiam ser pensadas, entretanto, como refugiados políticos, pois a maioria delas não procuraram a ajuda de organizações regionais ou internacionais em busca de asilo; iniciaram a empreitada migratória por conta própria. Bastava, em princípio, afastar-se, pelo menos temporariamente, do país para sentir-se mais a salvo das perseguições por parte das forças repressivas.

Em termos gerais, até 1976 - ano em que começou a ditadura em Argentina -, o destino escolhido por uruguaios e chilenos principalmente era Buenos Aires. Cabe aqui ressaltar que, diferentemente de Chile e Argentina, a repressão contra militantes políticos e membros de movimentos sociais no Uruguai começou vários anos antes da tomada do poder pelos militares, com as denominadas "*Medidas prontas de Seguridad*" de 1968, que eram uma forma modificada de lei marcial. Portanto, antes do golpe militar, já um grande número de uruguaios havia emigrado, principalmente para Argentina. Quando a tomada de poder pelos militares, em junho de 1973, oficializou e legitimou a repressão, já muitos encontravam-se fora do país ou morando intermitentemente fora – na Argentina principalmente – e dentro do território nacional. Sem documentos que lhes permitissem viver e trabalhar regularmente, viviam de trabalhos informais, ajudados pelas semelhanças dos sotaques uruguaio e argentino. Foi a partir de 1976, quando os militares argentinos tomaram o poder da nação e foi instaurado o Plano Condor, que muitos dos que estavam politicamente comprometidos pediram refúgio aos órgãos internacionais como a ACNUR em países de Europa, México, Cuba e Venezuela principalmente, e se constituíram em refugiados políticos.

Em geral, aqueles que se consideravam a salvo apenas desaparecendo dos lugares de residência ou comumente freqüentados viam no Brasil uma opção interessante. O Brasil era, então, o lugar que combinava uma ditadura menos incidente no cotidiano das pessoas com um suposto milagre econômico atraente. É interessante lembrar que enquanto as ditaduras de Argentina, Chile e Uruguai da época estavam associadas à falência econômica do país, o suposto "milagre econômico brasileiro"

ecoava além das fronteiras nacionais.

Não é o fato de não haverem retornado aos seus países de origem que me faz questionar a pureza das categorias. De fato, vários dos meus entrevistados e estrangeiros com os quais conversei lembram haver sofrido perseguições, porém contam também entre os motivos de sua vinda ao Brasil ofertas de trabalho e a busca por melhores condições de vida, além de a necessidade de saírem de seus países de origem. Logicamente houve episódios que fugiram a esta generalização, e foram presos no Brasil, como é o caso por muitos conhecido de Lilián Celiberti e seu marido Universindo Díaz, que foram seqüestrados por militares uruguaios em Porto Alegre e separados entre si e de seus filhos.

A narrativa de Francisco (item 1.2.1) revela como era viver na Argentina na época e como o Brasil era visto de fora. Entretanto, nem tudo era um mar de rosas. Essas pessoas, freqüentemente sem documentos para trabalhar, viviam uma dupla experiência de clandestinidade: sabiam que podiam ser presos por questões políticas ou por estarem sem documentos, em situação irregular. Ao reelaborar suas trajetórias hoje, contam como o medo de ser pegos sem documentos estava diretamente relacionado ao medo de serem presos em seus países de origem. O encontro ou a aproximação com qualquer oficial de polícia ou do exército colocava em dúvida a validade da decisão de ter escolhido o Brasil. Além do mais, não se conhecia com clareza o alcance que as forças da repressão do país de origem e do Brasil podiam ter; falava-se do Plano Condor<sup>18</sup>, mas ninguém sabia com muita certeza do que se tratava. A possibilidade de serem pegos no Brasil por envolvimento político anteriores, no país de origem, existia e atravessava o cotidiano. A falta de documentos fazia com que se tornassem duplamente clandestinos. Clandestinidades combinavam-se, e uma levava à outra.

Entretanto, tentar entender o pano de fundo em que acontecem os movimentos migratórios na América Latina como uma combinação de política e economia sobre o qual se desenrolam as histórias pessoais ainda não me parece dar conta da complexidade dessa experiência migratória em direção ao sul do Brasil em particular. Não, pelo menos, se nos mantivermos dentro dos estritos limites do que é convencionalmente considerado "político" e "econômico".

---

<sup>18</sup> O Plano Condor foi uma estratégia conjunta dos governos militares dos países do Cone Sul que objetivava controlar mais eficazmente as populações desses países.



Hoje, o desencanto com a democracia e suas conseqüências na economia está freqüentemente presente nas narrativas das pessoas que se deslocaram nos últimos anos. Longe de devolver-lhes o passado de perspectivas de luta global por um mundo mais justo que está nos discursos de seus pais, a democratização parece haver colocado os sujeitos mais jovens desta pesquisa na interface entre um número de discursos universais que problematizam a situação do homem contemporâneo, bem como prometem e estimulam a tomar parte em transformações localizadas em troca dos seus princípios – *“Hay leyes de incentivo a la cultura, pero todo está envuelto en una política súa, para conseguir algunos de esos financiamientos hay que de alguna forma que prostituirse”*, lembra Pedro- e uma série de instituições e leis obsoletas, fundamentadas em conceitos que não mais parecem dar conta do mundo onde vivem. A emigração é então uma forma de responder ao descontentamento.

Enquanto para Alejandra é uma questão de nuances - *“Para mi es súper nuevo, que toda esa problemática esté dentro de la univesidad; para que eso suceda en Chile van a tener que pasar muchos años. Además aquí la universidad es gratis. En Chile para mi es prohibitivo. Yo ya estoy en deuda con la universidad en Chile”*, conta ela. Pedro tem uma crítica mais radical, mas sabe que, para sobreviver, precisa fazer algumas concessões – *“hay mucha gente buena ahi perdiéndose. Ya no existen esos mecenas, cada uno ve su parte, tiene que arreglárselas y no hay tiempo para dedicarse a um trabajo artístico”* – e: *“la máquina me está comiendo. Hay gente que cobra 10 reales para hacer una reparación de um reloj, pasando la mañana entera. Nada es valorizado, no existe más esse aprecio por el trabajo artístico”*

Andrés, entretanto, confronta-se a si mesmo: *“ ... yo reclamaba de la gente que se iba de Uruguay, ‘hijos de putas, hay que quedarse acá luchando’, hasta que um día me toco a mi”*.

De todas as formas, parece-me impossível separar motivações políticas de econômicas, salvo em situações muito pontuais, como é o caso de alguns colombianos que entraram no programa de reassentamento da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) , do qual o Brasil hoje faz parte<sup>19</sup>. Também me parece

---

<sup>19</sup> Para ter alguma compreensão deste Programa de Reassentamento, ver o item 3.1, onde descrevo as atividades da Associação Antônio Vieira, conforme entrevista com Karin - a coordenadora da organização.

pouco verossímil pensar que as questões políticas comumente referidas como motivações de emigração estejam apenas relacionadas à repressão. Um novo discurso sobre o político combina uma crítica mais aguçada dos mitos nacionais com uma politização das relações cotidianas, e isso pode ser visto nas narrativas de quase todos os sujeitos desta pesquisa. Além dos trechos transcritos neste item, as narrativas do Miguel sobre o caótico da sociedade argentina; do Eduardo sobre a qualidade do ensino no Chile; da Jacinta sobre o descaso dos políticos com as reclamações dos cidadãos argentinos; de Pedro sobre o uso do poder pelo funcionário da Polícia Federal e dos meios de comunicação de massa; da Alejandra sobre o rumo que seu país vem tomando; do Andrés sobre como sua escolha pelo Brasil e a falta de documentos determinam o insucesso profissional de sua esposa, além da relação entre as formas como as questões de gênero aparecem no contexto migratório, todas essas e outras narrativas nesta pesquisa apontam para uma politização das relações interpessoais, dos sujeitos com a sociedade e para uma percepção do indivíduo como sujeito político que não é freqüentemente identificada como tal no debate sobre a questão migratória, por girar ele quase sempre em torno das dicotomias refugiado político / imigrante econômico.

### **2.1.2 - Migração e pobreza: uma equação difícil –**

Como escrevi no início deste capítulo, a maior parte da literatura sobre migrações classifica os sujeitos que se deslocam em dois grandes grupos: os migrantes econômicos e os refugiados políticos. A falta de recursos de sobrevivência no país de origem e a falta de oportunidades de construir um futuro economicamente melhor são os dois extremos do leque, não muito amplo, dos motivos para migrar presentes em quase tudo que é pensado, dito e escrito sobre as migrações espontâneas ou econômicas. Além do mais, ninguém deixaria sua casa, sua família e seus amigos, e um mundo que é seguro por ser conhecido, se aquilo do que precisasse estivesse ali, ao alcance da mão. “Sem opção de futuro em sua terra, os imigrantes chegam ao Brasil com muita esperança de recomeçar uma nova vida” disse a irmã Margherita Bonassi, pesquisadora e advogada da Pastoral do Migrante. (Bonassi, 2000. p. 31)

Já Manuel Delgado (2003), referindo-se à Espanha e às cidades européias na atualidade, denuncia: “*En el imaginario social en vigor, inmigrante es un calificativo que se*

*aplica a individuos percibidos como investidos con determinadas características negativas.*” Entre essas características negativas, estão: o ser alheio ao lugar, a pobreza, o atraso cultural que estimula sua etnificação, o ser excessivo em número e a periculosidade. (Delgado Manuel, 2003. p.14,15).

Embora esses autores revelem relações aparentemente diferentes entre o estrangeiro migrante e quem o percebe e pensa políticas públicas face a imigração, ambos levam a pensar a idéia do fenômeno migratório como resultado da desigualdade social e da falta de recursos, permeado por uma classificação entre migrantes desejáveis e indesejáveis, a qual depende da existência ou não de um projeto nacional. Jair de Souza Ramos (1996) conta como, durante a década de 1920, um plano nacional de incentivo à migração colidia com uma política de formação da nação que incluía um tipo específico de ser brasileiro. Um grupo de imigrantes negros norte-americanos, incentivados pela suposta democracia racial brasileira, teve suas perspectivas barradas não somente pelas questões de cor, mas também por potencialmente colocarem em questão esse acordo tácito sobre tal democracia racial.

A associação quase direta entre migração e pobreza, ou entre migração e injustiça social, faz parte de um universo de idéias sintetizadas a partir da observação dos movimentos migratórios enquanto fenômeno que alcança grandes proporções, e é causa de uma anomia incoerente com a ordem mundial que, supõe-se, é a lógica que deve permear todas as relações. Anomia ameaçadora, a pobreza somente pode ser pensada a partir de um lugar de não-pobreza, que forneça os recursos conceituais para desenraizá-la, abstraí-la, homogeneizá-la e posteriormente lançá-la como uma verdade intrínseca a um milhão de “outros” que a carregam de lá para cá, literalmente. Ao escrever sobre a forma como a pobreza é pensada na sociedade francesa, disse Sayad:

“Fala-se dela a partir de um ponto de vista moral, num tom de deploração resignada e imponente ou de acusação e denúncia, com uma linguagem que envolve os julgamentos de valor mais etnocêntricos” (Sayad. A. “A pobreza exótica” p. 85).

Difundida como discurso incontestado a partir de lugares de autoridade sobre o assunto, como os organismos internacionais, esta relação entre migração e pobreza permeia boa parte da literatura acadêmica e não-acadêmica sobre migrações, penetra os discursos das organizações que trabalham com a questão e a visão e ação dos

mediadores. Essa relação faz pensar na necessidade de se caracterizar o imigrante de tal forma que se torne alguém por quem se possa fazer alguma coisa. O imigrante deve ser portador de uma necessidade tangível, alguém que nos impila a tomar uma atitude em seu favor. Tornando-o pobre, o tornamos menos perigoso e necessário.

Entretanto, os debates sobre a questão migratória deixam entrever também uma outra necessidade. É preciso tornar o fenômeno migratório menos abstrato, dar ao estrangeiro imigrante carne e osso, fazer dele um sujeito visível aos olhos da sociedade. Ou seja, há que muni-lo de necessidades concretas que, de alguma forma, nos digam respeito e que, por tanto, devamos ajudar a preencher. Necessidades que, se por um lado podem ser semelhantes às próprias, elas devem ser, por outro, diferentes e alheias a nós, de tal forma que possam justificar nossa tentativa de aproximação.

É necessário, por outras palavras, fazer do imigrante um “outro” que precisa de nós e do fenômeno migratório um problema social. Hoje em dia, não tão freqüentemente associado ao desemprego que seria capaz de gerar, a imigração permite que, ao nos refletirmos nela, tenhamos a certeza de estar no lugar certo, ou melhor, o lugar das verdades garantidas. É preciso que o estrangeiro esteja no lugar de um “outro” que carece daquilo que nós temos como certo e verdadeiro; não somente para que possamos vê-lo, mas também para que se torne menos ofensivo à vista, porém mantendo aceso nosso desejo de modificá-lo. Ao vê-lo como alguém com necessidades que, desde o nosso lugar, podemos suprir, o “outro” é menos um sujeito portador de uma realidade diversa a nossa e mais alguém que confirma nossa posição de classe dominante. Em seu afiado artigo sobre racismo e anti-racismo na Europa, Manuel Delgado questiona a legitimidade do discurso do último, argüindo que a aceitação do “outro”, ao invés de ser uma questão de políticas públicas favoráveis à equidade de condições de vida para todos, é um discurso proclamado de um lugar de superioridade que torna o diferente objeto de suas insatisfações. Delgado termina seu artigo com o seguinte – audacioso – parágrafo:

*“...porque ese discurso multicultural que proclama respeto y comprensión no es más que pura catequesis al servicio del Dios de la pobreza, de la desesperación, de la cochambre; demagogia que elogia la diversidad luego de haber desactivado su capacidad cuestionadora, de haberla sustraído de la vida. “ (Delgado, Manuel; 2006)*

Não pretendo, com isso tudo, desconstruir a ação dos mediadores ou das

organizações que trabalham com a questão migratória; ao contrário, quero pôr em evidência a necessidade de fazer do fenômeno migratório um problema social, associado à pobreza e à injustiça social para que ele se torne visível e merecedor de atenção.

Os mediadores e organizações mantêm, assim, junto a um discurso universalista dos direitos humanos e uma cidadania igual para todos, um outro discurso que faz do estrangeiro imigrante um outro construído *a priori*. Ao pensar as relações entre antropólogos e nativos, Viveiros de Castro disse que na tentativa do antropólogo de ver o outro como sujeito perde-se a noção do “outro” como a expressão de um mundo possível (Viveiros de Castro, 2002) . De forma um tanto semelhante, na tentativa de construir um “outro”, seja como sujeito ou objeto, por parte de quem detém o direito de falar em seu nome – já que o estrangeiro, sobretudo aquele em situação irregular, não pode falar em seu próprio nome –, perde-se a percepção de quem ele é. Como disse também Viveiros de Castro (2002), o ‘outro’ não é nem sujeito nem objeto, senão um tipo de relação. É um “outro” construído para ser pobre e precisar de nós e somente na medida em que ele precisa de nossa intervenção é que se torna real.

Esse duplo vínculo que se estabelece entre ambas as partes, no qual são reivindicados direitos iguais aos nossos para aqueles que nós mesmos construímos como diferentes, coloca os sujeitos migrantes no centro de uma discussão da qual poderão sim se beneficiar, mas terão que entender seus termos; eles sofrerão um novo deslocamento, ao ter que olhar para si mesmos como para um “outro” construído a partir de um discurso universal sobre quem eles são. Deverão congratular-se e, na medida do possível, identificar-se com os depoimentos de outros estrangeiros invocados na literatura e nas falas. Deverão saber ver, no imigrante descrito na literatura, um sujeito igual a si. Independentemente da diversidade de suas experiências antes e depois do deslocamento, o imigrante deverá saber reconhecer em si mesmo a potencialidade de se tornar um outro sujeito diferente de si mesmo; ou seja, um outro imigrante, porém em piores condições de vida.

Existe, de um lado, de fato, uma pobreza, uma falta de recursos financeiros, que não pode ser contestada enquanto realidade proeminente da maioria dos imigrantes, e que no momento específico em que acontece o encontro entre os mediadores e os migrantes motiva a atuação daqueles. Do outro, existe uma estereotipação desses

sujeitos baseada em pressupostos universais de falta de possibilidades e sua vitimização, que os reduz a produtos da desigualdade e a injustiças sociais. Dessa maneira, toda a experiência direta e complexa com a imigração é reduzida a um discurso disponível, abrangente e aceitável sobre quem é o imigrante.

A pesquisa de campo sugere que não há como saber quem são essas pessoas através de uma “caracterização” ampla, nem entender as motivações que as levam a empreender o deslocamento sem considerar sua socialização e o olhar reflexivo que revelam em suas histórias de vida. Ou seja, é necessário saber como os sujeitos que se deslocam interpretam sua pobreza. Não há como medir a pobreza sem pensá-la em termos da socialização dos sujeitos, suas expectativas e as perspectivas de sobrepujá-la.

Como todo projeto de vida, o deslocamento faz parte de um projeto em curso, com a particularidade de não poder ser implementado no local de origem. Pode tratar-se de “*tener una vida mejor*”, como dizem muitos, ou de aprimorar os estudos em algum campo inexistente no país de origem, ou até projetos que dizem respeito a lealdades familiares, como é o caso de María, filha de mãe brasileira que, ao morrer a mãe decidiu cumprir a vontade dela, lhe dar netos brasileiros. Há também quem disse haver saído de casa por estar descontente com a vida de solteiro, sentido a necessidade de encontrar “*un compromiso afectivo y otras cosas que nunca había encarado*”, como nas palavras do Pedro, quem tenha vindo ao Brasil tentando fugir da repressão que se vivia em seu país, cativado pela liberdade que se imaginava existir aqui, como é o caso do Francisco, e quem escolheu sair de casa para evitar retornar ao uso de drogas, como conta Luís. De todas as formas, há uma carência, mas não se trata de uma pobreza mensurável somente em termos de falta de recursos de sobrevivência, senão uma pobreza que só pode ser compreendida levando em conta o que os sujeitos entendem por pobreza e como interpretam suas histórias no lugar de procedência e seus projetos de vida.

## **2.2 – Uma auto definição dos sujeitos da pesquisa**

A pobreza não é o único dos qualificativos associados à imigração. Sayad conta como as representações da migração são compartilhadas tanto pela sociedade de emigração, pela de imigração e pelos próprios migrantes. Tais representações, que ele denomina de “*illusions*”.

“... procedent, em gros, des mêmes catégories de pensée, qui sont aussi des catégories sociales, économiques, culturelles et politiques“ A sua neutralidade política, e a temporalidade de sua presença são dois qualificativos que Sayad aponta como compartilhados pelos três lugares de discurso. (SAYAD, A.; 1991; P. 17 - 18).

Porém, à medida que nos afastamos dos estereótipos

*“A mesure que l’immigration s’éloigne de la définition orthodoxe et de la représentation ‘idéale’ .... se découvrent les paradoxes (au sens premier d’utérme: para-doxa, à cote de l’opinion) que em sont constitutifs et se devouent lês illusions que sont lê contition même de l’avénement et de la perpetuation de l’immigration et de l’émigration. (ibidem. p. 17)*

*E finalmente:*

*Parce que toutes ces illusions fondatrices sont solidaires et sont étroitement imbriquées l’une dans l’autre au point de n’en faire q’une, il suffit que démasquer l’une d’entre elles pour que tout l’édifice qu’elles constituent, c’est-à-dire, some toute, la figure même de l’imigrê dans son orthodoxie, s’écroule. (Ibidem, pp. 18 - 19).*

Por isso, tentarei mostrar a seguir como ambas, a neutralidade política e a temporalidade de sua presença são, de fato, meras ilusões, empregando o termo usado por Sayad.

### **2.2.1 – O imigrante como figura política**

As narrativas dos sujeitos desta pesquisa mostram como a neutralidade política é, de fato, uma ilusão, e que a forma como eles percebem a vida e as relações sociais e políticas no lugar de origem têm uma parte importante na decisão de migrar e, freqüentemente, na escolha de um lugar de destino. Comentários sobre o descontento com a situação política, a educação, as condições de exercer sua profissão e suas percepções do que é politicamente errado estão na base das narrativas de quase todos eles.

A visão dicotômica, que separa as causas do deslocamento em duas categorias não relacionadas entre si não explica o fenômeno migratório atual nem aquele de duas ou três décadas atrás. Contudo, a mera combinação de fatores políticos e econômicos tampouco o faz, se pensarmos a pobreza fora do contexto da vida dos sujeitos e a política restrita aos limites da participação partidária ou sindical. É necessário levar em conta que, freqüentemente participativa, mas não sempre partidária, a política está cada vez mais próxima de ser o regulador de todas as relações que se estabelecem no cotidiano e,

portanto, ela permeia vários âmbitos da experiência humana que até alguns anos atrás eram considerados despolitizados. Assim, pensar em questões políticas na interface com o fenômeno migratório implica afastar-se do conceito de política como uma forma de envolvimento direto em partidos ou sindicatos, para aproximar-se de uma visão que coloca os indivíduos como sujeitos de todas as relações em que estão envolvidos, seja no país de origem ou em outro lugar.

Em “Política, facções e voto”, Moacir Palmeira (1996) reflete sobre de que forma Weber e Radcliffe-Brown forneceram um horizonte para as ciências sociais pensarem comunidades políticas e circunstâncias locais que exigem um envolvimento emocional e que extrapolam uma noção restrita da vida política circunscrita ou expressa na escolha pelo voto, sendo este aquilo que sintetiza o ato político. O tempo do voto excede, na visão de Palmeira, o do ato eleitoral, sendo o primeiro um reflexo das lealdades construídas seja com base em favores recebidos ou em relações familiares e grupais. Com base nisso, poderíamos pensar nas formas de participação e adesão a uma visão política dos sujeitos desta pesquisa como reflexo de lealdades – considerando o termo em seu senso mais lato – estabelecidas nos países de origem, passagem e destino. Pode não se tratar do voto, já que nem todos votam, mas sim de uma forma de, mediante a adesão a uma forma de perceber o mundo configurada dentro dos parâmetros que lhe são específicos, manter vínculos de lealdade com grupos e indivíduos com quem estabeleceram algum tipo de negociação – também no seu sentido mais lato – ao longo de suas trajetórias.

Um caso especial, na Região Metropolitana de Porto Alegre é a militância política dos membros dos três comitês de base frenteamplistas “La Redota”<sup>20</sup>. Como veremos, os membros dos comitês não somente organizam-se para ir votar no Uruguai, mas também mantêm um contato contínuo com os comitês partidários do Uruguai, organizam eventos políticos e comemorativos e participam da política uruguaia. Considero-o um caso especial porque os membros do comitê mantêm uma política de bifocalidade, não somente manifesta na politização de suas relações cotidianas senão também diretamente vinculada à política partidária uruguaia e, até certo ponto, brasileira.

Dessa forma, considerando a política, a visão do sujeito imigrante imaginado como alguém indiferente às questões políticas parece, então, contradizer as narrativas dos meus sujeitos de pesquisa, lembrando que, mesmo aqueles que não mantêm vínculos

<sup>20</sup> Retornarei a discorrer sobre “La Redota” no capítulo 4.



com a política no país de origem – é necessário lembrar que o Estatuto do Estrangeiro proíbe a participação política direta de estrangeiros na política brasileira e as atividades políticas dirigidas a outros países – trouxeram, nas entrevistas, questões que revelam uma vigilância crítica dos acontecimentos atuais em que se vêem envolvidos direta ou indiretamente<sup>21</sup>.

Já, no que se refere à pressuposição que o migrante está sempre prestes a ir embora de volta para casa, estando a “casa” sempre no país de origem, pode se dizer que, embora a temporalidade seja uma característica da experiência migratória contemporânea, ela está, no senso comum, desprovida de qualquer caráter reflexivo. Hoje está aqui, mas assim que terminar o curso ou juntar algum dinheiro, ele volta para casa, sem mais nem menos, porque seu lugar é lá. É assim que é representada a temporalidade no senso comum. Inúmeras vezes, fui questionado quando iria voltar para casa, e outras tantas vezes escutei expressões de espanto quando respondi que fazia oito, 10 ou 15 anos que morava no Brasil. Isso levanta um outro questionamento sobre o estrangeiro, quem é imigrante e quem não é. Refletirei sobre isso mais adiante neste capítulo.

Não é a essa temporalidade à qual me refiro como característica das migrações atuais. Ela está, na realidade, associada a uma reflexão sobre a própria trajetória de vida, sobre as escolhas feitas em detrimento de outras, sobre as dificuldades encontradas nos diversos lugares de passagem, sobre o que mudou e o que permanece nos lugares de origem e de passagem, sobre a forma como eles mesmos vão se inserindo no mundo enquanto sujeitos que carregam uma história. As narrativas de Rosa, Sara, Jacinta, Pedro, Rosa, Eduardo trazem um caráter temporal e reflexivo que fazem pensar em um esforço contínuo por se apropriar de cada momento revendo à luz dos acontecimentos presentes. A forma como Sara narra sua história de refugiada política na França, de como optou por ser uma imigrante, não refugiada, idas e voltas à Espanha, sua tentativa de retornar ao Uruguai e sua decepção e sua chegada ao Brasil é um exemplo claro de como a temporalidade está associada a um caráter reflexivo.

Além do mais, como mencionei na introdução, a situação da entrevista nunca é um

---

<sup>21</sup> É necessário lembrar também que, no caso dos uruguaios e dos chilenos particularmente, as associações com base na filiação nacional promovem atividades recreativas que remetem aos processos de democratização de seus países.

discurso impensado sobre as próprias experiências, nem um relatório sobre sucessos e insucessos. Muito menos uma repetição de idéias sobre a categoria de migrante às quais eles devem se ajustar. É sim uma oportunidade de reaver e redimensionar velhas e novas expectativas num diálogo em que o pesquisador age como espelho de diversas formas de se projetar ao longo de um tempo não cronológico. Como o espiral sem fim que faz passar a meditação muitas vezes pelo mesmo ponto, porém a uma altura diferente, a narrativa sobre si mesmo implica uma compreensão total, porém nunca fechada, da própria história. Gadamer, em suas reflexões sobre a obra de Heidegger, nos traz uma explicação de como é necessário ter uma visão total da história para entender as partes e, de cada parte para entender o total. Porém, é quando alguma coisa fica ainda por compreender, quando o círculo não fecha, que nos aproximamos novamente das experiências, desde uma perspectiva um tanto diferente.

Assim, a experiência do estrangeiro é sempre uma experiência temporal, não somente acompanhando a passagem dos anos, mas enunciando verdades novas sobre experiências antigas que novas experiências são acrescentadas.

Voltando, assim, a questão política, caberia então perguntar-se o que a torna relevante no contexto migratório especificamente, além do fato de ser uma representação a ser desconstruída, e qual é sua relação com a temporalidade adjudicada à figura do imigrante. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar que todos os países proíbem ou restringem largamente a participação política dos estrangeiros em questões nacionais. Alguns países, como o Peru, permitem que um imigrante de longa data participe da política a nível municipal, mas nada além disso. Além do mais, devemos lembrar que a figura do estrangeiro nunca vem sozinha. Ela está sempre associada a um estranhamento e a um conjunto de representações sobre seu lugar de origem.

O imigrante estrangeiro é politicamente neutro porque os assuntos nacionais não lhe interessam, já que estando de passagem, seus vínculos de lealdade permanecem ancorados nas relações construídas em sua terra. Semelhantemente, por não construir vínculos de lealdade no lugar de acolhida que exijam dele um envolvimento nas questões do país, os vínculos primordiais e políticos criados no país de origem permanecerão os mais importantes. Dessa forma, temporalidade e neutralidade política se reforçam mutuamente.

As ilusões referidas por Sayad podem não ser certas, mas tampouco são infundadas. É necessário que o imigrante estrangeiro seja politicamente neutro e apenas uma entidade temporalmente limitada para que seja possível resguardar a integridade da própria identidade nacional dos perigos externos.

## **2.3 – Imigração: Aspectos relevantes de uma questão de gênero**

### **2.3.1 – Homens e mulheres perante a experiência migratória**

A associação entre migração e pobreza leva a considerá-las exclusivamente como migrações laborais, sendo o trabalho produtivo a motivação central do empreendimento migratório. Por sua vez, a associação do trabalho produtivo com a figura masculina contribui para que se continue a pensar o imigrante como alguém do sexo masculino, embora essa representação esteja sendo questionada por alguns trabalhos acadêmicos, geralmente baseados em dados demográficos e estudos quantitativos sobre a crescente participação feminina nos fluxos migratórios. Trabalhos como o de Cohen & Mera (2005) são um exemplo de coletânea que inicia por uma caracterização produtiva para aproximar-se da experiência imigratória. Na maioria dos artigos da coletânea, a problematização de experiências de xenofobia está relacionada à análise do impacto da mão-de-obra imigrante na estrutura social da sociedade de acolhida. Nesta coletânea, uma exceção é o trabalho de Ana Inés Barral. Barral propõe que se pense a migração feminina como uma questão de relações de poder.

Segundo a Pastoral da Mobilidade Humana no Peru, um milhão de mulheres peruanas emigraram entre 1980 e 2005 “em busca de melhores condições de vida, de realização pessoal ou por causa de suas famílias” para outros países de América do Sul, América do Norte e Europa. (oecumene.radiovaticana.org – consulta realizada em 12 de dezembro de 2006 ).

Um estudo realizado em Buenos Aires por uma ONG associada ao consulado peruano em Buenos Aires em parceria com a UNESCO aponta para o crescente número de mulheres chefes de família, sobretudo peruanas oriundas das classes médias, que migram à capital argentina com seus filhos<sup>22</sup>. Em uma tabela apresentada por Ana Inés

---

<sup>22</sup> Esta informação foi retirada de um site sobre migrações na Argentina, e o nome da ONG não foi mencionado.

Barral em seu artigo “*Nuevas miradas. Aportes de la perspectiva de género al estudio de los fenómenos migratorios*” entre 1960 e 2000, a porcentagem de migrantes mulheres passou de 46,6 a 48,8 no nível mundial, e de 44,7 a 50,5 em América Latina. (Barral, Ana Ines; In: Cohen, Nestor & Mer Carolina (Orgs.) 2005. p.119)

Em princípio, como lembra a autora acima citada, a noção de migrante, independentemente do contexto e do que se entenda por migração, remete sempre a trabalhadores livres (ibid. p.119). As mulheres que migram o fazem como membros de uma família, seguindo a decisão do marido, chefe de família. A dificuldade em considerar as mulheres, segundo a mesma autora, como migrantes está relacionada não somente à dificuldade em vê-la como trabalhadora, já que o trabalho feminino ainda permanece visto como complementar ao masculino, mas também como sujeitos de vontade. Isso apesar do crescente número de mulheres chefes de família em situação de migração.

Por isso, o maior número de mulheres migrantes pode ser pensado decorrente de um maior número de mulheres empreendendo o deslocamento como de uma mudança na forma como a mulher que migra junto ao seu marido é considerada.

No Brasil, pouco se tem pensado nas migrações recentes atravessadas por questões de gênero. Talvez em decorrência do perfil variado dos meus sujeitos de pesquisa, posso afirmar uma equivalência numérica entre mulheres e homens estrangeiros em Porto Alegre e sua região metropolitana. Nas observações de atendimentos no CIBAI Migrações, nos grupos e festas que freqüentei e entre os sujeitos que participaram de entrevistas, há mulheres e homens em número semelhante. Considerando o conjunto do universo de pesquisa e algumas leituras sobre o assunto, as narrativas das mulheres que participaram deste estudo parecem mais próximas do emblemático que do excepcional.

Nome	Estado civil.	Veio com trabalho pre-arranjado ou a estudos	Chefe de família	Profissão	Filhos	mora	Veio sozinho e mandou buscar a família
Rosa	Solteira /	estudos	não / não	Psicóloga	0	Sozinha	

	casada						
María	Casada / divorciada	não	sim / sim	babá	5	com filhos	Não
Jacinta	divorciada / viuva	não	sim / sim	artesã	3	com filha	Sim
Iris	Casada / viuva	Não	não/ sim	Empresária / dona de casa	3	com filhos	
Mariza	Casada / divorciada	não	não / sim	laboratorista	2	com filhos	
Alejandra	Solteira	sim	Não	estudante	0	Com amigos	
Sara	Solteira	não	Não	aposentada	0	Sozinha	

Nome	Estado civil	Veio com trabalho pre- arranjado ou a estudos	chefe de família	Veio sozinho e mandou buscar a família	Profissão	Filhos	Atualmente mora
Andrés	Casado / casado	não	sim	sim	mecânico / administrador de lanchonete	2	Com família
Juan	Solteiro / casado	não	sim	não	Dono de lanchonete	1	Com família
Eduardo	Solteiro / solteiro	não	não		Músico	0	Com namorada
Pedro	Solteiro / divorciado	não	não / não	não	relógioeiro	1	sozinho
Fabián	Solteiro / casado	não	não / sim		Professor	2	com família
Francisco	Casado / casado	não	sim / sim	não	livreiro	3	com família
Leopoldo	Casado / casado	não	sim / sim	sim	Professor / comerciante	1	com família
Carlos	Solteiro /	estudos	não	não	Psicólogo		
Tabaré	Solteiro / divorciado	não	não / sim / não	não	marceneiro / cabeleireiro	1	sozinho
Miguel	Solteiro / solteiro	não	não	não	Professor	0	sozinho

Entretanto, a interface entre relações de gênero e o fenômeno migratório não pode ser pensado apenas em termos quantitativos. Embora o fato de ser mulher ou homem não

tenha aparecido explicitamente nas entrevistas como um aspecto problemático da identidade do sujeito deslocado, uma escuta atenta às formas narrativas e a observação da interação entre homens e mulheres migrantes trouxeram à tona a necessidade de problematizar as relações de poder que se estabelecem no cotidiano dos meus sujeitos de pesquisa. Nesse contexto relacional, as relações de gênero são atravessadas por questões de *status* social, econômico, civil e por questões de cor. Esse tecido complexo de relações cotidianas deve ser contrastado às representações do estrangeiro e do imigrante.

Assim, tentarei analisar estas questões conforme elas aparecem na literatura, como foram se desprendendo da escuta das entrevistas e leitura dos diários de campo, e configurando necessárias de ponderação na produção de um texto etnográfico.

Resulta interessante observar que, até pouco tempo atrás, a maioria dos trabalhos acadêmicos que estudam o fenômeno migratório em sua interface com questões de gênero debruçavam-se sobre o papel feminino nas migrações fundantes, associando-o à preservação da cultura e língua de origem, e sobre a situação da mulher migrante enquanto reprodutora das formas de representação da mulher tradicionalmente concebidas. Nesse sentido, cabe lembrar os trabalhos de Giralda Seyferth, sobre as migrações com fins colonizadores no sul de Brasil.

“...a mulher imigrante serve como parâmetro para distinções sociais carregadas de símbolos identitários que operam como indicadores de uma comunidade moral compartilhada por indivíduos e famílias de mesma “origem” nacional. Às mães e avós, pela relevância que têm nos processos de socialização, atribui-se a tarefa de guardiãs dos valores culturais de uma imaginada comunidade de iguais” (Seyferth Giralda; *Imigração e Etnicidade: a mulher imigrante e a simbólica da identidade de grupo*; [www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos))

No mesmo artigo, ela cita Kandiyoti (1996: 315).

*“Women are also considered to be the custodian of cultural particularisms by virtue of being less assimilated, both culturally and linguistically, into the wider society. Immigrant women reproduce their culture through the continued use of their native language, the persistence of culinary and other habits and the socialization of the young”. (Kandiyoti 1996, p. 315, apud Seyferth)* (Kandiyoti 1996; p 315; apud *ibid*)

A associação entre valores morais, sexo e a origem étnico-nacional, que Seyferth aponta no trecho dela acima citado, conduz a pensar na crítica à aceitação de pares binários de

categorias como universais estáveis e sincrônicos de Avta Barh. Diz a pesquisadora e autora paquistanesa:

*"What is at stake is not simply some generalized notion of, say, masculinity of femininity, but whether or not these representations of masculinity and femininity are racialized, how and in what ways they inflect class, whether they reference gay, lesbian, heterosexual or some other sexualities, how they feature age and generation, how and if they invoke religious authority" (Bahr, Avtar, 1996)*

Ela conclui *"what matters.... is how these signifiers slide into one another in the articulation of power"* (Ibid, 1996).

Desde perspectivas e com objetos de estudos diversos, enquanto Seyferth procura entender as formas de inserção de imigrantes alemães no Brasil durante o final do século XIX e a primeira parte do XX, e desde a perspectiva assimilacionista que os levou à formação de um setor da sociedade brasileira, Brah estuda o cruzamento entre questões de gênero e o fenômeno migratório contemporâneo desde uma perspectiva pós-colonialista – ambas reconhecem o perigo da superposição de categorias. Disse também Seyferth:

A caracterização de indivíduos e grupos através de estereótipos pode ser caricatural ou jocosa e peculiariza pela simplificação, mas isso não atenua o fato de que eles ajudam a conformar preconceitos (Seyferth, 2005).

As tabelas apresentadas no item anterior não devem ser consideradas em termos quantitativos, considerando que por ser um estudo qualitativo, o número de sujeitos de pesquisa é pequeno. Entretanto, elas servem para mostrar que há uma heterogeneidade de motivações e formas de viver a experiência migratória ao se pensar nas relações entre homens e mulheres. A idéia de um chefe de família do sexo masculino que deve empreender o deslocamento para posteriormente mandar buscar a família coexiste com o fato de que há mulheres que assumem a decisão de migrar, mas desde que não exista um homem adulto na família. Interessantemente, como mostram os casos em que o/a chefe de família era casado/a antes de migrar, as mulheres e homens chefes de família migram com o conjunto da família ou trazem os filhos depois. Entretanto, havendo um homem, as decisões de migrar, para onde migrar, e de mandar buscar a família são, em última instância, dele.

### 2.3.2 — Gênero, linguagem e empoderamento

A narrativa de María surpreendeu-me, também, pela forma como ela usa as duas línguas na entrevista. O uso de expressões da segunda língua no interior de um discurso na língua nativa não me parece ser a mera força de um hábito, nem, como nos termos de Hommi Bhabha, o uso pelo imigrante, dos elementos da cultura dominante capaz de deslegitimá-la, (BHABHA, 2001). Considerando o caso específico da nossa primeira entrevista, pareceu-me como uma forma de mostrar-me - que estava me esforçando em deixar fora qualquer expressão do português ou derivada dele - que tinha o controle sobre ambos os códigos lingüísticos e que necessitava dos dois para se expressar; como uma forma de colocar-se perante um interlocutor também imigrante estrangeiro, porém homem, mais jovem, sem a responsabilidade de ter que levar adiante uma família e, sobretudo, que está num lugar que ela almeja para o filho dela – um meio universitário –, como sendo capaz de controlar seu próprio trânsito de um lado a outro da fronteira. Seu interlocutor provavelmente era, ao mesmo tempo, alguém que precisava dela para lhe dar uma entrevista, alguém que representava um lugar que ela queria para o filho, e um estrangeiro como ela e sua família; um jogo de espelhos confuso onde era necessário manter a integridade. Foi interessante notar, durante a primeira entrevista, a ênfase com que ela mostrou que não precisava olhar sua agenda, que sabia todos seus telefones de cor. Na segunda entrevista, em sua casa, com os filhos na cozinha e depois de havê-la procurado para um trabalho, María parecia haver relaxado e falou em um espanhol bem menos crivado de expressões em português. Assim, cabe pensar como tais tentativas de empoderamento por parte de María apontam para a assimetria da primeira entrevista, dada não somente por questões de gênero senão também pelas questões de poder implícitas específicas da relação pesquisador / homem / estudante – pesquisado / mulher / trabalhadora.

Essa forma de pensar a entrevista em termos das formas lingüísticas usadas só pode nos sugerir alguma relação com as questões de gênero e poder se consideradas dentro de um contexto social e político onde as narrativas dos sujeitos são consideradas em sua capacidade, não somente de revelar essas relações, mas também de modificá-las. Para isso, é necessário considerar que toda ação é necessariamente uma ação



política, inclusive aquelas que lidam entre o consciente e o inconsciente. O trânsito entre as duas línguas pode ser pensado como uma tentativa de empoderamento por parte de María, procurando subverter uma relação que lhe é dada.

### 2.3.3 – A politização das relações de gênero

Mariza e Graciela são duas uruguaias, ambas de em torno de 55 anos, com quem conversei enquanto membros dirigentes da CABU e do Comitê frenteamplista “La Redota”<sup>23</sup>. As suas participações como as de outras mulheres talvez menos loquazes, enquanto membros dirigentes e em pé de igualdade com os homens em ambos os grupos, levou-me a pensar, mais uma vez, em como no Uruguai as relações de equivalência entre os direitos de homens e mulheres tinham se apresentado, até um par de décadas atrás, diferentes de outros países da América Latina, a ponto de haver chegado a pensar que as diferenças entre os direitos de uns e outros eram nitidamente marcadas somente em países fora do circuito rioplatense e, logicamente, um sinal de atraso. Na realidade, até aqueles anos, eu nunca havia tido algum contato mais próximo com contextos sociais diferentes daquele, nem me questionado por que havia tão poucas mulheres na política uruguaia. O caso destas duas militantes políticas reavivou meu interesse pelo assunto, levando-me a procurar entender as relações entre homens e mulheres, que nas reuniões do comitê e da CABU eram somente problematizáveis pela sua aparente fluidez, dentro dos contextos da militância política e das migrações.

Contrastando com Sonia Dayan-Herzbrun, quem pensa os grupos políticos como sociedades viris e homossociais nos quais as figuras femininas ocupam apenas o lugar reservado às deusas inspiradoras de grandes ideais (Dayan-Herzbrun, Sonia, “*As mulheres e a construção do sentimento nacional palestino*” p.174), o comitê “La Redota” congrega homens e mulheres igualmente militantes. Pensar a militância política enraizada na luta contra uma estrutura social agrária, fortemente hierarquizada e conservadora primeiro, contra a ditadura legitimadora desse *status* num segundo estágio, e contra o

---

<sup>23</sup> O nome “La Redota” remete ao “êxodo del Pueblo Oriental”, uma demonstração de repúdio a um tratado entre o Governo revolucionário instalado em Buenos Aires e as forças espanholas, e que deixava a população da margem oriental do rio Uruguai a mercê das lutas entre espanhóis e portugueses. Os ‘orientales’ abandonam suas terras e casas e seguem Luis Artigas, ainda não consagrado o “jefe de los orientales” em direção à margem ocidental do rio. O termo ‘redota’ era a forma usada pela população pra dizer ‘derrota’, a derrota do povo oriental.

capitalismo sempre ameaçador em todo momento, faz pensar em uma possível extensão dos ideais revolucionários subvertores das relações de poder aos âmbitos comumente considerados não-políticos, com a conseqüente identificação de setores em torno de características comuns e seu empoderamento. A própria Sonia Dayan-Herzbrun diz que:

“...é preciso compreender a ‘revolta das pedras’ não somente como um movimento de insurreição contra a ocupação israelense, mas também como uma tomada do poder político por parte dos grupos dominados da sociedade palestina..

Alem do mais, a Cabu e o comitê "La Redota" estão inseridos, de forma um tanto periférica talvez, na luta por uma visão do Mercosul inclusiva dos direitos das pessoas a procurarem um lugar nessa circulação ainda restrita a bens e capitais, como costuma se pensar. Mantendo o discurso militante de resistência, a criação de um Mercosul para todos é mais um aspecto da politização das relações, onde a participação das mulheres no empreendimento migratório e no cotidiano faz parte de um discurso politicamente correto que deve ser implementado na militância.

-----

De que forma, e em que medida, as narrativas tão diversas dessas mulheres fazem pensar em relações de gênero e de poder? Anteriormente citei Avtar Brah, que aponta como as categorias de gênero, constituídas em pares binários, podem ser sobrepostas a outras categorias. As narrativas são reveladoras das tensões entre a estereotipação da figura do imigrante e a forma como esses estereótipos são postos em questão pelas histórias dos sujeitos. Além do mais, a escuta dessas narrativas coloca-me também dentro do contexto dessas relações de poder, onde a figura do pesquisador, no momento específico da entrevista, está longe de ser assexuada e independente de um reconhecimento do domínio de códigos de uma classe dominante.

Todavia o que torna essas relações entre homens e mulheres relevantes no contexto migratório é sua capacidade de contestar uma representação da mulher migrante como parte de um contexto familiar chefeado por um homem, onde seu lugar se limita à manutenção e reprodução da cultura de origem. As narrativas das mulheres deslocadas como sujeitos de seu próprio deslocamento confrontam, como se desprende de suas

narrativas, não somente a representação do imigrante como alguém do sexo masculino, mas também a de que existe um motivo único para se deslocar.

Logicamente, as tentativas, conscientes ou não, de reverter uma ordem e posições e valores dada não constituem uma particularidade do fenômeno migratório. Entretanto, a possibilidade de se pensar essa subversão fora dos limites impostos por uma territorialidade, levando os sujeitos a extrapolar suas possibilidades de experiência e ação individuais e coletivas, social e territorialmente restritas, acrescenta um novo elemento à relativização das experiências de ruptura e continuidade associadas ao deslocamento. Pensar o deslocamento implica também pensar em novas formas de conhecer e se perceber no mundo, e avaliar a própria trajetória implica levar em conta como as transformações dessas formas de ver e se ver relacionam-se ao deslocamento geográfico e social. Assim, o deslocamento abandona, por alguns momentos, a sua determinação temporal para se tornar a perspectiva a partir da qual, o ato de lembrar revela os diversos sentidos e compreensões que foram se forjando ao longo de uma trajetória.

## **2.4 - O sotaque**

Semelhantemente aos imigrantes de segunda geração descritos na literatura<sup>24</sup>, os sujeitos desta pesquisa – todos imigrantes de primeira geração – mostram ter arcabouços intelectuais e vivenciais que os coloca dentro de um fluxo de ideais e discursos onde é possível levar adiante o diálogo com nacionais e outros estrangeiros negociando suas identidades situacionalmente e com variadas referências.

Como pudemos ver nas descrições dos sujeitos desta pesquisa do capítulo I, não apenas questões étnico-nacionais são levadas em conta na hora de se apresentar como pessoa; questões sobretudo políticas e de visão de mundo são freqüentemente acionadas como formas de identificar-se, associar-se e relacionar-se com outros estrangeiros – inclusive compatriotas – e com os nacionais.

Entretanto, essa fluidez é freqüentemente interrompida, ou dificultada, e situações pontuais desencadeadas pelo sotaque além das questões relativas a documentos e

---

<sup>24</sup> Poderíamos pensar, entre outros, nos filhos de imigrantes argelinos apresentados por Sayad (1991), nos imigrantes de segunda geração em Montreal, apresentados por Meintel (2000) e nos descendentes de paquistaneses em Oslo, trazidos por Barth (1995).

nacionalidade

O sotaque funciona, como vimos anteriormente, como elemento detonador de preconceitos de origem e marca, ao qual são mais freqüentemente do que não, associadas a outras categorias, freqüentemente de classe e gênero mas não exclusivamente, como lembra o trecho de “Cartograpjjes of Diáspora”, de Avtar Brah citado no item 1.5.1.

*“Al principio yo me encogía en el ómnibus de la TTL, porque me parecía que de verme ya iban a dar-se cuenta que tenía acento”* disse uma moça uruguaia com quem conversei.”

Essa afirmação, com tom de desabafo, levou-me a pensar a importância do sotaque como modelador da identidade do estrangeiro. As narrativas de Rosa, María, Luis e Andrés mostram como o sotaque é um elemento diferenciador em suas relações. Enquanto Rosa sente-se discriminada quando alguém faz referência a seu sotaque - *“Una vez me llamaron de ‘importada’, Sabes una cosa, le dije, en el supermercado los productos importados son los más caros’* “ – Luis conjuga o exotismo de seu sotaque ao dos incensos coloridos. Porém é María quem, ao falar de sua relação com o Brasil e os brasileiros, inverte, explicitamente, a situação. Ela desconstrói a visão monolítica do nacional comum entre os estrangeiros, ao distinguir aqueles que a entendem - os gaúchos -, daqueles que não – os paulistas.”

Espera-se, do estrangeiro, que perca o sotaque com o passar do tempo. Espera em vão. Ninguém perde o sotaque se entrou em contato com a língua do país de acolhida na idade adulta. É possível aprender as diferenças, as expressões idiomáticas, o novos sons da vogais e consoantes, aquelas expressões enraizadas em fatos da cultura local e até assimilar as formas de falar e gesticular locais em contextos diferenciados, mas, lembrando Novaes ao falar sobre o simulacro novamente, “sempre há algo que vaza”.

Psicanalista e lingüista, Maria Angélica Zamora Xavier propõe que se pense nesta dificuldade de perder o sotaque como uma forma de resistência por parte do estrangeiro e uma eventual aceitação do sotaque por parte do nacional;

“Utiliza-se, com isso, o português de maneira rudimentar para garantir a legibilidade do dizer, o que prevalece é o propósito de se fazer entender, e não de se desenvolver na língua portuguesa. Assim, parece haver um acordo na construção de uma língua intermediária, o portunhol” (Xavier, 2002. p.106).

Digo eventual aceitação porque ela não acontece no início, e nada garante que de fato aconteça. Proponho que essa aceitação do sotaque do estrangeiro, ou do uso da interlíngua – o portunhol -, está mediada pela construção de uma relação entre o estrangeiro e o nacional. Como vimos anteriormente, o sotaque age como motivador do acionamento de representações a priori do estrangeiro. Portanto, a aceitação do sotaque, ou seja, ou acordo tácito “eu falo português, você fala como puder que eu entendo”, mais uma vez, nos remete ao fato de que toda desconstrução da superposição de categorias acontece situacionalmente e é, portanto, situacionalmente que se constrói a aceitação das diferenças. É na medida em que o estrangeiro se afasta do lugar de estrangeiro que lhe é adjudicado enquanto tal e passa a construir um lugar para si dentro da relação com os nacionais, na medida em que ele é percebido circulando por coletivos e acionando discursos comuns ao seu interlocutor que o sotaque passa a ser aceito.

Paradoxalmente, é nesses contextos de construção de uma identidade para além da do estrangeiro que o sotaque aparece, na perspectiva do estrangeiro, como uma forma de ruptura ou alteridade que exige uma negociação mais profunda.

Quase todas as narrativas dos meus sujeitos sobre situações em que o sotaque interpôs-se na interação aparecem em situações de trabalho ou estudo, em namoros ou relações costumeiras e cotidianas. Existe, portanto, um descompasso entre as percepções do sotaque – poderia também se dizer na construção de uma alteridade? – enquanto para o nacional o sotaque age como forma de estranhamento inicial, detonando inconscientemente um conjunto de representações que serão confirmadas ou desconstruídas, ele é vivido como alteridade pelos estrangeiros em situações nas quais o ser estrangeiro é apenas o pano de fundo.

## **2.5 – Estrangeiros e imigrantes: uma linha tênue entre as categorias atribuídas e assumidas pelos protagonistas.**

Parece existir uma descontinuidade entre o significado da categoria de imigrante utilizado pelos mediadores<sup>25</sup> e o significado outorgado a essa categoria pelos sujeitos estrangeiros e pela sociedade brasileira. O termo imigrante está relacionado, no nível das representações – ou seja, no nível do senso comum -, aos europeus vindos até a primeira

---

<sup>25</sup> Discorrerei sobre os mediadores no capítulo 4.

metade do século passado, hoje pensados historicamente, e cuja descendência é vista como formadora da sociedade brasileira; sendo a categoria de estrangeiro reservada a todos os imigrantes estrangeiros chegados mais recentemente. Já os mediadores usam a categoria "imigrantes" para se referir aos sujeitos com que eles trabalham. Na minha opinião, e considerando que todo significado é o resultado de uma negociação, estas diferentes formas de categorizar não me parecem casuais e podem apontar para algumas formas de conflito sobre como se constrói o "outro".

Primeiramente, levanto a hipótese da existência de um continuum estrangeiro – imigrante – nacional, que tem suas raízes no tempo, mas que não se limita a ele, senão que se expande até tornar-se categorias de pensamento. Um estrangeiro passaria a se tornar um imigrante quando morre ou quando visto através de sua descendência, como o pai ou a mãe de um nacional brasileiro. Quanto mais longa sua descendência, mais um imigrante se é ou foi. Nessa perspectiva, o imigrante parece também estar associado a um passado de pobreza e de trabalho duro que resultaram em uma certa estabilidade econômica própria ou de seus descendentes. Só se é um imigrante após ter tido uma descendência e criado um capital econômico ou social no Brasil. Assim, o imigrante parece-me ser visto como alguém que existiu porque deixou um legado que hoje faz parte da sociedade abrangente, ou seja, como alguém que, seja através de si mesmo, ou de sua descendência, foi assimilado à cultura e sociedade brasileira. No imaginário brasileiro, a figura do imigrante parece se construir e cristalizar no tempo até então, se é um estrangeiro.

Tal imagem do imigrante parece estar em contraposição com a imagem do imigrante como um recém chegado pobre que Manuel Delgado (2003) em "*Quien puede ser inmigrante em la ciudad?*" É necessário ter em mente que Delgado observa a sociedade espanhola, que, de considerar-se autóctone e tradicionalmente emissora de migrantes, está tendo que se confrontar com uma nova realidade. Ele estuda os imigrantes nas cidades espanholas, e relativiza o conceito de autóctone e de estrangeiro, lembrando que todo habitante da cidade veio um dia de outro lugar ou que nem todos estrangeiros são taxados como imigrantes e que isso leva a uma estigmatização de ambos.

Já os mediadores o CIBAI Migrações em particular parecem olhar para o estrangeiro que chega hoje com os olhos focalizados naqueles que se tornarão imigrantes, talvez se remetendo a sua vocação assistencial fundadora. O imigrante é o recém chegado, o que nada tem e não construiu uma história no lugar ainda. Uma visita ao hall de entrada do CIBAI Migrações, na Paróquia de Nossa Senhora da Pompéia, no centro de Porto Alegre, dá uma idéia do conceito de imigrante que é manejado lá. Os cartazes e pôsteres que enfeitam as paredes de hall versam todos sobre a pobreza e a necessidade de se dar assistência ao imigrante.

Interessantemente, o termo imigrante raramente aparece nas entrevistas nem conversas informais; os sujeitos deslocados falam de si mesmos segundo sua nacionalidade, como estrangeiros no Brasil ou como latino-americanos dependendo do contexto da entrevista. Parece assim existir uma descontinuidade entre os discursos provenientes do nível macro nos termos de Barth, geralmente baseados nas experiências de imigrantes na Europa, e as experiências de formação de uma identidade de estrangeiro no Brasil. Em meio a isso, existe a ação dos mediadores, por um lado reproduzindo esse discurso internacional objetivado a estimular a solidariedade com a questão migratória e, por outro intercedendo perante as instituições nacionais a favor do estrangeiro.

## **2.6 – A evocação do “latino-americano” –**

Além da adscrição a uma nacionalidade, uma outra categoria é freqüentemente acionada por estrangeiros latino-americanos no Brasil. A referência a uma “latinidade” da que todos fazemos parte aponta para como a adscrição não somente nacional nesse caso, mas também étnica, estende as fronteiras do grupo étnico para além do nacional. A consideração da “latinidade” como uma categoria étnica baseia-se em seu uso enquanto contrário a um outro, o “não latino”, que é associado a valores opostos aos adjudicados aos latinos. O “outro”, nesse momento, passa a ser o “não latino”. O recurso a uma ou outra forma de categorização, freqüentemente acionadas na seqüência uma da outra no tempo das narrativas, põe em evidência o caráter fluido e instável da identidade, a qual pode adquirir formas diversas conforme a situação. Semelhantemente, Deirdre Meintel

(2000), conta como a identidade grega em Montreal dá passo à filiação a uma identidade europeia ou mediterrânea entre os jovens descendentes de imigrantes elenos.

O fato entretanto de que esse recurso a “latinidade” é acionado, com uma frequência notoriamente maior, em pessoas de mediana idade faz pensar em uma politização da categoria “latino” ou “latino-americano” por parte de pessoas dessa faixa etária. Raramente, estrangeiros mais jovens referem-se a si mesmos ou a seu grupo enquanto “latinos” nem englobam nessa categoria aos nacionais brasileiros. Isso me faz pensar em como os discursos políticos penetram a formação das identidades; o nível macro de forças interferindo nos níveis micro e médio, se pensarmos nos termos de Barth (2003). O discurso da “latinidade” - ou “galianismo”<sup>26</sup>, como também é conhecido - muito em voga nas décadas de 1960 e 1970, anteriores ao fenômeno que hoje é conhecido como a despolitização da política, permanece presente, inclusive nas narrativas de sujeitos sem vínculos políticos declarados, como forma de se diferenciar de um outro que é associado não somente a uma origem étnico-nacional, mas também identificado com a figura do opressor e explorador<sup>27</sup>. Morse (1988) prefere o uso do termo “Ibero-América”, em oposição à “anglo-América”, ao invés do termo “América-Latina”, e seu gentilíssimo, o termo “latino-americano”. Segundo ele essa continuidade entre a identidade nacional e a identidade latina, essa contínua expansão e contração da identidade, é interrompida quando se fala da questão dos documentos. Nesse momento, fica muito claro quem é quem nesse vaivém entre o nós e o outro. A realidade burocrática parece devolver cada um ao seu mínimo. Em princípio, poder-se-ia pensar que qualquer outra forma de identidade que os sujeitos queiram acionar é barrada pela preponderância da ordem burocrática sobre as realidades individuais.

Entretanto, a adscrição nacional celebrada pelos sujeitos estrangeiros é também desconstruída enquanto forma de diferenciação pelos mediadores que oficialmente são encarregados de mediar questões de documentos entre o estrangeiro e as instituições brasileiras. Para entidades como o CIBAI Migrações<sup>28</sup>, ligadas à Pastoral do Imigrante, a

<sup>26</sup> Derivado do nome do escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor de “As Veias abertas da América Latina”

<sup>27</sup> Morse (1988) prefere o uso do termo “Ibero-América”, em oposição a “Anglo-América”, ao invés do termo “Latino-América” e seu termo gentilício “latino-americano”. Para ele, “latino-América” é um termo eurocêntrico com um acento instrumental para designar uma zona estratégica do mundo que inclui os povos não ibéricos do Caribe.

<sup>28</sup> [Centro Ítalo-brasileiro-americano de apoio às imigrações](#)



construção de uma dicotomia pára na oposição imigrante / institucionalidade, e é na aproximação desses dois pólos que focaliza uma parte do seu trabalho. Além disso, o CIBAI Migrações, partindo do discurso dos agentes internacionais como a ONU e a OIT sobre a questão migratória, tem como missão formar, junto à população nacional, uma consciência do fenômeno migratório abrangente de todas as migrações.

## Capítulo 3

### As motivações para os deslocamentos

Neste capítulo, vou focalizar a questão do deslocamento como um momento particular do processo migratório o qual começa a se gestar em algum momento antes da partida, em função das motivações individuais dos sujeitos e/ou de condições sociais, e que se perpetua após a chegada ao lugar de destino, na percepção da própria trajetória que esses sujeitos que se deslocam elaboram em face à nova realidade.

Se, por um lado, o deslocamento coloca-se como um momento de ruptura na história dos sujeitos, por outro ele também se apresenta como um nó de frustrações e expectativas que eles tentarão desatar ao avaliar suas trajetórias e elaborar narrativas sobre si mesmos, observando os novos significados que foram adquirindo no confronto continuado com a nova realidade. Assim, o deslocamento geográfico aparece, nas narrativas dos sujeitos já deslocados, como parte de um projeto de vida com expectativas e intenções que, freqüentemente, dissolveram-se entre perdas e ganhos. Entretanto, ao pensar a trajetória de vida dos sujeitos em termos mais gerais, o deslocamento geográfico perde um pouco de sua força, passando a ser um – o mais importante talvez - entre outros deslocamentos, não exclusivamente espaciais, que os sujeitos experimentam.

Assim, ao olhar para o deslocamento, estarei pensando-o como um projeto de vida que tem – ou não – a ver com a escolha de um lugar de destino e que é reavaliado ao longo da trajetória em termos de perdas e ganhos.

#### **3.1 – O deslocamento: um projeto de vida**

O trabalho de campo apontou para a necessidade de se pensar a questão migratória como um campo de possibilidades que os sujeitos em deslocamento manejam ao longo do processo. Migrar ou não, para onde, e voltar ao país de origem ou redirecionar o deslocamento são possibilidades que se traduzem em uma modalidade de migração marcada pela flexibilidade e pela temporalidade. Há uma parcela dos meus sujeitos de pesquisa que saiu de seus locais de procedência com destino a Porto Alegre, e outra para a qual residir na cidade foi expresso como um acontecimento do percurso. Entretanto, mesmo aqueles que saíram de casa tendo Porto Alegre como objetivo de sua

viagem trazem, em suas narrativas, a possibilidade de um re-deslocamento. As narrativas de Andrés e Jacinta, especialmente, mostram como Porto Alegre é uma das possibilidades, sendo que Espanha é um destino sempre em mente.

Vários fatores são levados em conta na elaboração e reelaboração do projeto migratório. Como todo projeto de vida, não é uma elaboração individual somente, senão que, como lembra Gilberto Velho, está referenciado num coletivo.

É, frequentemente, um projeto de família, onde os membros com mais poder de decisão decidem quem vai e quem fica, que migra primeiro e que o segue. Isso não significa, entretanto, que o projeto migratório seja vivido por todos os membros do grupo familiar da mesma forma. De fato, como mostra Gilberto Velho (1999), projetos individuais dos sujeitos migrantes interagem com o projeto familiar e com os projetos de outros membros do grupo, redefinindo-se e validando ou refazendo constantemente o projeto inicial dentro de um campo de possibilidades. Em sua análise das formas como os processos migratórios vêm sendo pensados, Ana Inês Barral (2005) pensa as redes familiares como lugares permeados por relações de poder, onde são tomadas as decisões de migrar ou não migrar e quem fará o que (Barral. P.128). O sujeito em deslocamento está de fato, em uma constante troca de experiências não somente com aquele que não migrou, por decisão própria ou não, mas também com outros que já o fizeram e com os nacionais com quem ele vai construir uma alteridade baseada na filiação nacional. Isso nos leva à possibilidade de pensar o fenômeno migratório como as relações que se estabelecem entre esses quatro lugares de discurso. Lugares de discurso, portanto, que somente existem um em função do outro.

Surge então a necessidade de pensar o papel da família na decisão de migrar. Não somente remessas transitam através das redes de parentesco, senão também informações sobre as experiências dos que já migraram e a possibilidade de empreender o deslocamento contando com o respaldo de um parente no lugar de destino. Existem vários estudos sobre redes de parentesco e migrações. Sahlins (1997), além de defender a permanência dos vínculos de parentesco após o deslocamento e trazer vários exemplos dessa permanência, mostra como as relações de parentesco são resignificadas durante a experiência migratória. As palavras de James, como citado por Sahlins, mostram a duplicidade das relações de parentesco samoano em São Francisco e com os parentes

na ilha:

“James descreve o *aiga* ou rede de família extensa de São Francisco como tomando uma forma funcional particular, adaptada às exigências da diáspora. O *aiga* de ultramar caracteriza-se pela solidariedade dos parentes próximos de mesma geração em contraste com as hierarquias intergeracionais da terra natal e por uma interação formal com os parentes distantes mais freqüentes que a costumeira em Samoa. A aldeia samoana também se reproduz de modo adaptativo, a saber, como congregação de uma igreja de ultramar” (Sahlins, 1997).

O trecho acima recriado fez-me pensar em como o discurso sobre família comumente acionado por sujeitos migrantes e não migrantes, baseado nas relações consangüíneas e no casamento como preservadoras de vínculos de lealdade, é desdobrado, nas experiências dos meus sujeitos, em um tipo de vínculo de parentesco tradicional com a família no país de origem e uma forma de conceber as relações de afinidade como relações de parentesco paralelas, privilegiando, freqüentemente, as relações entre conterrâneos da mesma geração, durante o processo de migração.

O exemplo mais eloqüente dessa reformulação de um projeto familiar entre os sujeitos desta pesquisa é dado pela narrativa de Jacinta. Indubitavelmente, os projetos de vida dos três filhos e da própria Jacinta não podem ser pensados fora do contexto do projeto migratório da família. Conforme ela revela ao falar dos filhos, o projeto migratório inicial foi absorvido e reconfigurado individualmente, sendo reelaborado conforme circunstâncias específicas dentro de contextos que somente podem ser pensados como atravessados por um projeto migratório inicial. Poder-se-ia pensar, logicamente, que a importância dada ao projeto migratório na entrevista é o resultado da própria entrevista, ou seja, que se seus filhos fossem questionados hoje em relação a seus próprios projetos, toda a problemática do deslocamento que a mãe trouxe à entrevista não teria um lugar tão central em suas narrativas.. Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que deslocamentos geográficos determinam deslocamentos sociais e que, principalmente, ajudam a moldar as narrativas dos sujeitos que se deslocam, sobretudo no que se refere a seus campos de possibilidades.

Entretanto, não sempre o projeto migratório é pensado como um projeto de família. A tabela sobre questões de gênero e migração do capítulo anterior põe em evidência a variedade de formas de migrar. Como todo projeto, o projeto migratório é referenciado em um coletivo que não se restringe necessariamente, ao grupo familiar. A opção por emigrar

não implica apenas a elaboração de um projeto, senão também a identificação com um tipo de visão de mundo que é compartilhada por outras pessoas. Nesse coletivo congregado em torno de uma visão de mundo particular, emigrar coloca-se como uma opção e uma possibilidade de concretizar um ideal de vida. Poderá servir de modelo a futuros emigrantes ou não, mas deverá, sim, trazer um retorno que compense pela ausência do país de origem não somente ao sujeito que se desloca, senão também àqueles que ficaram. As narrativas de Rosa, de constantes idas e vindas à cidade no interior do Uruguai onde cresceu, fazem pensar na necessidade de que esse projeto seja validado pela sociedade de origem. Sendo a única filha a ter saído de Melo, e do Uruguai, parece necessário validar sua ausência pela aprovação de seu sucesso como profissional em outro país por parte da família e amigos.

Nesse sentido, a escolha de um lugar de destino faz - ou não - parte do projeto. Digo “ou não” porque, como mostram vários dos meus sujeitos de pesquisa, o destino era, de fato, bem menos importante que a partida. Quando a escolha de um lugar de chegada faz parte do projeto migratório compartilhado, ela é realizada, logicamente, tendo em vista as possibilidades que o lugar oferece de implementar o ideal de vida que o sujeito compartilha com seu coletivo. Entretanto, com mais frequência do que costumamos pensar, a ênfase é colocada na partida, na emigração. Poder-se ia pensar que é ela que constitui essa ruptura que confere sentido ao conjunto do processo migratório, quando pensado desde uma perspectiva temporal. As narrativas de Eduardo, Pedro e Luis, principalmente, nos levam a pensar na pouca importância que havia em um lugar de destino. O que interessava era romper com uma situação com a qual se estava a desgosto, mais do que ir em busca de um objetivo predeterminado em um lugar previamente pensado. A ênfase das narrativas dos três está na partida, não nos percursos percorridos, na vinda a Porto Alegre nem no que esperavam encontrar cá.

O projeto migratório pode ou não ter um destino específico, assim como pode ou não ter também uma continuidade de propósitos, como veremos mais adiante neste capítulo. Entretanto, as escolhas de um lugar como destino implica uma compatibilidade entre as formas como esse lugar é representado e as formas como, não apenas o sujeito que se desloca, mas o coletivo em que ele referencia sua decisão, pensam o mundo. A forma como Alejandra e Rosa falam sobre suas escolhas e vidas profissionais, a

experiência de dispersão familiar de Eduardo anterior a sua saída de Chile, o trânsito entre Brasil e Argentina da família de María, o círculo de trabalho em que Jacinta movimentava-se e os laços familiares e sociais de Francisco sugerem certa continuidade de experiências, um deslocamento geográfico que ocorre dentro de certos parâmetros determinados por um conjunto de experiências anteriores, próprias, familiares e extrafamiliares, e limitado a um campo de possibilidades de circulação. As formas como Porto Alegre é representado aparece nas entrelinhas de suas narrativas como um lugar em sintonia não somente com as expectativas individuais dos sujeitos, mas com aquelas dos coletivos que eles trazem à entrevista como *background* de suas vidas anteriores e posteriores ao deslocamento.

Entretanto, é necessário lembrar que estou pensando esta interpretação com base nas narrativas sobre um fato passado, porém recente – o deslocamento –, e que, portanto, estou tendo acesso a um trabalho de memória. A entrevista, como disse na introdução, não serve apenas como forma de contar uma narrativa; ela desencadeia um processo de reflexão sobre a experiência própria.

Michael Pollak (1990) traz as narrativas de três mulheres sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz para mostrar como são paradoxais entre si as formas de inserir-se em um contexto, quando a questão da sobrevivência está em jogo. Margareta, Ruth e Myriam tiveram experiências muito diversas entre si no campo de concentração em decorrência dos modos diferentes que escolheram para se adaptar ao novo contexto. Diz o autor: “*ces différences délimitent le champ de perception du camp et de la mémoire que cachent d’elles en a gardée*”.

As percepções destes sujeitos sobre suas histórias de rupturas e continuidades é ao que temos acesso. As narrativas que eles trazem às entrevistas não falam apenas sobre como eles reconfiguraram seus lugares no mundo a partir da situação de deslocados, mas também sobre o *habitus* que permeia suas experiências ao longo do processo. Criar vínculos sociais semelhantes aos deixados para trás é também uma forma de ressignificar os vínculos anteriores.

### **3.2 – Projetos pessoais, lealdades e dois modelos de ruptura María e Rosa.**

As entrelinhas das narrativas de todos os meus sujeitos sobre seus encontros com a burocracia nacional e com a nova sociedade de acolhida refletem mais do que encontros meramente burocráticos ou identitários, desencontros entre formas de pensar o mundo que demandam constantes negociações.

Caberia perguntar-se em que medida se trata realmente de uma escolha. Neste item, optei por privilegiar as narrativas de duas mulheres, María e Rosa porque suas narrativas apresentam dois modelos que combinam elementos comuns e contraditórios da ruptura associada ao deslocamento. Além de explicarem esse paradoxo, as narrativas de Rosa e María são exemplares de tipos de ruptura com os modelos de mulher em situação de deslocamento - que é uma das questões deste estudo – e de formas de lidar com seus projetos de vida. Cabe ressaltar, assim, que não é de María e de Rosa que vou me ocupar, mas sim de dois modelos de ruptura e negociação. Trago, mais uma vez, as palavras de Pollak (1990):

*“Certains concepts forgés pour rendre compte du lien entre l’ê psychique et l’ê social, entre l’individuel et l’ê collectif, tant em sociologie qu’em psychologie sociale, sont issus de l’analyse de processus et de phénomènes dotes d’un degré de stabilité relativement eleve. Cela s’applique à la littérature sur la socialisation, aux concepts d’habitus et de capital, qui étudient essentiellement l’ajustement reciproque entre lês dispositions individuelles et la structure sociale. (Ibidem; p. 288-289)*

Surge, à primeira vista, uma diferença entre as formas de viver o processo migratório de ambas. Enquanto uma delas se faz invisível, aprendendo a transitar no escuro entre incertezas e falta de informação, embora deixando entrever que sabe o que faz, a outra se impõe em um campo que é extremamente visível, utilizando suas capacidades e os recursos de que dispõe: duas formas de lidar com a necessidade da sobrevivência.

María dialoga com o coletivo ao reconhecer a importância de que o filho Facundo possa estudar, de falar a língua nacional além da de origem, de ter um trabalho estável. Os documentos dos filhos são necessários para negociar a realização de seu projeto de vida com esse coletivo em pé de igualdade. A obtenção dos documentos coloca-se,

também, como uma forma de manter os laços familiares horizontal e verticalmente:

*“Me vine porque mi madre falleció, me dejó un dinero y ella siempre quería que yo me viniese a Brasil por mis hijos, para que sean brasileiros. Aproveché que ella me dejó esa plata y me vine para comenzar de nuevo aquí. Por eso me vine, para hacerle el gusto a ella.”*

Por que um filho menor iria permanecer na Argentina se sua família está no Brasil? O legado da mãe a coloca na ambígua situação de herdeira de um direito do qual não tem o direito de abrir mão. Como chefe da família, deve concedê-lo também aos filhos; não fazê-lo, significaria também dizer “não” à mãe, com quem parece manter laços fortes de lealdade.

Pensando na centralidade que tudo que diz respeito aos filhos tem na narrativa de María, não é difícil imaginar que as dificuldades dos filhos ponham em questão a validade de suas decisões. De fato, quando perguntei se havia valido a pena vir ao Brasil, a ênfase da resposta foi em como os filhos viviam o processo. Antes de qualquer coisa, Carmem é uma mãe chefe de uma família imigrante que, de alguma forma, esforça-se por levar adiante um projeto familiar herdado que a ultrapassa, e que, quando levada a pensá-lo, questiona sua validade.

A forma como ela recompõe o problema da obtenção dos documentos dos filhos sugere que as instâncias do poder manejam universos de símbolos e significados muito diversos entre si e dos dela, e lutar para conseguir a documentação para todos os filhos implica uma negociação desses significados que nem sempre é bem-sucedida. Seja perante a Polícia Federal ou a escola do filho, a falta de informação parece ser o resultado da descontinuidade entre o mundo dela e o da instância com que se estabelece a negociação: formas diferentes de significar a obtenção de documentos. Frente à direção da escola, onde as figuras da mulher e da mãe são normalmente valorizadas, ela obteve algum resultado favorável. Ao se apresentar como uma mãe católica, ou seja, talvez como alguém que compartilha dos valores da comunidade, ela acionou uma identidade na qual o fato de ser uma imigrante pobre com um filho sem documentos tornava-se menos relevante. Já em suas idas ao escritório da Polícia Federal, os resultados eram e continuam a ser diferentes: poderia pensar que a linguagem burocrática é indiferente às particularidades de quem está do lado de fora do balcão. Mais uma vez, entretanto,



Michael Herzeld aponta como a suposta “indiferença” da ordem burocrática é construída a partir dos símbolos e linguagem das fronteiras morais entre burocratas e solicitantes, ou, entre insiders e outsiders. A María, as informações não chegam, ela não consegue dialogar com os funcionários, não entende a linguagem da burocracia: *“Llamé por teléfono quinientas mil veces y dicen que hay que esperar, que es demorado. No sé que es demorado... venir acá a ver. Todo es así, complicado”*.

Já Rosa, uma mulher branca, de cabelos e olhos claros e, sobretudo, uma profissional que se apresenta como tal, lembra haver sido *“casi siempre bien tratada”*. Poderia também se pensar que as diferenças entre suas experiências radicam nos diversos graus de instrução e, principalmente, em suas formas de inserção na sociedade; enquanto Maria é uma mulher pobre procurando regularizar a situação dos filhos, que admite não entender as questões burocráticas, Rosa fala do lugar de uma mulher de classe média, proprietária do apartamento onde mora e com uma instituição de ensino que a garante. Entretanto, quando a apresentação de documentos dispensa questões mais formais, ela enfrenta a negociação de seus documentos em âmbitos menos burocráticos, como lojas e supermercados, onde um documento diferente alia-se ao sotaque para exacerbar o medo de fraude.

A falta de documentos que lhe permitissem trabalhar levou Rosa a manter seu trabalho no Uruguai enquanto estudava no Brasil. Entretanto, poderíamos dizer que foram somente as questões relativas à documentação que lhe levaram a manter os vínculos com ambos os países? Se pensarmos o conjunto da entrevista, veremos a necessidade dela de manter os vínculos com o país de origem enquanto estiver no Brasil. Rosa mantém lealdades a ambos os lados da fronteira. Uma mulher do interior do Uruguai, Rosa vive sua experiência de deslocada com um pé a cada lado, trabalhando lá e cá, recebendo ajuda e oferecendo cuidados e, sobretudo, justificando sua ausência do país mediante a constante validação de seu *status* de mulher de classe média, com um projeto de vida a realizar referenciado também no coletivo. Penso o conceito de classe média também como definido por Gilberto Velho, como em um processo de individuação sob o olhar do grupo (VELHO, 1999). Uma “self-made woman” Rosa, como María tem também um projeto de vida inscrito dentro das expectativas familiares. Porém, diferentemente de María, Rosa precisa validar sua ausência da família e do lugar de origem através de um

crescimento social, o que, por sua vez, a leva também a retornar a casa uma vez por mês.

Disse Sayad:

"Por mais justificada que seja a imigração, ou seja, a ausência, - e é importante justifica-la permanentemente e justifica-la tanto mais fortemente quanto mais se prolonga indefinidamente e tende a transmutar-se em separação radical - , ela permanece sempre suspeita" . (SAYAD, A. 1998 p. 109)

Enquanto Rosa negocia, pelo constante atravessar da fronteira, seu lugar em ambas sociedades, María atravessa a fronteira ao longo da entrevista, recorrendo a ambas as línguas. Entretanto, a falta de documentos para os filhos parece devolvê-la à fronteira, donde tenta constantemente escapar. Ela negocia seus documentos a partir de um lugar muito diferente do de María. Enquanto uma tinha os meios para saber acionar os recursos da justiça através da irmã Rosita, escreveu cartas pedindo que fosse agilizado seu processo e, especialmente, conta com um capital social que a coloca no lugar de quem tem algo a oferecer, a outra, apesar de estar também vinculada ao CIBAI Migrações, debate-se entre insistir às portas da burocracia e a espera: *"el padre Joaquin, que es el padre de los inmigrantes, me hubiera llamado."*

Sem pretendê-lo, ambas desafiam o estereótipo feminino: uma é a mãe, chefe de família, que nunca recebeu ajuda do ex-marido e que, além de tudo, migra à frente do grupo familiar, enfrentando uma burocracia que não consegue entender. A outra é uma profissional que toma para si o desafio de levar adiante um projeto de ascensão social familiar que só pode se concretizar mediante à qualificação de um dos filhos. Migra e mora sozinha, e viaja constantemente para validar esse projeto.

Entretanto, as mesmas razões que fazem delas dois sujeitos contestatórios do estereótipo feminino mantêm-nas presas a ele. María não consegue pensar sua vida senão em relação aos filhos, ao que lhes deu e lhes negou, ao que se espera dela enquanto mãe deles. A entrevista, que inicialmente devia ser sobre a experiência dela enquanto sujeito estrangeiro migrante, acaba girando em torno dos filhos. Se, por um lado, a figura da mãe de María aparece nas entrelinhas como determinante de um projeto familiar de retorno ao Brasil, por outro as dificuldades econômicas e com a burocracia fazem com que esse projeto seja reavaliado constantemente. Em meio a isso, o sujeito María perde-se entre uma dívida com a mãe e uma projeção do futuro para os filhos.

Rosa tampouco consegue se desvencilhar de uma rede de laços de fidelidade que a colocam na situação de ir e vir, de cuidar dos pacientes e dos estrangeiros em Porto Alegre e da mãe idosa em Melo. A implementação de um projeto de vida deve deixar espaço para esses cuidados, permitir tempo para poder ir e vir. A ausência de casa deve ser justificada nos termos concretos da ascensão social e econômica, e qualquer outra tentativa de ver-se como sujeito está 'sujeita' aos vínculos estabelecidos ao longo de sua história.

No caso de ambas as mulheres, a própria ruptura com um modelo pré-estabelecido - intencional e explícita ou não - devolve-as a uma posição de sujeição a ele. Da mesma forma como as narrativas de ambas parecem contestar o modelo feminino e familiar, ambas permanecem vinculadas a ele por laços que não se rompem apenas pela ação. As ações e atitudes mudam, contestam a realidade em que vivem e modificam, até certo ponto, a forma de ver o mundo, mas um *habitus* transparece por trás das novas configurações.

Susan Stanford Friedman (2001) lembra: "as identidades individuais e coletivas encontram-se alicerçadas - no plano material, mas também nos planos psicológico e geográfico, em contradições" e, ainda mais, como ela também afirma, as fronteiras funcionam como *locus* de encontro entre conjuntos de pares binários. Como poderíamos pensar as relações de María e Rosa com suas histórias de deslocamento? Ambas oriundas de fronteiras geográficas e com longas trajetórias de idas e vindas entre Buenos Aires e Porto Alegre, ou entre Montevideú, Melo e Porto Alegre; uma com filhos argentinos morando no Brasil e brasileiros morando na Argentina e a outra mantendo trabalhos e vínculos a ambos os lados da fronteira.

Tudo leva a crer que, além de ser essa fronteira um lugar de encontro de opostos, seja também uma vivência incorporada ao dia-a-dia destas pessoas, capaz de estimular a capacidade de acionar aspectos éticos e estéticos ambivalentes em um cotidiano cheio de incertezas. Talvez, também, a experiência da travessia seja uma forma de olhar para esse cotidiano, ora de dentro, ora de fora, articulando territorialidades e ancestralidades, na busca de um aqui e agora mais digno, e se traduza e reafirme em um discurso em espanhol crivado por expressões em português.

Mantendo-se aqui e lá, ambas estão dentro e fora dos seus países de origem.

Cada uma viu seus quadros de referência ser quebrados, porém ficaram com os pedaços na mão. Os novos padrões, de alguma forma, evocam o passado. A noção de *habitus*, de Bourdieu, da forma como é trazida por Pollak (1990), nos permite entender como em um contexto de ruptura é possível perceber uma continuidade. Segundo Pollak, a passagem de uma pessoa por vários coletivos deve ser pensada em termos da continuidade e permanência de suas características:

*“La conformidad et la constance das practiques à travers le temps que produit l’habitus indiquent sa proximité phénoménologique avec la notion d’identité, dont les signes distinctifs sont la cohérence et la continuité physique et psychique de l’individu. L’habitus d’une pesonne génère les manifestations que permettent de l’identifier, de la connaitre parmi toutes les autres. En même temps, et dans la mesure ou les habitus sont l’incorporation de la même histoire partagée par un groupe, <ls practiques qu’ils engendrent sont mutuellement compéhensibles (...) et dotées d’un sens objectif à la fois unitaire et systématique, transcendant aux intentions subjectifs et aux produits conscients et collectifs>”* (Pollak 1990 p. 14 et Bourdieu apud Pollak ,1990)

### 3. – Projetando o lugar de chegada: as representações do Brasil e da Região Metropolitana de Porto Alegre



O filme “Whisky” dos diretores uruguaio Juan Pedro Rebella e Plabo Stoll conta a história de Jacobo, um judeu uruguaio dono de uma pequena fábrica de meias em Montevideu e sua funcionária Marta, com quem mantém uma relação estritamente profissional. A densa rotina da vida de ambos, exacerbada pela uniformidade cinzenta das cores das cenas interiores e exteriores, é quebrada pela imprevista chegada do irmão Herman, que mora em Porto Alegre há muitos anos. Para além da história, que deixa entrever antigas rivalidades e desavenças entre os irmãos, o filme aciona um conjunto de representações do que é viver no Uruguai onde o encontro com o outro coloca os personagens frente a si mesmos. O caricaturesco do cartaz do filme, reproduzido acima, prevê que o diretor optou por contar a relação entre os personagens acionando um diálogo entre representações – estereótipos – evidenciando os lugares de cada um num jogo em que a felicidade do “outro” – construída a partir de quem optou por ficar - age como reflexo dos próprios desejos e frustrações, ao mesmo tempo que justifica a opção por manter-se aquém dos limites da própria infelicidade.

Contrariamente à melancolia acionada como representação do uruguaísmo, as representações do Brasil e dos brasileiros primeira e mais comumente acionadas por estrangeiros – e até pelos próprios brasileiros –, dizem respeito a um povo alegre e musical em um país onde o tropicalismo possibilita tudo, e estão associadas, com frequência, à experiência com brasileiros em viagens de turismo, geralmente aos balneários, a encontros com brasileiros em casa, ou pelo retorno oferecido por migrantes anteriores, e levadas em conta ao pensar as possibilidades de migrar.

No último capítulo de “Argentinos e brasileiros – Encontros Imagens e Estereótipos”, Gustavo Lins Ribeiro (2002) recorre à dicotomia tropicalismo / europeísmo - análogo a outra bem mais conhecida, ocidente / oriente - para explicar o jogo de representações do outro em que estão incumbidos argentinos e brasileiros. Ambos os lados da dicotomia, associados a um tecido de fatores históricos, geográficos, climáticos, políticos, sociológicos, culturais e econômicos particulares, servem de referência na construção de uma forma de representar o Brasil pelos argentinos e a Argentina pelos brasileiros.

Ribeiro chama a atenção também para como o tropicalismo, associado ao Brasil e aos brasileiros, vem carregado de uma visão sexualizada da paisagem. A figura da mulher

brasileira – sob uma perspectiva masculina - ínsita à liberação dos desejos libidinosos dos estrangeiros: exuberante e exposto, o corpo feminino conjuga-se às praias e florestas e, muito especialmente, a uma forma de ser e viver, onde a abundância se traduz em sorrisos fartos e solidariedade e espontaneidade sem limites, sugerindo um paraíso perdido, um ideal de felicidade. Felicidade essa que é vivida como uma carência por quem está de fora; pode ser visitada e revisitada, mas que é sempre do outro. E precisa sê-lo; ela tem e deve ter seus limites. Deve estar, de fato, confinado a um espaço e a um tempo além dos próprios. Turistas saem de casa sabendo que voltarão, e assim o desejam. Estrangeiros, imigrantes ou não, concebem-na como brasileira, alheia, nunca, de fato, própria. Ao refletir-se no estrangeiro como um desejo parcialmente realizável, essa suposta felicidade ajuda justificar sua ausência no seu dia-a-dia e até a confirmar a certeza de que quem a percebe está olhando-a do lugar certo. As narrativas dos meus sujeitos deixam entrever uma tentativa de aproximação a essa idéia de felicidade retratada na figura do brasileiro, mas, como veremos um pouco adiante, nunca deixa de ser alheia.

Tal representação *a priori* do 'outro' tem, sem dúvida, raízes históricas, mas ela é criada e recriada sobre bases perenes num jogo constante de reflexos. O tropicalismo do brasileiro não é somente uma forma do "europeizado" representá-lo. É também uma forma de pensar-se a si mesmo, um pouco dentro dos parâmetros do outro, freqüentemente, mas nem sempre, com objetivos específicos. Em "Jogo de espelhos", Silvia Novaes aponta como a representação de si mesmo está relacionada àquela que se faz do "outro", com base em estudos sobre algumas sociedades indígenas brasileiras. Em uma análise para a qual concorrem disciplinas afins, como a lingüística, a psicanálise, a semiótica e a antropologia, a autora nos leva a pensar como códigos e signos podem ser usados na fabricação de uma realidade com objetivos muito determinados. A autora conta como, durante o Primeiro Encontro de Povos Indígenas do Brasil (Brasília, em 1982), os povos indígenas optaram por acionar o modelo de "índio" da sociedade nacional, pelo uso de "cocares e outros adereços 'típicos de índios' muitos dos quais não são mais utilizados cotidianamente" com o objetivo de mostrar publicamente uma identidade diferenciada. (Novaes 1993). De forma semelhante, podemos ver, em agências de turismo e consulados brasileiros no exterior, cartazes e panfletos que recriam o "tropicalismo"

brasileiro para os olhos dos “europeizados” – racionais, rotineiros e frios. Por outro lado, a música e a poesia brasileira freqüentemente fazem apologia a esses encantos paradisíacos, nem sempre com fins comerciais, mas acionando um olhar sobre si mesmo construído não somente a partir dos olhares de estrangeiros europeizados, senão também das diversas tentativas de se criar uma versão sobre a nação brasileira ao longo de sua história.

Não é somente o brasileiro, considerando que este trabalho é sobre migrações no Brasil, que recria sua imagem a partir dos modelos do outro. Poderia se pensar que as críticas de María sobre a sociedade brasileira são uma parte de sua experiência, e a de seus filhos como migrante. E de fato penso que o são. Mas também é possível pensá-las à luz dos discursos sobre o rio-platense mais culto, mais educado e aberto ao intercâmbio intelectual que são tão freqüentes nas vozes de nacionais brasileiros. A identificação do argentino – nesse caso – com o europeu e, conseqüentemente, com o portador de uma cultura mundialmente aceita não está apenas na representação que o brasileiro faz dele, senão também do próprio argentino que recorre a tais representações como forma de estabelecer uma identidade argentina – ou rio-platense – no Brasil. Quantas vezes eu mesmo me descobri zelando pela imagem de pessoa discreta e politicamente correta que os uruguaios têm no Brasil! Ninguém poderia dizer hoje em dia que o tango é uma dança e um estilo de vida cotidianamente vividos pelos uruguaios, mas Rosa escolheu um quadro de tango para recuperar sua história anterior ao deslocamento e representar sua identidade uruguaia no Brasil.

Tal “simulacro” – como o chamaria Novaes, ou hyperréel nos termos de Baudrillard, implica, portanto, um deslocamento, a adoção de uma outra identidade desde a qual se olha para si mesmo. No caso dos estrangeiros no Brasil, a identidade nacional brasileira. Entretanto, sempre alguma coisa vaza, como lembra ainda Novaes 1993. Cito-a novamente:

“... o que vaza é a possibilidade de existência de uma verdade, ou de uma realidade (no caso de apropriação da identidade do branco) a partir de seu simulacro. No processo de simulação (que remete à questão da diferença entre o verdadeiro e o falso, ou da imitação, como coloca Ginszburg) a operação, como mostrou Baudrillard é apenas especular e discursiva (Ibid, p.70)

Francisco repete várias vezes, ao longo da entrevista, que sua nacionalidade é

brasileira, que nasceu argentino por acaso, mas que ele nacionalizou-se brasileiro porque é brasileiro. Conta também como, durante um jogo de futebol entre Argentina e Brasil, torcia pelo Brasil. Interessantemente, 25 argentinos assistiam ao jogo na casa do Francisco.

Tal deslocamento – não geográfico –, onde se torna necessário observar-se do ponto de vista do outro, não é, como vimos no capítulo anterior, no item “imigração e pobreza”, o único deslocamento identitário que o migrante realiza em sua trajetória.

Voltando às representações do Brasil, no que tange à escolha de um destino, quando o há – pois como veremos mais adiante, nem sempre existe um pólo de atração do empreendimento migratório -, é necessário fazer, nesse ponto, um corte geográfico e temporal. Se, por um lado, o Brasil continua a ser representado como a encarnação do tropicalismo, a região sul e particularmente a cidade de Porto Alegre vem “conquistando novos mercados migratórios”, em função de sua localização geográfica – é a capital brasileira mais austral e mais próxima das fronteiras com Uruguai e Argentina, permitindo o trânsito freqüente de ida e volta ao país de origem -, de sua caracterização como capital brasileira com a melhor qualidade de vida e da imagem de modelo democrático que vem desenvolvendo há, aproximadamente, 15 anos.

A representação da região sul do Brasil como um lugar de colonização européia, - ou seja, associada a valores e formas de vida, compartilhados com uruguaios, argentinos e chilenos especialmente, convive com a representação de um Brasil tropical. Não posso precisar até que ponto ambas as representações se fundem na configuração de um lugar que combina o exotismo exuberante do tropicalismo com o mitificado europeísmo decorrente das colonizações anglo-saxônicas, eslavas e italianas, mas é fácil perceber - embora impossível de documentar, por enquanto - que ambas as formas de representar o sul do Brasil têm sido, especialmente nas últimas décadas, acionadas como motivo de escolha de destino.

Além disso, a cidade de Porto Alegre tem se projetado como um centro vanguardista no referente à implementação e programas sociais e culturais que estão em conformidade com os novos discursos universais sobre a democracia. Assim, vários dos meus sujeitos moram hoje em Porto Alegre porque vieram primeiramente assistir ao “Fórum Social Mundial” - caso de Alejandra -, o Festival de teatro internacional “Porto Alegre em Cena” –



caso de Pedro –, a estudar o Programa de Descentralização da Cultura, como Alejandra novamente e a participar da Feira de Artesanato Latino-americano, como Jacinta.

Dos eventos mencionados no parágrafo anterior, talvez somente o Fórum Social Mundial, que teve lugar nos anos 2001, 2002, 2003 e 2005, tenha uma divulgação na grande mídia de outros países capaz de tornar sua divulgação independente de canais específicos entre setores da sociedade também específicos. Mesmo assim, somente pessoas identificadas com as propostas do Fórum viriam a Porto Alegre por causa dele. Porto Alegre aparece, assim, como um centro de convergência de vários setores sociais transnacionais que têm em comum uma preocupação com o social. Através desses canais deslocam-se pessoas com interesses migratórios freqüentemente diversos dos apresentados como estereótipo do migrante pelos próprios órgãos internacionais donde partem esses discursos.<sup>29</sup>

### **3.4 – Reflexões sobre a “ruptura”: as causas de emigração e a escolha de um destino.**

A circulação de pessoas, motivada, como vimos no capítulo anterior, por questões econômicas intrincadas a questões políticas nos leva a um outro questionamento: é a dialética emigração – imigração a única dinâmica possível ou existem outras? Sayad escreve:

*‘l’émigration reste comme l’autre versant de l’immigration em laquelle se prolongue et survit, et qu’elle continuera a accompagner aussi longtemps que l’immigré, ce double de l’émigré, n’a pas disparu ou n’a pas été oublié définitivement comme tel par la société d’émigration l’émigration reste como ....’*

e em “A pobreza exótica”.

‘... emigra-se por pobreza, A imigração se faz a partir de países pobres para os países mais ricos – é, portanto, emigração de pobres – para os países mais ricos; e é também imigração de pobres para países mais ricos, ou pelo menos, para países menos pobres” (SAYAD, 1991).

O trabalho de campo com estrangeiros vindos desses quatro países para o sul do Brasil questiona essa dinâmica, segundo a qual há sempre um lugar de origem e um país

---

<sup>29</sup> Uma das características da chamada “pós-modernidade” é a delimitação de setores da sociedade que ultrapassam fronteiras nacionais, criando Estados alternativos superpostos entre si e ao Estado Nacional.

de destino. Junto a essa visão da migração, como composta de duas fases que se continuam ao longo de um eixo temporal, existe uma outra dinâmica onde a decisão e a forma de viver a emigração têm um peso maior na vida do sujeito em deslocamento do que a imigração. Os sujeitos emigram por circunstâncias, não necessariamente porque exista um pólo de atração que lhes prometa aquilo que o país de origem lhes nega.

A maioria deles não migrou em direção ao Brasil por ser pobre no país de origem, mas porque entendiam sua pobreza de tal forma que ela contrariava aquilo que almejavam para si mesmos. Lembra Jacinta: *"yo tenía mi casita em Buenos Aires, y tenía trabajo también. Yo sigo renegando de la situación social de la Argentina, no de la Argentina. Así ... eh.... tené en cuenta que yo vengo de un pueblo donde todos nos conocíamos, una ciudad muy chiquita. Vos podías ir a un político y decirle en la cara que era un ladrón. Y ahí llegás a Buenos aires y todo el mundo te mete la mano en el bolso, te cobran impuestos que son un horror, como aquí, no?, solo que allá no tenés a quien quejarte."*

Andrés trabalhava demais para poder pagar suas dívidas; *"Yo trabajaba em el ônibus, me levantaba a las tres de la mañana. Después que largaba el ómnibus me iba a trabajar em el taller de um amigo, chapeamento y mecáninca. Llegaba a casa a las 9 o 10 de la noche. Todos los días lo mismo, así todos los días"*. E, interessadamente, compara-se a seu irmão: *"no paga alquiler, banca la casa, viste?. No gana mal, no gana bien, pero él tiene outra manera de pensar que yo."*

Pedro não tolerava estar sempre submetido a um chefe, por melhor pago que fosse seu trabalho. Já Juan sabia que se ele queria ter um negócio próprio que lhe permitisse sobreviver, devia procurar um lugar que oferecesse um mercado mais amplo, uma situação semelhante à da família de Íris. Nas narrativas deles, a pobreza não aparece como uma falta quase absoluta de recursos, senão contrariando uma visão de si mesmos.

A própria palavra emigrar pode parecer estranha nesse contexto. Claro que quem sai do país com intenções de morar fora dele está, de fato, emigrando. No entanto, a ênfase freqüentemente colocada em um almejado rompimento com uma situação leva a pensar mais em uma tentativa de sair de um lugar de desconforto, de um assumir as rédeas da vida do que de deixar para trás a pátria ou de adotar uma outra. Freqüentemente, essas pessoas na estavam saindo do seu país para vir morar no Brasil;

estavam, sim, abandonando uma série de circunstâncias pessoais ou sociais, rompendo com a vida que levavam naquele lugar. Como disse Pedro “... *como te decía, fueron varias cosas que fueron detonando esa decisión de poder largar todo, esa servidumbre, esa sumisión que hay que tener cuando uno tiene patrón; buscar una autonomía, otro nivel de responsabilidad*”

Já um uruguaio de 28 anos com quem conversei no hall de espera do CIBAI Migrações, falou longamente sobre sua vida em Montevideú, sobre como muitos dos seus amigos e ele mesmo haviam se viciado no uso do crack e da necessidade de romper com todo aquele círculo. Vir ao Brasil foi uma tentativa. Sem documentos e sem dinheiro, pediu ajuda ao CIBAI Migrações para fazer uma chamada telefônica ao irmão, e pedir-lhe que lhe enviasse uma passagem de volta.

As trajetórias migratórias de Eduardo, Pedro, Luis, Sara, e de vários outros, permitem entrever uma ruptura entre os motivos que os levaram a sair de casa e aquelas razões pelas que se encontram hoje em Porto Alegre ou pelas que encontravam-se em um dado momento em certo lugar. Nem sempre as razões para escolher um lugar, seja temporária ou permanentemente, vão ao encontro das motivações que os levaram a emigrar. Em algum momento, o fio que poderia ser pensado condutor de uma experiência migratória rompe-se. Reatando os cabos, talvez se consiga não perder o rumo que se tinha ao sair, mas o padrão resultante nesse tecido de expectativas, conquistas e frustrações que é a experiência migratória pode não se parecer ao esperado. Andrés e sua companheira, enfermeira profissional, vieram a Porto Alegre com a intenção de abrir uma oficina de conserto de automóveis e continuar estudando: “*ahora ella está desperdiciada, haciendo relleno y yo estoy acá, vendiendo pasteles. Paso 16 o 18 horas por dia acá adentro. Es jodido. Era lo que no queria allá*”

Contudo, pode ser que não se queira mais reaver aquelas expectativas; um novo padrão de tecido pode vir a resultar mais interessante. Faze-se necessário então repensar a trajetória a partir de um novo lugar geográfico e epistemológico. Luis conta que em Lima era usuário de cocaína: “*Tenia crisis de paranoia, tenía miedo de salir a la ‘rua’ Yo no queria ser dependiente de eso. Lo mejor que podía hacer era viajar*”. A fronteira com Chile era a mais próxima. Um ano mais tarde, estava em Buenos Aires e só chegou a Porto Alegre, três anos após a partida, porque, em uma viagem ao Rio de Janeiro, para renovar

o visto de turista argentino na volta, fez amigos gaúchos: “*yo salí por um año, ya hace 18 que me fui. Como ves, nadie es dueño de su propio destino*”.

Algumas vezes, essa ruptura entre motivações e escolhas acontece logo no início da trajetória, como é o caso de Eduardo. Ele saiu de Santiago para escapar ao sistema educacional repressivo, mas não foi à procura de um outro sistema ao qual pudesse se adequar melhor. Optou por uma vida bem diferente onde a pedagogia não tem grande espaço. Hoje em dia, ser professor é apenas uma possibilidade longínqua de satisfação. Em outros casos, essa ruptura ocorre no andamento. Luis deixou de usar cocaína muito antes de vir ao Brasil. Trabalhou como garçom, vendedor de loja, marceneiro e agora fabrica incensos. Lembra que em algum momento quis estudar línguas para ser tradutor, mas hoje pensa que não faz diferença falar espanhol ou português com os clientes, e brinca “*Yo les enseño portunhol a veces*”. Sara tornou-se uma pessoa bem diferente da refugiada política dos primeiros dias. Hoje, embora tenha Uruguai um governo semelhante ao que ela sonhara na época da militância, o qual ela apóia, prefere criar um novo espaço de vida, sabendo que não moraria mais lá.

Outras vezes, esse tipo de ruptura nunca acontece, considerando, claro o tempo das narrativas. Miguel, sócio em um pequeno curso de reforço escolar em Tucuman, emigrou devido à crise econômica que Argentina vivia no momento. Veio a Porto Alegre com a intenção de ensinar espanhol porque o Brasil oferecia um bom campo de trabalho para professores de espanhol. Encontrou o que veio buscar, um lugar descontraído e mais próspero que se encaixava no tipo de representação do Brasil e do brasileiro que ele havia construído em seu contato com uma colega de trabalho professora de português em sua cidade. Sua narrativa sobre sua experiência migratória oferece uma continuidade de motivos de saída e escolha de um lugar e, segundo seu relato, está também conseguindo o que queria: sustentar-se dando aula de espanhol.

Em geral, são aquelas narrativas onde há uma constante tentativa de emendar as motivações do momento da saída às da escolha do lugar de destino ou permanência nele que fornecem os materiais para a esterotipação do imigrante freqüentemente presente nos discursos sobre migração das organizações internacionais e dos mediadores. É o caso em que a imigração é a outra cara da emigração, com nas palavras de Sayad já mencionadas, que serve de argumento e base para a estereotipação do imigrante.

Andrés, mesmo que não pobre, está próximo do modelo de imigrante retratado na literatura, de uma forma semelhante a Abbas, o imigrante argelino entrevistado por Sayad em “A miséria do Mundo”. Já Miguel fornece um modelo para todos aqueles potenciais migrantes.

Quero enfatizar que a ruptura a que me refiro não diz respeito a conseguir ou não os objetivos esperados do empreendimento migratório, e sim a um descompasso entre sair e chegar, entre deixar para trás e ir em busca de, entre aquilo que se queria abandonar e aquilo que se imaginava encontrar. Quando há tal ruptura, existe um espaço vazio entre ambas as fases e formas de pensar o deslocamento. As causas da emigração não se correspondem com os motivos nem as expectativas da imigração. É por isso que, nesses casos, as narrativas enfatizam a emigração, que é o que se tem mais claro, e o momento em que mais se foi um sujeito. A imigração, sem deixar de ser importante, é mais um resultado do devir dos acontecimentos do que uma escolha certa ou errada.

### **3.5 – Um pólo de atração: A Região Metropolitana de Porto Alegre**

À maneira de um trabalho arqueológico, onde quaisquer diferenças nas camadas mais superficiais do terreno são sempre suspeitas de guardarem um tesouro, surgiu a primeira surpresa e um conseqüente questionamento. Contrariamente ao que esperava encontrar no meu trabalho de campo, uma boa parte dos que inicialmente me foram apontados como possíveis sujeitos de pesquisa pelo CIBAI Migrações morava nas cidades satélites de Porto Alegre, como minha tendência a conceitualizá-las era. Como era que alguém que vinha a um país estrangeiro com intenções de morar ou permanecer um bom tempo lá escolhia morar num lugar que não fosse um grande centro, onde, supunha eu, tudo acontecia? Também tudo o que havia lido até o momento sobre os fluxos migratórios internacionais apontava as grandes cidades como o destino preferido dos sujeitos migrantes. Vieram então as perguntas: os estrangeiros que o CIBAI Migrações indicou-me como possíveis sujeitos são pessoas pobres e por isso moram longe da cidade? Quantos estrangeiros moram na região metropolitana e quantos em Porto Alegre? Qual é a projeção desses municípios no exterior e como é que essas pessoas chegaram ali? São os estrangeiros que moram na RMPA pessoas que vieram se instalar em Porto Alegre e encontraram nas cidades satélites uma forma de consolidar

sua relação com a capital ou, pelo contrário, é a cidade onde moram a instância mais próxima em sua relação com o estado brasileiro? Em outras palavras, eles são moradores de Viamão, Cachoeirinha ou São Leopoldo ou moradores da grande Porto Alegre. “Pensar essas questões pode ser elucidativo dos processos sociais que levaram estas pessoas a estas cidades e também de suas trajetórias de deslocamento espacial e social”, pensei. Estava, de alguma forma, certo, mas o que veio após podia, em parte, ser uma resposta a esse questionamento, em parte não.

Interessa aqui pensar se a chegada de estrangeiros que se instalaram na RMPA não acompanha a dinâmica das migrações internas. É bem verdade que os fluxos migratórios externos e internos até a década de 1960 ocorriam em direção a Porto Alegre, pois era aqui que estava a oferta de trabalho. Porém, alguns estudos mostram que, a partir de 1960, a participação da indústria de Porto Alegre na renda total de estado diminuiu gradativamente de enquanto a da RMPA aumentou. A participação na renda estadual do setor dos serviços de Porto Alegre, por outro lado, aumentou até a segunda metade da década de 1970 para reduzir drasticamente a partir da década de 80. Já as outras regiões da RMPA passaram por um processo inverso de industrialização, com a instalação de distritos industriais e posteriormente o crescimento do setor terciário. (Alonso, Luis & Bandeira, Pedro. 1988). Essa redistribuição de emprego e renda veio, como é fácil deduzir, acompanhada de uma dispersão dos fluxos migratórios internos e externos. Mas o que vale aqui ressaltar é que, contrariamente ao que esperava encontrar no meu campo, o pólo de atração nos casos em que ele existe como motivo, ou um dos motivos do deslocamento, não é Porto Alegre, senão que está distribuído mais ou menos uniformemente entre a própria cidade e a região metropolitana. A industrialização da RMPA ecoou no exterior dentro de âmbitos específicos, fluindo através de empresas internacionais e, como conseqüência, de pessoas. Hoje, os estrangeiros que moram na RMPA não são necessariamente trabalhadores das empresas em que vieram trabalhar; há também os que o foram e mudaram de empresa ou se aposentaram e continuaram morando nessas cidades e os que vieram porque um parente ou amigo veio se instalar lá anteriormente. Dessa forma, pode se dizer que, em termos mais sociológicos do que antropológicos, os fluxos migratórios do exterior à região seguem a dinâmica migratória já conhecida do fluxo das possibilidades de trabalho e dos caminhos trilhados por

antecessores conhecidos.

Não é possível generalizar quanto à relação que essas pessoas mantêm com o município onde moram. Há quem more e trabalhe em Porto Alegre, quem more na RMPA e trabalhe na capital, há os que têm seus negócios na RMPA e vêm a Porto Alegre só se for necessário. Há os que moram na RMPA por escolha e os que morariam em Porto Alegre se pudessem.

Em relação aos estrangeiros que moram em Porto Alegre, há uma tendência a procurar moradia inicialmente em hotéis e pensões - formas de moradia para os quais não é necessário apresentar documentos brasileiros, ter um fiador nem comprovar os rendimentos mensais – próximos ao centro da cidade. À medida que surgem possibilidades de trabalho, que se familiarizam com a cidade, e vão tecendo redes de relações, começam se dispersar nos bairros. Como acontece com todas as pessoas que estão à procura de um apartamento ou casa para alugar, o preço e a proximidade aos locais de trabalho e estudo são as primeiras condições a ser consideradas. No caso dos estrangeiros, alugar um lugar de moradia torna-se mais difícil devido à falta de documentação necessária. Por isso, o local de moradia está freqüentemente mais condicionado à possibilidade de alugar sem a intermediação de agentes imobiliários ou à disponibilidade de um amigo a comprometer seu próprio nome para ajudar o amigo estrangeiro. Nesse sentido, pensões, apart-hotéis e hotéis de baixo custo, quase todos na zona central da cidade, são sempre os lugares que, por ser considerados moradias temporárias, não estão sujeitos às leis de inquilinato e, portanto, não exigem documentos de comprovação de renda nem fiança.

De todas as formas, e diferentemente de como ocorre a relação entre migração e espaço urbano em outros casos, como a latino-americana em Nova Iorque e São Francisco, a japonesa em São Paulo e até a judaica em Porto Alegre, não existem em Porto Alegre e na região metropolitana bairros de concentração de estrangeiros latino-americanos. Essa dispersão dos estrangeiros latino-americanos no espaço urbano da RMPA e de Porto Alegre, não é apenas um diferencial desse tipo de migração, senão que é também um dos possíveis motivos da invisibilidade do fenômeno migratório latino-americano no Rio Grande do Sul.

## Capítulo 4

### **Os intermediários do acolhimento ao imigrante: os distintos mediadores e as formas de associação dos imigrantes.**

Neste capítulo, analisarei de que forma os estrangeiros que participaram desta pesquisa relacionam-se entre si e com a sociedade abrangente. Inicialmente descreverei a atuação dos mediadores de ajuda e atendimento ao imigrante entre os estrangeiros em Porto Alegre e as instituições brasileiras, para posteriormente olhar para o papel desempenhado por outras formas de associação.

Os mediadores abordados neste trabalho são as organizações que oficial e não oficialmente servem de intermediário entre o estrangeiro e as instituições, considerando que as instituições não são somente aquelas representantes do estado brasileiro, senão também organizações comerciais como bancos e imobiliárias.

Em Porto Alegre, como em várias outras cidades do Brasil e da América Latina, os mediadores que oficialmente intermedeiam as relações entre estrangeiros e instituições - nesse caso as representantes do Estado nacional - estão ligados à Pastoral do Migrante, da igreja Católica. Como extensão da forma em que, pelas organizações de abrangência mundial, são divididos os movimentos migratórios, em Porto Alegre o CIBAI Migrações ocupa-se dos migrantes espontâneos ou econômicos e a ASAV dos refugiados políticos. Como esta pesquisa debruçou-se sobre as experiências dos estrangeiros que chegaram a Porto Alegre por conta própria, farei uma breve descrição da ASAV para, posteriormente, descrever mais detalhadamente a atuação do CIBAI Migrações e das redes de associação.

#### **4.1 – A Associação Antônio Vieira**

Soube a respeito da ASAV em um congresso sobre o papel da ONU e os refugiados políticos que teve lugar na faculdade de direito da UFRGS em junho de 2006. Karin, a diretora, era uma das palestrantes e organizadoras do evento. Não é religiosa, mas no evento usava roupas escuras com um grande crucifixo prateado pendurado no pescoço. Chamou-me a atenção, também durante o evento, que não houvesse ninguém do CIBAI Migrações e que, embora eles soubessem de minha pesquisa, ninguém no



CIBAI Migrações havia alguma vez me falado sobre a existência dessa associação. Marquei uma entrevista com Karin na sede da associação, em um edifício no centro de Porto Alegre. Ao chegar ao endereço indicado, uma porta metálica e uma grade fechadas; nenhum sinal de que lá funcionasse um escritório ou qualquer coisa semelhante. Toquei a campainha, alguém perguntou, sem abrir a porta, quem eu era e o que desejava. Abriram a porta e a grade. Em um escritório de dois ambientes espaçosos, estavam Karin e mais duas funcionárias, três mesas, vários mapas da Colômbia sobre as paredes.

“Nos não atendemos aqui, aqui é somente a parte financeira, administrativa e política do projeto. Fazemos atendimento domiciliar”. O Programa de Reassentamento, do qual o Brasil faz parte desde 2003, procura realocar refugiados políticos que não conseguiram se adaptar à vida no primeiro país de acolhida. Essas pessoas entram em contato com a ACNUR e se candidatam ao Programa de Reassentamento. O programa é tripartite - há um representante do governo, um representante da ACNUR e um outro da Sociedade Civil organizada. A ASAV é a representante da sociedade civil no estado do Rio Grande do Sul; em São Paulo é a “Cáritas”, a “Comissão de Direitos Humanos” - a única que não está diretamente ligada à Igreja Católica; no Rio Grande do Norte e em Brasília, o “Instituto Imigração e Direitos Humanos”, que é um instituto de pesquisa e produção de conhecimento sobre os movimentos humanos. O governo brasileiro legaliza a estada dos refugiados reassentados no Brasil e disponibiliza todos os serviços públicos; a ACNUR providencia os recursos financeiros, conforme uma distribuição feita em Genebra, e as ONGs realizam o trabalho local e personalizado de assistência ao refugiado. Os parceiros locais trabalham junto às ONGs, seja ajudando no reassentamento, seja economicamente, para completar as despesas do programa. Os parceiros voluntários surgem por indicação de outros parceiros e através do contato das ONGs com as prefeituras. “Mesmo que seja uma pessoa, causa um impacto na cidade por ser estrangeiro, então nós vamos na cidade e apresentamos o programa à Prefeitura”.

A ASAV faz parte da “Companhia de Jesus”, que em outros países existe o SJR – Serviço Jesuíta para Refugiados – próprio da congregação. “Nós pertencemos aos Jesuítas, mas implementamos um projeto das Nações Unidas”

Porto Alegre passou a ser considerada uma das cidades candidatas à instauração de uma sede do Programa de Reassentamento das Nações Unidas com base em uma

pesquisa sobre cidades brasileiras capazes de acolher o programa, realizada pela ONU. Na época, Porto Alegre recebeu o título da UNESCO de “Cidade Solidária”. Foi então que a cidade de Porto Alegre foi escolhida para ser a sede da ONG que iria executar o programa.

Na América do Sul, fazem parte desse programa Brasil, Chile, Argentina e Uruguai. São os chamados países emergentes em reassentamento. Os tradicionais são Canadá, Estados Unidos, e outros países da Europa. “Pela proximidade da língua, pela cultura, nós procuramos deixar os colombianos aqui na América do Sul. Além de algumas famílias “africanas” – como disse Karin – o restante dos refugiados políticos no Brasil hoje são colombianos.

Quando há uma solicitação de reassentamento, é formada uma ‘comissão’ também tripartite, que viaja e permanece no local onde o candidato se encontra por aproximadamente uma semana, conversando com ele. “Não há como provar a história de cada um. O relato deles é a própria prova, então são feitas várias entrevistas um pouco para checar as informações que estão prestando”. Posteriormente, tem lugar uma reunião do CONARE<sup>30</sup>, onde o Comitê deverá apreciar cada caso para ver que condições essas pessoas têm de se integrarem à sociedade brasileira e que parte do país seria a mais adequada. Há reassentamentos na região nordeste, nos estados do Rio grande do Norte, Rio Grande do Sul, São Paulo e no Distrito Federal. “... é de acordo com sua vocação, se é rural, urbana, calor, frio, área litorânea. A gente faz uma distribuição regionalizada conforme suas vocações”. A partir desse momento, as ONGs responsáveis em cada estado ou região começam a preparar a estrutura necessária para receber as famílias de refugiados. Interessante é ressaltar que dificilmente se dá acolhida a uma única pessoa de um grupo familiar; o programa de reassentamento procura sempre trazer toda a família de uma única vez. “A integração somente acontece quando toda a família vem junta”.

Segundo Karin, os refugiados recebem a Declaração de Refugiado do CONARE. Com ela, cadastram-se na Polícia Federal. “Depois que faz o RNE<sup>31</sup>, em 24 horas se faz toda a documentação deles”. Porém reconhece que o RNE demora em chegar “aquele protocolo fica um tempão, é demorado. Essa é uma coisa que não se conseguiu resolver

---

<sup>30</sup> Conselho Nacional para os Refugiados

<sup>31</sup> “Registro Nacional de Estrangeiro”. Documento de identidade do imigrante estrangeiro no Brasil.

ainda. O sistema da polícia é antigo, burocrático, mas eles já estão trabalhando para agilizar o processo. De seis em seis meses, de ano em ano, eles vão lá e renovam o RNE. Eles não têm encontrado dificuldade nenhuma nisso” E continua: “Com o RNE se faz o CPF. No Brasil, tendo CPF se faz todo tipo de documento, cartão de crédito, conta em banco... “

Cidades pequenas são as privilegiadas pelo programa, desde que tenham uma boa estrutura de saúde e educação públicas. “Todos os serviços que o estado brasileiro oferece estão abertos aos refugiados”. E “as cidades pequenas são preferidas porque a comunidade local é muito importante. O reassentamento somente acontece quando as pessoas que chegam são acolhidas, acomodadas naquela comunidade”. Os parceiros na localidade têm uma função primordial e, entre eles, há entidades da Igreja e indivíduos que mantêm uma relação estreita com ela e com a vida política e social da cidade.

O reassentamento é, nas palavras de Karin, um programa caro, porque cada caso é um caso e demanda um trabalho personalizado: “Ensinamos coisas práticas da vida. Na realidade, essas pessoas vão começar uma dinâmica diferente na vida deles, né, então ensinamos coisas como dinheiro, moeda, a organização social e política, as leis, leis trabalhistas, direitos da criança e do adolescente, as questões de gênero, como pegar ônibus, administrar dinheiro... eles recebem uma ajuda, uma bolsa mensal e esse dinheiro tem que durar todo o mês. Nós pagamos o aluguel, uma ajuda para luz, uma ajuda para gás e uma ajuda para subsistência, comida. Dá mais ou menos dois salários mínimos, assim... mais ou menos. Varia porque cada cidade tem um valor de aluguel diferente”.

Quando perguntei se havia um perfil das pessoas que se candidatavam ao programa: “nós não escolhemos, pegamos o pacote inteiro”. Quando perguntei sobre os colombianos: “nos não dizemos ‘agora esqueçam tudo que vocês viveram, mas eles por muito tempo não querem falar, nem lembrar nada.... não querem conhecer outros colombianos ...”. No Rio Grande do Sul, há 65 colombianos na condição de refugiados reassentados, todos espalhados nos diversos municípios do interior do estado.

Ao indagar sobre conflitos entre os refugiados estrangeiros e a sociedade local: “Não. O que houve foram alguns casos de violência doméstica. Aí entra também a questão cultural, né?, a cultura latina... um cara mais machista e tal... até aceitar que aqui

o papel da mulher na família é diferente... cada sociedade se organiza de um jeito e aqui a questão do gênero é muito trabalhada. Tem Delegacia da Mulher, Coordenadoria da Mulher, tem várias ONGs.” E continua Karin: “... a integração tem níveis muito variados, até cair a ficha...”.

A ASAV faz visitas periódicas aos refugiados, que se espaçam com o tempo. Nas primeiras visitas, procuram ver como se vão “adaptando” à nova vida, depois começam a ajudá-los na procura de emprego.

Dentro do território nacional, eles podem se movimentar livremente. Para ir a outros países, precisam de uma autorização do CONARE, válida por um tempo determinado. Devem declarar aonde vão e com que dinheiro o farão. “Uma hora depois de cumprido o prazo, eles perdem o *status*. Se eles vão viajar e somem, é porque não precisam mais de proteção, então estão fora do programa”.

#### **4.2 - O CIBAI Migrações**

O CIBAI Migrações é o órgão da Igreja Católica em Porto Alegre que, com sede na Paróquia de Nossa Senhora da Pompéia, no centro de Porto Alegre, serve, na maioria dos casos, de mediador entre o estrangeiro - freqüentemente sem documentos de residência - e a Polícia Federal. Os padres Joaquim e João são os dirigentes. Embora mantenha, como veremos, uma atuação muito mais ampla no campo das migrações do que informar e encaminhar o estrangeiro na negociação de documentos, é por essa atividade que é reconhecido pelos estrangeiros. “*El Padre Joaquin de la Iglesia de la Pompeya te ayuda com los papeles*” é a forma de se referir às atividades do CIBAI Migrações.

Curiosamente, houve casos em que os próprios agentes da PF encaminharam estrangeiros ao CIBAI Migrações para que o Padre Joaquim, encarregado de todo o relativo à documentação, desse-lhes as informações necessárias sobre como obter os documentos de residência no Brasil. Trata-se, então, de uma colaboração mútua. Como lembrou o Padre Joaquim: “Eles fazem a parte deles”. Isso me levou a questionar sobre a forma como são respeitados, ou não, os limites entre ambos; ou seja, até onde chega a função de cada um. O CIBAI Migrações mantém um cadastro de todos os atendimentos

realizados, registrando dos solicitantes dados como nome, nacionalidade, estado civil, endereço e telefone. Quando perguntei se nunca um agente da Polícia Federal havia solicitado do CIBAI Migrações esses registros, a resposta foi que isso nunca havia acontecido.

O CIBAI Migrações foi fundado em 1958 pela congregação dos padres Carlistas, da ordem Scalabriana, para atender o imigrante italiano no Rio Grande do Sul. Em 1970, face às novas necessidades, abriu-se para imigrantes de todas as nacionalidades. Hoje em dia, a maioria dos atendimentos realizados pelo CIBAI Migrações é a latino-americanos, mas há também africanos e asiáticos que procuram assistência lá.

Há outras entidades vinculadas à mesma ordem em São Paulo e Curitiba, além das vinculadas às Irmãs Carlistas. “Nós gostaríamos que o CIBAI Migrações se tornasse o ponto de referência de todas as migrações” disse o padre João. Como descreverei mais adiante, o CIBAI Migrações, de fato, ocupa um lugar de referência para a experiência dos migrantes, sobretudo estrangeiros.

O CIBAI Migrações tem atualmente dois secretários, os únicos remunerados, dois padres: Joaquim (catarinense) e Giovanni (italiano) que se apresenta como João, além dos trabalhadores voluntários, entre os quais há um médico, advogados, dois psicólogos e um sociólogo. “Nós aqui não ganhamos nada, só gastamos”, lembra o Padre João.

Os objetivos do CIBAI Migrações são, segundo o padre João, criar consciência na sociedade civil do valor do fenômeno migratório. Conscientizar o migrante da necessidade de se congregar e ajudar e criar uma consciência do fenômeno migratório no interior da Igreja católica.

“Partimos do princípio de que podemos criar um espaço onde todas as migrações possam desenvolver a sua riqueza cultural” e “Todas as culturas são importantes, mas para desenvolver a única humanidade”, disse o Padre João.

A entidade tem uma função assistencial também. “O imigrante, não vem te pedir conselhos, vem te pedir respostas” e “aqueles que querem voltar, ajudamos a que volte, os que querem ficar, ajudamos um pouco, mas que ele assuma suas responsabilidades”. Há ajuda também financeiramente aos estrangeiros mais pobres. Aqueles migrantes e pessoas vinculadas ao CIBAI Migrações que estão economicamente melhor, contribuem com doações em dinheiro, roupas e alimentos para serem distribuídos pelo CIBAI

Migrações. A queixa mais freqüente entre aqueles que podem regularizar sua situação no Brasil é o alto custo das taxas a serem pagas à Polícia Federal. Como é possível prever, a função assistencial do CIBAI Migrações, sobretudo quando se trata de ajuda em dinheiro, é fonte de alguns conflitos: o critério de distribuição da ajuda é questionado às vezes. Carlos, o diretor do Centro Cultural Peruano e psicólogo voluntário do CIBAI Migrações narrou a história de um migrante uruguaio paciente seu cuja situação econômica parecia estar melhorando sensivelmente que entrou em conflito com um dos padres porque este não lhe deu o dinheiro que ele pedia para um tratamento odontológico. Mas também: “Nos tentamos criar consciência nos migrante que eles devem começar a se organizar para se apoiarem nas necessidades econômicas e sociais”

Embora quase todos conheçam o trabalho do CIBAI Migrações, alguns recorrem diretamente à Polícia Federal, procuram a ajuda de advogados ou de outros imigrantes. Disse o Padre João: "Os imigrantes que vêm aqui são aqueles que não têm dinheiro. Os ricos contratam um advogado". Miguel, um argentino professor de espanhol que havia quatro anos estava em situação irregular no Brasil, nunca havia escutado sobre o CIBAI Migrações até o momento da entrevista.

As atividades do CIBAI Migrações estão orientadas a uma ação coletiva em prol do reconhecimento e bem-estar do imigrante, especialmente os estrangeiros. O plano Pastoral para o ano de 2006 incluiu, entre outras, as seguintes atividades: atendimento pessoal a imigrantes estrangeiros, realizado pelos dois padres; atendimento psicológico, sob a responsabilidade de dois psicólogos - Carlos, um peruano, e Rosa, uruguaia sujeito desta pesquisa; atendimento jurídico, sobre questões de documentos, pelo padre Joaquim e o secretário Eduardo; um programa de geração de renda, que propicia um espaço para que imigrantes estrangeiros sem trabalho aprendam a fazer algumas formas de artesanato; um programa de assistência, que coleta remédios, alimentos e roupas doadas pelos freqüentadores e distribuídas a quem precisa e uma pesquisa sobre Brasileiros no exterior que está sendo realizada junto à comunidade de Criciúma, SC. Regularmente são também realizadas missas em espanhol, coreano e italiano, uma vez por mês cada uma, e uma Missa do Imigrante, realizada na Catedral de Porto Alegre.

O CIBAI Migrações não é somente um agente mediador entre o estrangeiro e a

Polícia Federal. A entidade atua em rede junto a duas irmãs religiosas advogadas em Brasília - as irmãs Rosita Milessi e Margheritta Bonassi - tentando agilizar processos particulares de regularização de documentos. Rosa conta como a irmã Rosita a ajudou desde a capital a obter os documentos – e, sobretudo, enquanto membro da Pastoral do Migrante, atuam de forma continuada e são referência nacional no debate sobre a modificação das leis e estatutos que regem a permanência de estrangeiros no Brasil.

Nesse sentido, o CIBAI Migrações promoveu a implementação dos processos de anistia para estrangeiros em situação irregular de 1988 e 1998, negociando a ampliação de prazos e a redução das taxas a serem pagas pelos estrangeiros, facilitando também a redução do número de documentos que deviam ser apresentados à Polícia Federal.



Fig. 2 Forum Social das Migrações

O debate sobre a questão migratória não pode ser, nem é, considerado como um fenômeno social isolado de outras questões que dizem respeito ao lugar dos sujeitos na sociedade. Tampouco deve ser ela considerada apenas desde a perspectiva causa – consequência, em relação aos outros “problemas sociais”. Discursos sobre pobreza, exclusão social, a distribuição da terra, o acesso à água, desemprego, urbanização, ética das relações estado-cidadão, cidadania, o uso de tecnologias e da mídia, todos eles e outros, atravessam os discursos sobre migrações, produzindo uma rede de elaborações que, embora com perfis diferentes, mantêm em comum uma crítica ao estado atual das coisas. Isso as coloca dentro de uma perspectiva de politização das relações sociais, o que não significa, necessariamente, um posicionamento na política partidária local. Digo necessariamente, porque, com frequência, é previsível e até esperável a filiação dos sujeitos produtores e reprodutores desses discursos com partidos políticos conhecidos como “de esquerda” e que, não raramente, freqüentam o espaço do CIBAI Migrações e são parceiros nas comissões de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa.

O CIBAI Migrações pode ser visto transitando nessa rede de construções de uma visão do social como representante e construtor de uma visão sobre o fenômeno migratório. Ele é, de fato, e como é o desejo do padre João, uma referência para tudo aquilo que, de alguma forma, está relacionado com a questão migratória. Sua atuação abrange desde as questões relativas à obtenção de documentos, tanto no nível dos casos concretos quanto das políticas migratórias, até debates onde a questão migratória é atravessada por outras questões sociais, e mesmo a implementação de pesquisas – quase sempre quantitativas - sobre a realidade migratória brasileira e latino-americana.

Promoveu e cedeu o espaço físico para a realização do I Fórum Social das Migrações, do qual participaram indivíduos e entidades de vários países da região, e que teve lugar nos dias anteriores ao IV Fórum Social Mundial de Porto Alegre em Janeiro de 2005. Nesse evento, que durou três dias, os debates giraram em torno das várias abordagens dadas à confluência do tema das migrações com as questões consideradas problemas sociais, as políticas de exclusão social promovidas pelo capitalismo transnacional, o desrespeito ao meio ambiente e a inadequada distribuição fundiária, além de palestras sobre a forma como a experiência migratória é vivida pelos sujeitos em



deslocamento.

Foi no salão da Paróquia da Pompéia que nasceu o comitê “La Redota” e é onde ainda se reúnem os membros de um dos três comitês. Também em 2005, promoveu e cedeu o espaço para a realização do encontro entre o Chanceler Uruguaio e a coletividade uruguaia em Porto Alegre, onde se discutiu a implementação do Departamento 20, uma iniciativa do governo frenteamplista uruguaio de retomar o contato com os uruguaios fora do território nacional.<sup>32</sup>

Além de promover eventos e acolher eventos que poderiam ser considerados políticos, é no espaço da Paróquia da Pompéia que têm lugar os encontros regulares de entidades formadas com base na filiação nacional e até política, como é o caso de um dos Comitês do Frente Amplio “La Redota”.

Ao acolher e promover esses eventos e reuniões, o CIBAI Migrações coloca-se no centro das referências sobre questões migratórias e, fundamentalmente, no trânsito entre os discursos universalmente difundidos sobre questões migratórias e cidadania, reproduzindo-os, não sem antes relê-los à luz de sua missão evangelizadora.

Essa confluência de formas de atuação não tem como se furtar à produção de um sujeito migrante, um pouco nos padrões dos discursos internacionais e da literatura tradicional sobre migrações, que associam o fenômeno migratório à pobreza e a desigualdade social por um lado, e que, por outro, destituem-no de sua capacidade de agente.

Predomina incontestemente, especialmente no discurso dos mediadores, a idéia formada no seio das organizações internacionais, que têm seus olhares focalizados em contextos geográficos e políticos freqüentemente diferentes do das migrações entre países latino-americanos, do estrangeiro imigrante como uma figura sem recursos de sobrevivência no seu lugar de origem, que sai de seu país por não ter outra opção de vida. A figura do estrangeiro imigrante atual é construída tendo um passado de pobreza e um futuro de integração à cultura local ou de retorno à pobreza. “De fato, o migrante é uma pessoa erradicada de seu ambiente nativo e está, portanto numa fase de passagem, rumo a uma integração no país que o acolhe”, disse o site do CIBAI Migrações. A leitura do fenômeno

---

<sup>32</sup> Iniciativas semelhantes estão sendo elaboradas e implementadas por outros países, como Chile, Costa Rica e Venezuela.

migratório parece ser, além do mais, e considerando que as redes de mediadores estão impregnadas de um *ethos* cristão que as ultrapassa, realizada tendo as figuras de Cristo e do bom samaritano como pano de fundo. Nesse sentido, cabe lembrar e até fazer uma analogia com o pensamento de Otávio Velho (1995): tendo o evangelho como pano de fundo e os eventos fundantes das organizações de mediadores, a vida de Jesus e a viagem de Scalabrini no caso do CIBAI Migrações e a vida de Antônio Vieira no caso de ASAV, todos os eventos subseqüentes podem ser lidos à luz do primeiro, possibilitando até mesmo novas interpretações e sentidos.

O texto da primeira folha do jornal “A família da Pompéia”<sup>33</sup>, de dezembro de 2006, é elucidativo dessa leitura da situação atual à luz dos acontecimentos bíblicos: “Herodes manda seus guardas eliminar possíveis concorrentes e Belém fecha suas portas. O que sobra para a Sagrada Família e o Divino Migrante é a estrebaria” O texto continua, no parágrafo seguinte, lembrando os acordos implementados recentemente entre os governos do Brasil e da Argentina e do Brasil e do Uruguai, e citando uma frase Kofi Anan, secretário da ONU “A Onu promove a discussão sobre a migração e a criação de um fórum. Não creio que levantar muros seja o caminho para deter os imigrantes”

O mesmo jornal, em sua edição de maio de 2006, faz uma associação entre migração e deficiência. Transcrevo uma parte do texto de capa:

“Também o migrante é pessoa com deficiência. Scalabrini comparava o migrante ao surdo-mudo: deixando sua terra, encontra uma língua estranha, costumes inesperados, idéias de vida diferentes; experimenta uma situação de tensão porque tenta expressar-se e não é compreendido, imagina entender e cai no ridículo.

Mas, se na raiz da migração encontramos essa deficiência psico-sócio-cultural, que normalmente se supera pela abertura ao novo e a acolhida do povo, há uma outra deficiência bem mais profunda: aquela que nasce da lei que não concede a existência ao migrante, negando o documento de identidade e de residência, proibindo o trabalho e até a escola para as crianças.”

Por outro lado, a edição de Outubro de 2006 dedica a capa às mulheres imigrantes

---

<sup>33</sup> Não é a intenção deste trabalho fazer uma análise do Jornal “Família da Pompeia”. A seguir, trago apenas alguns recortes de suas edições que revelam o trânsito do CIBAI Migrações entre os discursos sobre migrações contemporâneos e sua vocação religiosa e humanitária. Uma análise do jornal e sua história pode ser encontrada na dissertação de mestrado de Michelli Machado, intitulada “Boletim ‘A Família da Pompeia’: construindo identidades culturais em parceria com os imigrantes”.

e à feminização do fenômeno migratório, trazendo também alguns dados quantitativos sobre as porcentagens de mulheres e homens migrantes produzidos pelo Fundo de População das Nações Unidas. Reproduzo novamente um trecho do texto:

“Muitas das mulheres migrantes já não viajam mais para acompanhar seus maridos, como ocorria anteriormente, mas saem de suas casas por conta própria, em busca de melhores condições de trabalho, enfrentando a incerteza e a insegurança de uma nova cultura, de uma nova realidade.”

O CIBAI Migrações mantém, assim, um discurso sobre o fenômeno migratório que, ao mesmo tempo em que recupera os discursos dos agentes internacionais, redimensionando-os conforme uma leitura dos fatos bíblicos, estabelece um vínculo entre sua própria história de atuação junto aos imigrantes italianos - mantendo assim uma visão mais tradicional do fenômeno migratório que os coloca como indivíduos sem escolha e objeto de políticas públicas restritivas e obsoletas -, e as experiências dos sujeitos migrantes contemporâneos.

#### **4.3 - As redes étnico-nacionais**

Estas redes baseadas na adscrição étnico-nacional têm em comum com as redes de parentesco serem lugares por onde hipoteticamente e, conforme é descrito na literatura, transitam informações sobre documentos, possibilidades de trabalho, auxílio em casos emergenciais e outros tipos de ajuda, além de servirem como espaços de celebração do nacional. Digo hipoteticamente porque, como veremos no caso de Porto Alegre, os estrangeiros que chegam à cidade recorrem ao CIBAI Migrações, ou são encaminhados por essas próprias redes a ele, para resolver seus problemas mais emergenciais. Cabe lembrar, nesse ponto, a obra de Patrícia Vargas (2005); *“Bolivianos, Paraguayos y Argentinos en la obra”* é ilustrativa de como através das redes étnico-nacionais transitam informações sobre possibilidades de trabalho, sendo que também elas servem como recurso para que, acionando uma identidade étnico-nacional e todo um conjunto de representações relativas a ela, seja facilitado o acesso a um tipo específico de trabalho. Semelhantemente, *“Aprender a ser chilenos. Identidad, trabajo y residencia de migrantes em el Alto Valle del Rio Negro”*, o trabalho de Verônica Trpin (2004) sobre chilenos nos campos de fruticultura do sul da Argentina mostra como filhos de pais chilenos nascidos na Argentina reivindicam a cidadania chilena porque isso lhes garante

trabalho na colheita de maçãs.

O mais próximo a esse tipo de associação entre uma filiação nacional e uma tendência à acioná-la como recurso de sobrevivência é dado pelos uruguaios que abriram restaurantes e lanchonetes com culinária e produtos uruguaios na cidade – o número desses estabelecimentos tem aumentado consideravelmente nos últimos anos – e contratam atendentes e cozinheiros compatriotas seus.

Entretanto, tais redes baseadas na adscrição nacional existem em Porto Alegre e elas transitam entre o oficial - funcionando conforme seus estatutos e objetivos - e o extra-oficial - proporcionando informações e contatos pessoais aos recém vindos. Sugiro que, além disso, elas constituem-se, principalmente, como lugares de formação de uma forma de ser migrante, de um ethos nacional no estrangeiro, e de um ethos de classe.

Logicamente, não basta a filiação étnico-nacional para fazer parte de qualquer rede com base nela. Questões de classe social, ideologia política ou religiosa e faixa etária atravessam as definições das redes étnico-nacionais ao ponto de determinar as particularidades de cada uma, de forma tal que a adscrição étnico-nacional apareça como um dos vários requisitos necessários para pertencer a ela.

Descreverei, seguidamente, aquelas de nacionais dos quatro países que estão sendo considerados neste estudo. Em Porto Alegre, existem o Centro Cultural Chileno, o Centro Cultural Peruano, a Casa da Cultura Argentina, A Casa da Amizade Brasil-Uruguaí (CABU), o Centro Artiguista e os Comitês de base frenteamplistas "La Redota".

#### **4.3.1 - O Círculo Cultural Chileno**

Foi fundado em 1998 com o motivo de congregar os chilenos residentes no Rio grande do sul em torno das tradições chilenas, como culinária, danças e outros costumes, a fim de não perder o vínculo entre os que aqui estão e o vínculo com Chile. Não tem sede própria, mas é pessoa jurídica e tem um estatuto que regulamenta suas atividades. Aproximadamente 80 pessoas fazem parte do Centro, mas nem todos assistem à celebração anual da independência chilena, no dia 18 de setembro, na Paróquia da Pompéia. Um de seus fundadores, Leopoldo, de 62 anos de idade, era professor no Chile. Abandonou a profissão devido à pressão do governo ditatorial sobre os educadores,

dedicou-se ao comércio e, como não teve sucesso, veio para o Brasil, ajudado por seu irmão que já morava em Porto Alegre. Conta ele como a questão política é um aspecto conflituoso do centro, já que, supostamente, o centro aceita pessoas de todas as tendências políticas, mas não se identifica com nenhuma. *“no es que nosotros no fuéramos políticos, sino que dentro del centro cada no iba a difundir su tendencia política.”* A maioria dos chilenos que estão no Brasil hoje, lembra Leopoldo, vieram depois da década de 70, por causa da ditadura de Pinochet. Entretanto, *“habían otras personas que no eran de izquierda y no querían se juntar con los que eran de izquierda”*. E continua: *“Cuando había algún tipo de fiesta, siempre existía algún tipo de ‘briga’, alguna cosa que desunía em vez de unir”* Conta ele também que recentemente, um novo “Centro Chileno” foi fundado com um viés claramente político, por dissidentes do Centro Cultural Chileno.

O Centro cultural Chileno cadastrou, no Rio Grande do Sul, em torno de 900 chilenos, mas supõe que existam entre 300 e 500 outros chilenos que *“no quieren dar la cara, gente que quedo tan ‘choqueada’ por el asunto político que no quieren ni saber de Chile y otra gente que se vino por motivos políticos, o otros motivos, y que aqui hicieron una vida nueva, agarraron mujer y se olvidaron de allá y no quieren ser encontrados.... por motivos políticos, todos fueron perseguidos, torturados”*.

O Círculo Argentino de Porto Alegre parece não ter uma boa reputação frente às outras associações de estrangeiros em Porto Alegre, como o Centro Cultural Chileno. Também Eduardo, secretário do CIBAI Migrações, disse: “eles não têm nada a ver conosco; são gente de outra classe”<sup>34</sup>. Leopoldo, que além de membro do Centro Cultural Chileno é membro ativo do CIBAI Migrações e Presidente do Conselho Paroquial da Paróquia da Pompéia, contou que o Círculo Argentino estava formado por *“grandes empresarios y comerciantes”*, e não mantém contato com pessoas de fora desse estrato social.

#### **4.3.2 - O centro cultural Peruano**

Foi oficialmente fundado em maio de 1996, por um grupo de ex-estudantes da Universidad Mayor de San Marcos – a primeira universidade da América do Sul -, mas segundo seu diretor, Carlos – psicanalista de aproximadamente 50 anos de idade -, suas

---

<sup>34</sup> De outra classe social, ou seja, gente com maior poder econômico.

atividades remontam a 30 anos atrás. *“encuanto tu no tienes una jurisdicción legal, parece que tu no existes”*, disse. E também: *“Lo que nos diferencia de otros centros peruanos de Brasil y de la realidad peruana, claro es que es un grupo formado por profesionales”*.

O Centro não tem uma sede própria. Segundo Carlos, embora calcule que haja mais de 1000 peruanos no Rio Grande do Sul, considera que não há público suficiente para manter uma sede própria, com todos os custos que isso significa. Os objetos como livros, filmes e revistas que são de propriedade do Centro estão atualmente em sua residência.

O centro vem, ao longo de todos esses anos, estreitando seu contato com o CIBAI Migrações e com outros centros de cultura latino-americana. O objetivo do centro é divulgar cultural e politicamente o Peru, embora sua política não seja partidária. *“trabajando culturalmente, nosotros vamos colocando nuestras ideas”*. Atuando dessa forma conseguiram participar, enquanto entidade, de feiras como a Expointer, a Feira do Livro, o Forum Social das Migraciones, etc. Dentre os projetos mais caros ao Centro Cultural Peruano e a criação, junto à Prefeitura de Porto Alegre, da “Feira da Cidade Antiga”, a qual foi inicialmente aberta para todas as “etnias latino-americanas”, mas que, com a mudança do governo, foi perdendo ímpeto. *“Em este momento somos como nosotros, los peruanos”*. O Centro Cultural Peruano manteve vínculos estreitos com a Prefeitura de Porto Alegre durante o governo municipal do Partido dos Trabalhadores e os mantém ainda com a Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Não todos os filiados ao centro são peruanos e é esse outro de seus diferenciais; *“Si hablas de Uruguay, Chile, Peru, estas hablando de todos”*. E ele continua: *“Nos impresionaba que el pensamiento de la intelectualidad porto-algrense es totalmente europeizante. Los intelectuales brasileiros viven de espaldas para América Latina, Com los ojos em Europa y queriendo ser norteamericanos”*

O Centro Cultural Peruano realiza um jantar / festa mensalmente em um CTG no parque da Harmonia. Quando fui pela primeira vez, chamou-me a atenção que a heterogeneidade do público e da música. Havia pessoas conhecidas minhas de diversas nacionalidades e a música não era somente peruana ou andina. Uma banda de músicos composta por pessoas de diversas origens tocava guayno, salsa, cumbia, merengue, candombe, samba e até rock and roll. Carlos, organizador responsável pela festa, conta

como a popularidade da “festa dos peruanos” foi uma conquista a longo prazo, que nunca objetivou tornar-se uma festa aberta ao grande público senão o que ela é hoje, uma reunião de entre 100 e 200 pessoas onde um amigo leva outro amigo. Todo aquele que viaja ao Peru, de praxe, traz temperos para o jantar da festa, além de livros, jornais e outros objetos para contribuir com a comunidade.

Embora as relações entre o Centro Cultural Peruano e o CIBAI Migrações tenham se estreitado após a chegada dos padres Joaquim e João, Carlos, que dá atendimento psicológico voluntário aos estrangeiros no CIBAI Migrações, foi quem se mostrou mais crítico e inconformado com as atividades e política da entidade. Considera que o CIBAI Migrações é assistencialista demais, que algumas pessoas tiram vantagem dessa política, que as pesquisas que o CIBAI Migrações promove são todas semelhantes - de cunho quantitativo sem aprofundar nos processos de ascensão social ou empobrecimento dos estrangeiros na cidade - e que falta um comprometimento menos cauteloso que leve a questão migratória para fora do circuito de migrantes. *“A veces parece que nosotros estamos más interesados em que nos procurem que o estrangeiro em procurar ayuda”*

#### **4.3.3 - A Casa da Amizade Brasil – Uruguai e os Comitês frenteamplistas "La Redota"**

A casa da amizade Brasil-Uruguai (CABU) tem como objetivo promover um intercâmbio cultural entre os dois países e a preservação dos costumes de origem entre os imigrantes uruguaios em Porto Alegre.

Quando a CABU foi fundada, não se podia ainda militar politicamente pois ambos os países passavam por períodos ditatoriais. *“nosotros consideramos que la casa fue siempre el primero frente de masas de uruguayos de todas las tendencias políticas, principalmente de izquierda”* disse Sandra, uma das minhas sujeitos de pesquisa.

Em princípio, todos os membros do comitê "La Redota" são membros da CABU, mas o contrário supostamente não acontece. Reúnem-se quinzenalmente, sendo uma quarta-feira dedicada à CABU e uma ao comitê alternadamente, em um pequeno apartamento cedido numa zona central de Porto Alegre. Há uma taxa de inscrição de R\$ 5,00 e uma mensalidade de R\$ 2,00, tendo ambas mais um caráter de contribuição voluntária do que obrigatório. *“nosotros queremos hacerlo lo más abierto posible, y para*

*que sea abierto, vos no podés tener una institución formada en que el primero empecillo sea la cuota para la persona poder participar. Hay mucha gente que no tiene trabajo que igual es socia y no le cobramos, o sea, mientras la persona no trabaja no se le cobra, entendés"*, disse Mariza, outra das minhas entrevistadas."

Trazidos pela CABU, muitos artistas, especialmente cantores uruguaios, vieram a Porto Alegre, todos eles pessoas que conquistaram ou reafirmaram o reconhecimento do povo uruaio desde o exílio ou mediante seus posicionamentos políticos.

A CABU configura-se, assim, como uma entidade sem vínculos político-partidários explícitos; porém, talvez em função de sua relação estreita com o comitê "La Redota", e do fato de que a grande maioria dos imigrantes uruguaios em Porto Alegre tem tendências político partidárias definidas como esquerdistas, está imbuída de um partidarismo político de esquerda. Disse Sandra: "*Ella tiene su peso político, tiene su importancia. Hay mucho cuidado con la representatividad y cuidado con el uso que se puede hacer de la casa de la Amistad*" e "*Nosotros ya hicimos reuniones con Olivio, con Tarso ...*". E ainda: "*la casa de la amistad es una reliquia de los uruguayos; creo, si, que ni todos los uruguayos están integrados.*"

De fato, Quando iniciei minhas visitas à CABU, os membros estavam engajados principalmente em duas tarefas: o caso Cordero e a instauração de um "Consejo Consultivo" do "Departamento Veinte", sobre o qual tratei no ítem 4.2.

**O caso Cordero** – O Coronel Manuel Cordero é um torturador uruaio responsável pela morte de políticos uruguaios durante a ditadura e é hoje fugitivo da justiça uruaia e Argentina por apologia à tortura. Casado com uma cidadã brasileira, foi descoberto morando na cidade de Livramento, mas, na época, encontrava-se em São Paulo. A CABU manifestou seu repúdio ao pedido de exílio ao governo brasileiro de M. Cordero, que se dizia perseguido pela esquerda uruaia, mediante o envio de correspondência aos Ministérios da Justiça e de Relações Exteriores. O receio de que fosse acolhido pelo Brasil baseava-se em que o governo brasileiro não extradita ninguém que possa vir a ser condenado a mais de 30 anos ou à morte. Após passar por várias instâncias, a CONARE (Comissão Nacional para o Refugiado), rejeitou o pedido de exílio de Cordero.

Narrei o caso Cordero brevemente porque, curiosamente, ele teve uma importância



fundamental para minha inserção como pesquisador na CABU. Quando, durante uma reunião da CABU, uma das integrantes deu a notícia que, finalmente, havia sido negado o pedido de auxílio político a Cordero, sorri, talvez um tanto exaltado, porém impensadamente; eu era, além disso, o único a desconhecer o desfecho do caso. A partir de então, as atitudes de vários integrantes, os quais notoriamente guardavam um certo receio, certamente fundamentado, da minha presença nas reuniões, mudaram repentinamente sua atitude em relação a mim. Aquele ato impulsivo granjeou-me a confiança deles. Essa forma de 'entrar no campo' remeteu-me à situação narrada por Geertz (1997), na qual uma inesperada fuga de uma manobra policial, junto aos outros habitantes do vilarejo propiciou não apenas sua entrada em campo mas também um *insight* sobre o ethos da população daquele vilarejo. Nas palavras do autor:

*and perhaps, most important of all, it put me very quickly onto a combination of emotional explosion, status war and philosophical drama of central significance to the society whose inner nature I desired to understand. By the time, I felt I had spent as much time looking into cockfights as into witchcraft, irrigation, caste or marriage.*  
(Geertz, 1973)

Aquele ato involuntário mostrou-me a centralidade da questão política para o grupo, como toda relação de confiança no "outro" passava necessariamente por uma identificação entre as posturas políticas de ambos e, sobretudo, a importância de uma posição anti-militarista de longa data, a qual descobriria posteriormente que era uma das fontes de desavenças entre os comitês.

Em Porto Alegre, durante os períodos ditatoriais brasileiro e uruguaio, antigos e novos militantes uruguaios congregavam-se em reuniões de caráter político clandestino e sem estatuto de comitê, em alguns bairros de Porto Alegre. Cientes de estar exercendo uma atividade que era proibida a ambos os lados da fronteira, o receio em relação aos recém vindos permeava as reuniões. Vários relatos escutei sobre suspeitas, muitas vezes confirmadas, que recaíam sobre compatriotas recém chegados e que diziam querer participar das reuniões,: *"Y vino diciendo que lo había mandado este y aquel y cuando mete la mano en el bolsillo se le cae um carnet del ejército uruguayo"*, conta Sandra.

Após a abertura democrática uruguaia em 1985, muitos retornaram ao Uruguai e outros tantos permaneceram no Brasil. Destes, muitos passaram a integrar um comitê partidário que inicialmente fazia parte da CABU. Quando os comitês do exterior foram

reconhecidos oficialmente pelo "Frente Amplio" em 1999, "La Redota" assumiu publicamente seu nome. Formou-se então, mediante uma assembléia, um único comitê, com sede em Porto Alegre. Durante este ano de 2006, o governo frenteamplista uruguaio concedeu ao comitê "La Redota" o status de Comitê de Base.

Alguns anos atrás, não sei precisar especificamente quando, o comitê inicial sofreu uma ruptura em função, segundo me foi informado, das dificuldades de uruguaios residentes na região metropolitana de se reunir semanalmente em Porto Alegre; surgiu assim "La Redota Vale dos Sinos", sediado na cidade de Novo Hamburgo. Posteriormente uma nova cisão deu origem ao comitê "La Redota Almada", que se reúne hoje semanalmente no salão paroquial da Igreja da Pompéia, reunindo membros de ambos os comitês anteriormente formados. Esta segunda cisão foi consequência de desavenças pessoais entre os membros e de posicionamentos políticos diferentes. Alguns depoimentos indicam que a cisão foi motivada, se não totalmente ao menos em parte, pelas diferenças de experiências entre os membros. *"ellos nos llaman los históricos"*, me disse Mariza. Os membros que permaneceram no comitê original eram pessoas comprometidas de alguma forma com a luta contra a ditadura no Uruguai antes de ter que abandonar o país, enquanto os dissidentes começaram sua militância já desde o exterior. Assim, existem hoje três comitês do "Frente Amplio" em Porto Alegre e região metropolitana, "La Redota Porto Alegre", "La Redota Vale do Sinos" e "La Redota Almada".

Entretanto, as diferenças entre os três comitês "La Redota" parecem ir além da história de suas militâncias. *"Yo no sé quienes son los que militan en los otros comités; puedo decirte con seguridad, y nadie me lo puede desmentir, que nuestro comité es el mas numeroso. Eso se refleja en las fiestas nuestras, a las fiestas nuestras van más de cien personas siempre. Cuando hemos ido a votar somos los que llevamos más ómnibus"*. Sabem, sim, quem são os militantes dos outros dois comitês, pois por motivos organizacionais e, em função de eventos políticos, são levados a se reunirem com certa freqüência. E, para tanto, é necessário manter um nível de retórica que seja capaz de não apenas debater as locuções dos membros dos outros grupos, mas, principalmente, adiantar-se a elas. Quando um membro de um grupo pede a palavra, um membro combativo de cada um dos outros o fará também antes mesmo de que o primeiro consiga

se pronunciar. Assim, há um jogo político entre os três comitês que gira tanto em torno da questão da militância anterior ao golpe de Estado no Uruguai e, também, em torno de uma retórica que identifica cada facção.

O comitê "La Redota Porto Alegre" tem 63 pessoas cadastradas e contribuintes", além de simpatizantes que não estão cadastrados mas que participam de suas atividades. Reúnem-se semanalmente para se manter a par das notícias da vida política e social do Uruguai e analisar artigos de jornais uruguaios e documentos enviados pelo comitê central do "Frente Amplio" em Montevideu, e enviam representantes às reuniões plenárias do partido. O comitê não tem personalidade jurídica, mas atua livremente no que diz respeito à política uruguaia. *"No nos metemos en la política brasilera", afirmou Marina.*

Sempre que há eleições no Uruguai, organizam as viagens de compatriotas para ir votar. O comitê costuma alugar ônibus para reduzir os custos da viagem e garantir que o maior número possível de uruguaios possa votar. Em 1984, durante as eleições que marcaram o fim da ditadura, 21 ônibus foram alugados pelo comitê para levar uruguaios a Montevideu para votar, lembrou Sandra. Nas eleições presidenciais de 2004, 14 ônibus saíram de Porto Alegre rumo a Montevideu. O resultado das eleições foi de 51% para o "Frente Amplio" e segundo me contara uma outra uruguaia que foi votar na caravana que partiu de Porto Alegre, falava-se no Uruguai que o "Frente Amplio" havia ganho as eleições no primeiro turno graças ao grande contingente de uruguaios que vieram do exterior para votar. *"Cuando volvíamos, las personas nos golpeaban en el ómnibus y agradecían".*

A diretoria do comitê reúne membros de todos os partidos que formam a coalizão. *"Tenemos miembros de nuestro comité que pasaron por torturas."* Ha também ex – tupamaros: *"Yo te voy a poner en contacto con ellos; creo que no va a haber problema, porque nosotros siempre hablamos abiertamente las cosas y si cuando los milicos estaban el en poder no nos escondíamos no va a ser ahora que nos vamos a esconder."* disse Mariza. Porém, há restrições: *"referente a la documentación somos muy reservados; las mostramos pero hay cosas que no dejamos 'xerocar' ".* E continua: *"nosotros pensamos que las democracias nuestras son muy 'fracas' y ahora está todo bien, lindo y maravilloso, pero después viene un golpe militar de nuevo, entonces hay documentación*

*que vos no las podés hacer pública; tenés que tener un poco de reserva en ese sentido" e ainda: "los países nuestros continúan gobernados por un poder económico que viene de afuera, no?, cuando digo nuestros países digo toda América Latina. E: "nunca estamos libres de que pueda venir un nuevo golpe militar, en cualquiera de nuestros países, porque las democracias son frágiles."*

Existem comitês de base no mundo todo. *"El que está más organizado es el de Argentina"* e: *"Nosotros no tenemos conocimiento de que haya em San Pedro, pero debe haber, porque las veces que hicimos las mayores campañas para llevar uruguayos a votar, han venido gentes de otros estados"*. Há um site do comitê, atualmente em reforma, e um site da CABU, além do jornal mensal "A Folha Oriental", sob a direção de Fabián, um uruguaio mestrando em letras na UFRGS.

O termo "Redota" originou-se na época artiguista, *"los que batallaron por nuestra independencia, los gauchos nuestros, no pronunciaban bien la palabra, entonces en vez de decir derrota, decían redota"*, conta Mariza. E explica ela que o termo remete ao *"Éxodo del Pueblo Oriental"*, marco histórico da luta pela independência da Banda Oriental contra as forças espanholas e portuguesas, quando Artigas, prócere nacional, retira-se em caminhada ao longo do litoral do Rio Uruguay até atravessar para a hoje província argentina de Entre Rios: *"y el pueblo todo lo siguió en un exilio voluntario"*, conclui

-----

Como se desprende dos parágrafos anteriores, os uruguaios são os mais organizados, ou melhor, os que têm o maior número, tanto de organizações quanto de membros organizados. Isso, por um lado, pode decorrer do fato de que eles representam o contingente de estrangeiros mais numeroso no estado. Por outro lado, há também que levar em conta sua história de organização política e sindical de longa data e que, ainda hoje, as organizações sindicais e partidárias constituem forças políticas de grande importância dentro da vida do país.

No entanto, a questão política não é exclusividade dos uruguaios. Os círculos culturais Chileno e Peruano mantêm uma relação freqüentemente conflituosa com o lado político da associação. Como se desprende da entrevista com o fundador do Círculo

Cultural Chileno, mesmo não tendo ele uma posição política muito definida, a questão política atravessa um conflito durante toda a entrevista.

Um outro aspecto interessante das redes de estrangeiros com base na filiação étnico-nacional é que a maioria dos seus membros, aqueles que se reúnem com regularidade e participam de atividades e festas, que celebram as datas comemorativas e dão assistência aos compatriotas recém chegados são, majoritariamente, pessoas da faixa etária mais avançada. Estrangeiros de menos de 50 anos são raramente vistos em reuniões de conterrâneos, ou mesmo em festas e comemorações. Igualmente nas festas e eventos organizadas pelo CIBAI Migrações, poucos estrangeiros jovens são vistos participando.

Leopoldo, respondendo a uma questão sobre as idades dos membros do Centro Cultural Chileno, falou da falta de interesse dos chilenos em participar do centro, o que pode ajudar a entender a não participação de jovens nesse tipo de associação. “... *Eso* (a facilidade de comunicações via internet, telefone, etc) *há hecho que las personas se retraigan más em sus casas, y la relación com el país es mucho más amplia de lo que era antes, es en forma directa*”.

Gustavo Lins Ribeiro, ao discorrer sobre as condições tecnológicas da transnacionalidade, disse:

“Aparatos de compreensão do espaço-tempo... contribuem para a aniquilação do espaço através do tempo, criando a possibilidade de experimentarmos o mundo como uma entidade menor, mais fragmentada e mais integrada”.(Lins Ribeiro, Gustavo; 200; p. 102).

E mais adiante continua:

“O que está sendo elaborado é uma matriz de sentidos, de formas de representação e construção de identidades, tanto quanto de uma história compartilhada – processos centrais para a construção de qualquer comunidade imaginada” (Ibid, p. 104).

Radicalizando as diferenças, enquanto aqueles que emigraram há mais tempo criaram uma relação com o país de origem com base na recriação dos costumes e vínculos no exterior, ou seja, criaram comunidades reais a fim de manter o vínculo com suas comunidades imaginadas, congelando no tempo essa relação como forma de superar uma ausência do país de origem, aqueles mais jovens mantêm uma experiência de dupla pertença mediante a fragmentação do espaço e do tempo.

Um outro aspecto a ser ressaltado é que nem as organizações de

abrangência internacional nem os mediadores, assim como tampouco as redes de filiação étnico nacional parecem manter um diálogo fluido. Há, sim, discursos e percepções do fenômeno migratório em comum, mas a fluidez do diálogo entre elas, sobretudo no que diz respeito às questões de ordem mais prática, parece interrompida. O fato de eu ter descoberto a existência da ASAV tardiamente no meu trabalho de campo, e o fato de o CIBAI Migrações, uma organização que é referência para o fenômeno migratório, não ser conhecido por todos os estrangeiros, faz pensar que as entidades atendem setores diferenciados com necessidades específicas.

## Capítulo 5

### As rotinas da lei e da obtenção de documentos

Neste capítulo, apresento as formas como a entrada e a permanência de estrangeiros no Brasil têm sido reguladas pelo Estado brasileiro desde a criação do Estatuto do Estrangeiro em 1969 e como a sociedade civil organizada em Porto Alegre tem reagido a essas leis. Apresentarei também os documentos que os estrangeiros recebem no Brasil, as formas como os estrangeiros lidam com a falta de documentos, e o que significa ter ou não ter tais documentos para os meus sujeitos e na literatura. Analisarei também a obtenção e validação de documentos enquanto uma negociação de significados atravessada por questões étnicas, de cor, de gênero e de habitus de classe, permeada também pelas visões que se tem do estrangeiro imigrante e pelos discursos contemporâneos de inclusão.

#### 5.1 – As exigências do Estatuto do Estrangeiro

O Brasil tem hoje o Estatuto do Estrangeiro, criado durante o governo militar, que determina os deveres e direitos dos estrangeiros no território nacional. Ele é, atualmente, objeto de debate entre as organizações da sociedade civil que trabalham com questões migratórias e o Estado. Pelo Decreto-Lei nº 941, de 13 de outubro de 1969, o governo ditatorial brasileiro criou o Estatuto do Estrangeiro, que decide sobre a permanência do estrangeiro no Brasil:

“Segundo exigências extra-legais ‘de caráter especial, prevista nas normas disciplinadoras da seleção de imigrantes, estabelecidas pelos órgãos federais competentes, das quais poderão ficar dispensados os cidadãos de nacionalidade portuguesa” Zamberlam, Jurandir, 2004; p.33)

A Lei 6.815, de agosto de 1980, reformulou o Estatuto do Estrangeiro de 1969, tornando-o ainda mais rígido, fazendo da questão migratória um assunto de segurança nacional e dando ao estrangeiro, segundo Bonassi, o tratamento de regime policial e penal, (Bonassi, 2000. p.58). Reza o artigo 2º:

“Na aplicação desta lei, se atenderá principalmente à

segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, bem como à defesa do trabalhador nacional” (Ibidem. p.59)

Além de restringir o ingresso e permanência de estrangeiros no país, o Estatuto do Estrangeiro de 1980 instituiu mecanismos de controle e fiscalização que coloca os cidadãos brasileiros e instituições comerciais brasileiras de todo tipo na obrigação de denunciar a permanência ou qualquer atividade considerada ilegal de estrangeiros no país. O artigo 26 determina:

“o visto concedido pela autoridade consular configura mera expectativa de direito, podendo a entrada, a estada ou o registro de estrangeiro ser obstado ocorrendo qualquer dos casos do art. 7º ou a inconveniência de sua presença no território nacional, a critério do Ministério da Justiça” . (Ibidem, p.61)

Desde 1980, o Estatuto do Estrangeiro permanece quase inalterado. Foi criado a partir de uma perspectiva de salvaguardar a segurança nacional, numa época em que restringir o trânsito de pessoas era imprescindível para manter a população sob o controle do Estado, tanto por parte do Estado brasileiro quanto por parte dos outros estados latino-americanos regidos por ditaduras militares. Ele é hoje criticado pelos setores da sociedade civil e militantes dos direitos humanos que lidam com as questões migratórias por trazer a visão do estrangeiro de um subversivo e por não se adequar, assim como, em certos aspectos, contradizer a nova constituição. Na obra acima citada, a irmã Margherita Bonassi evidencia o contraste que coloca o Estatuto do Estrangeiro e a Constituição de 1988 em lugares opostos no que tange à visão do homem como sujeito de direitos, independente de sua nacionalidade. (Ibidem, p.69)

Para compreender o modo como o Estatuto do Estrangeiro foi criado, é necessário compreender seu contexto sócio-político e histórico. Desde o fim da Segunda Grande Guerra, o mundo estava dividido em dois grandes blocos alinhados a duas potências: os Estados Unidos e a União Soviética. A América Latina em geral, e o Brasil em particular, haviam sido, desde meados da década de 50, lugares de desestabilização das ordens precedentes e era, portanto, um espaço liminar que estava sendo disputado pelas hierarquias locais apoiadas pelos Estados Unidos, e as forças de subversão da ordem existente. Estas últimas eram representadas, na política, pelos partidos socialistas e comunistas locais e os movimentos de guerrilha, como os tupamaros uruguaios, os



montoneiros argentinos, o M19 colombiano, o Sendeiro Luminoso e o Movimento Tupac Amaru peruanos e vários outros cujas tendências variavam entre um socialismo *a la latino-americana* e ideais revolucionários referenciados, principalmente nas idéias de Trotsky e Mão-Tse-Tung.

Na cultura, novos estilos musicais como o tropicalismo, a bossa nova, o rock latino-americano e a revivificação de estilos musicais indígenas – sobretudo aqueles do planalto boliviano e da cordilheira dos Andes - faziam ecoar os murmúrios de uma nova ordem que incluía e ultrapassava o estreitamente político. A representatividade de ícones das culturas locais como Chico Buarque, Nacha Guevara, Victor Jara, Luis Guerra e Violeta Parra na música; Eduardo Galeano, Vargas Llosa, Pablo Neruda e García Márquez na literatura, entre vários outros artistas - cantores e escritores, sobretudo - congregava públicos consideráveis em torno de um ideal de latino-americanidade. Ser um cantor ou escritor “popular”, e posteriormente, um artista em exílio, implicava uma identificação com as inquietações do povo, diferentemente do significado que o adjetivo “popular” tem hoje em dia, associado agora à maior difusão nos meios de comunicação de massa e ao sucesso de vendas.

A latino-americanidade era um misto de realidade e ideal. Via-se e exaltava-se, em si mesmo e no vizinho, uma comunidade de valores e interesses que o elevavam ao patamar de povo eventualmente triunfante e glorioso, uma vez vencidas as forças imperialistas do capitalismo. Os termos “mestiçagem” e “transculturação” pretendiam dar conta da heterogeneidade do continente sul-americano, em oposição a um modelo de modernidade dominante construído com base na díade sujeito/objeto, onde o “outro” – que, no caso, éramos os latino-americanos - era sempre desprovido de sua capacidade de agenciamento. (LILLO, Gastón 1995 p.63 apud Zamora, Maria Angélica 2002; p.37).

No entanto, a América do Sul não estava alheia ao resto do mundo. Na África e Ásia, desmembravam-se os impérios coloniais resultantes da partilha do mundo por alguns países da Europa do período entre-guerras, e as populações insurgentes eram quase sempre apoiadas pela União Soviética, acirrando mais a divisão do mundo em dois grandes blocos. Os limites entre os novos Estados desses continentes não coincidiam com as fronteiras dos grupos étnicos, produzindo um efeito de mapas superpostos, onde os sujeitos concidadãos passam a manter vínculos de lealdades com grupos étnicos

diferentes, e membros de um mesmo grupo étnico a ter nacionalidades diversas. Na América Central, grupos armados apoiados por uma e outra potência procuram derrocar os governos de seus países.

A nova ordem mundial refletia-se no pensamento intelectual. Na antropologia, às reações ao descontentamento com as teorias e produção antropológica em geral, acusadas de produzir uma visão apolítica e a-histórica da cultura e da sociedade, acrescenta-se a mobilização de pensadores das antigas colônias aos grandes centros. Pensadores indianos, paquistaneses, africanos e caribenhos passam a residir e produzir a partir dos Estados Unidos e Europa. A antropologia simbólica de Geertz ressignifica o símbolo, o qual deixa de ser um produto de processos sociais – como no funcionalismo - ou de processos mentais – como no estruturalismo Levi-straussiano, para estar inserido em uma teia de significados, porém ainda livre do constrangimento social. Uma boa parte da produção antropológica, por outro lado, procura dar às suas análises um contexto histórico, tentando incluir as questões relativas à distribuição do poder em seus projetos. Isso implica, necessariamente, repensar qualquer conceito monolítico e estável, dadas as mudanças radicais nas estruturas sócio-políticas e econômicas nas que estão imbricados, não somente os estados-nação e os blocos de poder, senão também as coletividades de todos os tipos e os sujeitos. Novos atores entram na análise antropológica. Um deles é a noção de discurso como um novo agente, criticada por Sahlins em "*Dos o tres cosas que sé acerca del concepto de cultura*". Nesse contexto, Frederik Barth desloca os estudos sobre a cultura para as margens desta, preocupando-se em como grupos étnicos mantêm e recriam suas fronteiras, bem como subsistem dentro das sociedades que os abrangem. "*Ethnic groups and their boundaries*", que é sua obra mais conhecida, é por ele mesmo revista e ampliada 20 anos mais tarde, em 1989, em "Temáticas Permanentes e Emergentes na Análise da Etnicidade"

A América do Sul, e o cone sul com ela, parece haver sido um tanto esquecida pelos pensadores dessa nova ordem mundial, o pós-colonialismo. As tensões vividas nesta parte do mundo eram interpretadas como a luta das forças progressistas revolucionárias contra o imperialismo mascarado – mas nem tanto – dos Estados Unidos, apoiado pelos governos nacionais e as elites econômicas locais.

A reação das forças conservadoras não demorou a se fazer sentir, visto que

governos ditatoriais foram instaurados em vários países da América Latina: Paraguai em 1954, Brasil em 1964, Uruguai e Chile em 1973 e Argentina em 1976. Nesse contexto repressivo, que também mergulhou as economias locais em uma crise sem precedentes, o Brasil surgia, do ponto de vista da política mundial, como o principal aliado dos Estados Unidos na América do Sul, visando levar adiante um plano de desenvolvimento industrial que o colocaria pioneiro na América do Sul. Para os sul-americanos, o Brasil representava uma opção extravagante e encantadora, separada por uma barreira lingüística tornada menos impenetrável que atraente pela música e as telenovelas que o Brasil exportava, pela suposta menor incidência da ditadura brasileira no cotidiano das pessoas e pelos ecos do também suposto milagre econômico associado ao desenvolvimento industrial.

É nesse contexto, e com o objetivo de controlar os crescentes fluxos de pessoas em direção ao Brasil, que surge o Estatuto do Estrangeiro. E é por isso seu caráter restritivo. Sob o pretexto de preservar os trabalhadores brasileiros do desemprego, que se supunha maior nos países limítrofes do Brasil, surge a tentativa de controlar mais de perto quem entra e quem sai e restringir a entrada somente àqueles capazes de acrescentar ao desenvolvimento tecnológico brasileiro. Assim, 25 anos depois, as críticas mais freqüentemente feitas à Lei 6.815 é a de promover uma visão do estrangeiro perigoso à nação e a de dificultar grandemente a transformação de um tipo de visto em outro, jogando assim muitas pessoas na “ilegalidade”. Hoje em dia, o estrangeiro está também freqüentemente associado à outra grande ameaça: o tráfico de drogas ilegais.

Em 2005, o Estatuto do Estrangeiro foi reformulado e submetido à consulta popular. O prazo outorgado pelo governo nacional para essa consulta foi de um mês, o que foi considerado insuficiente pelas redes de mediadores. Entretanto, houve novas críticas, entre as quais o fato de manter uma visão economicista da migração. De todas as formas, as organizações da sociedade civil estão empenhadas na elaboração de um novo Estatuto que regule a entrada e permanência de estrangeiros no país mantendo uma perspectiva humanista mais próxima da constituição de 1988. Presentemente, o CIBAI Migrações está elaborando uma nova proposta de lei junto a alguns vereadores da Câmara Municipal de Porto Alegre e representantes da sociedade civil, a qual será encaminhada ao Congresso Nacional.

As anistias para estrangeiros são decretos de lei proferidos com o objetivo de

regularizar a situação dos estrangeiros em situação irregular no Brasil. Tais anistias são de caráter irrestrito, desde que o estrangeiro possa apresentar documentos, tais como uma carteira de identidade do país de origem, certidão de nascimento, certidões negativas de antecedentes criminais no país de origem e no Brasil e certidão negativa de dívidas com a União. Um requisito fundamental para se candidatar a ser anistiado é poder provar que está em situação irregular no Brasil há um período mínimo estabelecido no regulamento da anistia. Se o estrangeiro manteve-se de forma regular, ou seja, renovando seu visto de turista periodicamente, não poderá candidatar-se a ser anistiado. Dessa forma, o governo nacional evita que novos estrangeiros cheguem para se beneficiar dela. Esse é um dos motivos que leva muitos estrangeiros a permanecerem em situação irregular no país.

Houve, até o momento, três anistias para estrangeiros de todas as nacionalidades, em 1981, 1988 e 1998. Atualmente, uma quarta anistia está sendo pedida pelas organizações da sociedade civil. Em agosto de 2006, a ANEIB<sup>35</sup> enviou ao presidente da república um abaixo assinado com 8.000 assinaturas pedindo que seja aberto um novo processo de anistia.

Característico dessas anistias é o seu caráter supostamente imprevisto. Digo supostamente, porque, de alguma forma, sempre se sabe que vai haver uma anistia no ano presente ou no seguinte, mas não exatamente quando. Ou seja, ela é negociada pelos mediadores junto ao governo federal e, portanto, todos os que entram em contato com eles sabem sobre o andamento das negociações, mas nem a data certa nem o prazo mínimo que o estrangeiro deverá haver estado no Brasil de forma irregular são conhecidos.

O estrangeiro recebe, ao apresentar sua solicitação, uma permissão para permanecer em território brasileiro por dois anos, que será renovada por mais dois anos. Ao final do quarto ano, é outorgada a permanência.

Resulta interessante ressaltar que um número muito menor de estrangeiros que o estimado pela Polícia Federal (estimava-se em 980.000 os pedidos de anistia, segundo declaração do delegado da Polícia Federal da cidade de Joinville) candidatou-se a ser anistiado na última anistia, sendo a maioria asiáticos. Se a posse de documentos só traz

---

<sup>35</sup> Associação Nacional de Estrangeiros e Imigrantes no Brasil.

vantagens para o portador, por que é, então, que durante os processos de anistia um número de estrangeiros bem menor do que o esperado solicitou sua regularização? A respeito disso, só posso levantar algumas hipóteses não excludentes entre si. Primeiro, que os requerimentos para candidatar-se a ser anistiado excedam as possibilidades dos estrangeiros em situação irregular. Com isso, refiro-me à exigência de apresentar documentos que não estão disponíveis a qualquer momento, sobretudo quando se está fora do país de origem, ou para os que é necessário despender longas horas de espera em órgãos públicos e pagar taxas elevadas, como certidões negativas de dívidas e de antecedentes criminais no estado de residência e na União. É este o argumento mais freqüentemente acionado pelos mediadores.

Uma segunda hipótese está relacionada à possível suspeita, por parte do estrangeiro, de que a regularização de sua situação implique, ou vise, a um maior controle pelo Estado. E, nesse caso, não podemos deixar de levar em conta que essas pessoas trazem em sua bagagem uma experiência de relação com a autoridade de Estado e seus representantes governamentais que, mais ou menos diretamente vivida, permeia ainda sua visão das relações sociais de uma forma um tanto diferente da dos brasileiros. Para a grande maioria dos cidadãos de países do cone-sul, a sociedade ainda permanece dividida em nós e eles, sendo eles oficiais de polícia, do exército ou quaisquer representantes do monopólio estatal da violência. Isso pode ser visto nas formas muito diferentes entre si de brasileiros e não brasileiros - argentinos, uruguaios, chilenos e peruanos, nesse caso - referirem-se aos oficiais das polícias e militares. A repressão associada à ditadura deixara marcas profundas em chilenos, uruguaios e argentinos especialmente, que são transmitidas de geração a geração. De todas as formas, um número considerável de pessoas regularizou sua situação no Brasil graças às anistias e outros tantos o estão fazendo graças aos tratados entre Argentina e Brasil e Uruguai e Brasil.

O Mercosul tem sido criticado amplamente por privilegiar os aspectos econômicos de regionalização, facilitando a movimentação de capitais e locais de produção aos grandes grupos econômicos e negligenciando os aspectos sociais e culturais dos povos envolvidos. A anunciada e esperada livre circulação de pessoas entre os países do bloco tem sido adiada e o Pacto de Assunção não tem sido ainda implementado, nem mesmo

ratificado por todos os governos. Se, no início desta pesquisa sobre o tema, em 2004, os sujeitos e os mediadores espontaneamente mencionavam ainda o Mercosul como uma possibilidade, hoje não mais o fazem. Quando perguntei ao Padre João em que os estrangeiros depositavam mais suas esperanças de regularização, respondeu: “O imigrante não quer saber se é o Mercosul, a anistia ou o novo Estatuto do Estrangeiro. Ele quer resolver seu problema“

Já recentemente, os membros do CIBAI Migrações têm deslocado seu foco de expectativas do Mercosul para os tratados bilaterais firmados entre o Brasil e Argentina e Uruguai que permitem a residência mais ou menos irrestrita entre os países assinantes. O governo Argentino implementou, em abril de 2006, o Projeto “Pátria Grande”, que legaliza a residência de estrangeiros cidadãos dos países do Mercosul em território nacional, dando uma permissão de residência e trabalho válida por dois anos, ao cabo dos quais é outorgada a permanência. O acordo com Uruguai, recentemente firmado, prevê o livre, ou quase livre, trânsito e residência de cidadãos brasileiros e uruguaios, também após dois anos de residência no país de acolhida. Entretanto, há também receios de que o Brasil leve mais tempo do que os outros países para implementar os tratados, considerando que ainda o tratado com Argentina, que deveria haver sido implementado em abril de 2006 pelo Brasil, começou vigorar somente em 29 de agosto do mesmo ano. Foi também assinado um acordo que regulariza a situação legal de bolivianos que já estão no Brasil irregularmente. Quanto aos outros países – mercosulenhos ou não, latino-americanos ou não, não há outras expectativas além de uma flexibilização da lei que pode se concretizar em um Novo Estatuto do Estrangeiro.

## **5.2 – Os documentos: um exercício de alteridade**

A maior parte dos estrangeiros que chega ao Brasil obtém, na fronteira, um visto de turista que permitirá sua permanência no país por até 90 dias. Porém, na maioria das vezes, o visto obtido na fronteira é válido por 15 ou 30 dias e cabe ao estrangeiro renová-lo até completar os 90 dias. Até algum tempo atrás, era possível obter uma prolongação por mais 90 dias, no escritório da Polícia Federal; hoje em dia, já não existe essa possibilidade. Além disso, segundo a nova lei conhecida como Lei dos 180 dias, o

estrangeiro não pode permanecer em território nacional mais do que 180 dias por ano; regularmente, claro. A estratégia mais comum e por todos conhecida é a de viajar até a fronteira mais próxima, permanecer alguns dias fora do Brasil e obter um novo visto de turista para manter a permanência legal dentro das fronteiras por mais três meses. O visto de turista não dá direito a exercer atividade remunerada alguma nem a estudar. Se o estrangeiro permanecer no país por um número de dias maior do que o estipulado no visto, estará sujeito a multas e deportação imediata.

Além disso, há um problema de linguagem no momento em que o visto é emitido na fronteira. O estrangeiro é comunicado, freqüentemente, que "o visto é válido por até 90 dias", sendo que o prazo estipulado no documento é de 15 ou 30 dias. Cabe ao recém chegado compreender que precisa procurar a renovação do seu visto, nos escritórios da Polícia Federal, antes de findo o prazo estipulado no visto, tantas vezes quanto seja necessário até completar os 90 dias. A forma em que a frase é expressa permite várias interpretações, e não são poucos os casos em que o estrangeiro permanece os 90 dias sem procurar uma renovação do visto inicial, embora o número de dias permitidos esteja carimbado no visto de entrada.

O RNE é o documento de identidade que o Estado brasileiro outorga a todo cidadão estrangeiro residente temporária ou permanentemente no país. Não é o objeto desta dissertação debruçar-me sobre as formas de obtenção do RNE – ou seja, da permanência legal no Brasil, mas cabe dizer que o Brasil tem uma das leis de estrangeiros mais restritivas do mundo. A transformação do visto de turista ou de estudante num visto que permita a residência legal, o acesso ao mercado de trabalho, a ter uma conta bancária e a todos os outros benefícios que a cidadania confere ao cidadão é muito difícil. Contudo, como veremos um pouco adiante, as dificuldades práticas recorrentes da falta de documentos são contornadas pelos estrangeiros em situação irregular com relativa facilidade.

O *protocolo* é o documento que todo estrangeiro recebe na hora de dar entrada ao pedido de documentação. Ele apenas substitui um RNE que ainda não foi emitido, portanto, nos casos em que o solicitante é anistiado, tem as funções do RNE temporário; já para os estudantes, certifica apenas que o solicitante está em situação regular e pode estudar, mas não trabalhar. Quando se trata de casos de reunião familiar, o protocolo é

válido apenas como atestado de regularidade, não permitindo a solicitação de uma carteira de trabalho.

Entretanto, as dificuldades com o protocolo são trazidas à tona sempre em relação a sua aparência. Por ser oficialmente um documento, ele tem tudo o que um documento precisa ter: nome, foto, carimbo do órgão emissor, data de validade. Não tem, entretanto, aparência de documento, pois se trata de uma tira de papel ofício de uns 15 cm de comprimento por quatro centímetros de largura e não plastificada.

DATA DA ENTRADA DO REQUERIMENTO	TIPO E Nº DO DOCUMENTO APRESENTADO	
22/11/2006	Passap.nº 24538535N RNE. V365981-F	
ENTRADA PREVISTA	VALIDADE	PROMOÇÃO
Tel.: 3235-9198	31/05/2007	
ASSINATURA DO PORTADOR	ASSINATURA E CARIMBO DO FUNCIONÁRIO	
<i>[Signature]</i>	Ben-Hur Cardoso Coiro AADM/SR/DPF/RS Mat. 022.5.139	

Fig. 3 – O Protocolo

Além disso, documentar-se não é “traduzir” um documento, senão “transpor” uma informação equivalente. O próprio nome do estrangeiro é também uma questão que precisa ser explicitada constantemente. Como todos sabemos, o brasileiro é registrado com o sobrenome da mãe, seguido do sobrenome do pai. Nos outros países da América Latina, pelo menos, é o sobrenome do pai que antecede ao da mãe. Embora o sobrenome paterno seja considerado o mais importante em todos os países, diferentes seqüências de sobrenomes levam a diferentes formas de se identificar. Assim, o estrangeiro deve estar sempre pronto a ser nomeado de formas diferentes e a convencer a autoridade ou quem lhe pede que se identifique que ele é a pessoa representada pelo documento.

A aparência do protocolo gera situações de conflito com freqüência. Vários relatos de estrangeiros refletem que, no momento de apresentá-lo, viram-se na necessidade de negociar seu significado, tendo que reforçar seu valor enquanto documento de identidade pela apresentação de outros documentos como passaporte ou carteira de identidade do



país de origem. Dentre eles, o relato mais eloqüente foi o de Rosa, que teve uma compra com cartão de crédito negada porque o protocolo não servia como documento. “*no le podemos dejar llevar la mercadería, porque eso no es documento’, me dijo el vendedor. Después de mucho hablar, salí sin la bicicleta y casi llorando*”.

O protocolo não valia por si só, nem pelo sacrifício de todas suas idas e vindas para consegui-lo, tampouco pelo respeito às leis de que o supunha impregnado – cabe lembrar que Rosa nunca esteve ilegal no Brasil. Planejado para ser uma forma de garantir seus direitos, acabava por se tornar, em função de sua aparência, uma ferramenta de discriminação. Ao invés de sentir-se representada, era necessário negociar a própria identidade mesmo tendo o protocolo força de documento equiparada ao da carteira de identidade ou do RNE.

Jardim (2003) mostra como a noção de identidade palestina é reconfigurada pela experiência de negociação de passaportes nas fronteiras com os países limítrofes ao local de origem, transformando-se em jordanianos ou retomando a condição de estrangeiros na Jordânia, de acordo com os jogos políticos entre os Estados. No caso dos sujeitos desta pesquisa, eles vivem uma negociação constante de sua identidade nas lojas, imobiliárias e bancos, porque precisam negociar um estatuto de igualdade que não têm com os nacionais. O protocolo, muitas vezes, torna-se o documento que o acompanha mais tempo, na espera do documento definitivo, e, como lembra Eduardo, secretário do CIBAI Migrações, quando o documento chega já está quase expirando.

Em “*This horrible time of papers*”, Mariza Peirano atesta a importância da materialidade dos documentos. Qualquer documento com forma e aparência visual de documento é mais válido que um substituto seu, mesmo que legalmente tenham o mesmo valor. “Uma cópia autenticada e o original têm o mesmo valor legal, mas a materialidade do documento foi mais eficaz”, conclui ao narrar um episódio em que a apresentação de uma fotocópia autenticada de uma carteira de trabalho não foi suficientemente convincente. (Peirano, M. 2006)

### **5.3 – A porosidade da lei: um sistema assistemático ou a sistematização da porosidade?**

Vimos anteriormente como a rigidez do sistema é uma questão recorrente, tanto

nas narrativas dos sujeitos de pesquisa quanto nos discursos dos mediadores, embora os lugares de discurso do estrangeiro e dos mediadores levem-nos a pensar essa rigidez a partir de perspectivas diversas e até contraditórias, às vezes. Para os mediadores, a rigidez do Estatuto do Estrangeiro diz respeito a um descaso com os direitos humanos dos estrangeiros imigrantes, a sua incompatibilidade com a visão mais humanista da Constituição Nacional de 1988 e a um desrespeito à diversidade étnica do Brasil contemporâneo. O Estatuto do Estrangeiro contribuiria também à exclusão social de uma parcela da população componente da sociedade brasileira e está em incontestável oposição aos discursos universalistas sobre cidadania e direitos humanos que circulam por segmentos da sociedade civil transnacional e aos quais os mediadores filiam-se e reproduzem.

Já os estrangeiros imigrantes corroboram as opiniões dos mediadores se o assunto entra em pauta, mas, como veremos um pouco adiante, as formas deles se referirem a sua relação com as instituições nacionais apontam para os modos como eles sobrepujam os obstáculos impostos pelo Estatuto do Estrangeiro, mostrando, freqüentemente de forma explícita, sua porosidade.

Entretanto, a inflexibilidade do Estatuto do Estrangeiro não pode ser nem negada nem ignorada, e a forma como a questão migratória é tratada no Brasil não deixa de ser confusa e prejudicial a muitos. A inflexibilidade da lei joga milhares de pessoas na ilegalidade, enquanto as condições impostas para se candidatar às anistias estimulam a permanência irregular de estrangeiros. A esperada livre circulação de pessoas dentro do Mercosul acaba sendo substituída por acordos bilaterais que beneficiam alguns mas não todos, de certa forma agindo, como sugirirei um pouco adiante, como agentes discriminadores de bons e maus estrangeiros. Souza Ramos (2003) mostra como a seleção de imigrantes fora uma política declarada, explícita, até os anos 50. No século XX, alguns países extinguiram as políticas migratórias e passaram a selecionar individualmente os imigrantes. Além disso, o alto valor das taxas tem como efeito, no mínimo, postergar, às vezes indefinidamente, a regularização daqueles que podem ser beneficiados por tais acordos. O boletim “Família da Pompeia” está recheado de exemplos e depoimentos sobre a falta de documentos, todos baseados em abstrações de situações reais, sendo comuns palavras e frases como “exclusão”, “não ser cidadão” e “não ter

direitos”

Entretanto, lugares de escuta e de discurso diversos produzem narrativas e interpretações também diversas. Sendo o discurso dos mediadores portador de uma realidade constatável, se pensada desde a perspectiva de quem, com o Estatuto do Estrangeiro na mão, escuta os depoimentos de estrangeiros narrando suas dificuldades, nas entrevistas e conversas não gravadas, o rígido sistema de controle da entrada e permanência de estrangeiros no Brasil apresenta suas porosidades. Se, por um lado, o Estatuto do Estrangeiro pune com pesadas multas a permanência irregular e o trabalho remunerado, por outro, como aparece nos depoimentos de Luis, Andrés, Jacinta e Francisco, não existe uma caça a estrangeiros em situação irregular por parte dos órgãos oficiais, nem uma intenção, por parte dos mesmos órgãos, de aplicar a lei com toda sua rigorosidade.

Os casos em que alguém é deportado ou ameaçado de deportação são respostas a denúncias. As multas são sim altamente onerosas, mas elas são aplicadas quando um estrangeiro é denunciado – como aconteceu com Andrés - quando estando em situação irregular procura regularizar sua situação, ou resultantes de informações desencontradas, como é freqüentemente o caso de estudantes e daqueles que não renovam seu visto por pensar que ele é válido por 90 dias.

O aluguel de moradia é freqüentemente resolvido morando em casas de pensão ou hotéis ou mediante a ajuda de amigos, que embora a sublocação seja legalmente proibida, é prática corrente. De todo modo, o estrangeiro em situação irregular resolve seu problema de moradia por meios informais, da mesma forma que os nacionais que não têm meios de comprovar sua renda o fazem. A abertura de uma conta bancária é às vezes possível, dependendo do banco e do tipo de conta. Para abrir uma conta, é necessário ter um CPF, o qual era, até pouco tempo atrás pelo menos, emitido no momento, apresentando apenas qualquer documento – inclusive carteira de identidade emitida por um país estrangeiro – no Banco do Brasil.

O sistema é rígido, porém altamente poroso. Tem intenções megalomânicas mas seu alcance é, na prática, limitado. A informalidade – ou irregularidade - não é apenas decorrente de ações inventadas exclusivamente pelos estrangeiros; também o status legal

é flexível e poroso. Como pode se entender das falas dos sujeitos desta pesquisa, não é o mesmo trabalhar irregularmente, mas ter um visto de turista em dia do que trabalhar irregularmente com um visto vencido ou haver ingressado ao país clandestinamente.

A porosidade do sistema chega às fronteiras nacionais. Pelo menos até o ano de 1998, era possível viajar de Porto Alegre à cidade uruguaia de Rivera e voltar sem apresentar nenhum documento. O estrangeiro podia registrar sua saída ou sua entrada em território brasileiro dirigindo-se ao escritório da Polícia Federal na cidade de Livramento, mas nada impedia que saísse ou entrasse e regresse a Porto Alegre despercebidamente.

Contudo, essa porosidade não está explícita nem detalhada; o estrangeiro precisa descobrir, entender e aprender a lidar com a porosidade e a imprevisibilidade do sistema. Mesmo se pensarmos que existe alguma lógica subjacente à forma como o Estatuto do Estrangeiro é aplicado ou não aplicado, conhecido ou desconhecido, o mapa dos caminhos burocráticos é uma descoberta que cabe ao estrangeiro fazer.

Chama porém, a atenção que o caráter complexo e minucioso do Estatuto do Estrangeiro parece torná-lo inaplicável e fechado em si mesmo, resultando em uma grande dificuldade de saber o que é permitido e o que não é, até que ponto ele deve ser levado em consideração. A sua própria rigidez e impermeabilidade tornam-no poroso e inaplicável, de forma que o estrangeiro, que geralmente conhece o Estatuto melhor do que os cidadãos nacionais, não somente aprende a encontrar os caminhos para contornar as dificuldades impostas pela sua condição, mas também aposta em sua inaplicabilidade. Assim, pode se dizer que a maioria dos estrangeiros aprende a viver à margem dos impedimentos impostos pelo Estatuto do Estrangeiro, embora tendo que recorrer a estratégias de sobrevivência que os coloca também à margem de alguns benefícios sociais e liberdades.

Como aparece nos depoimentos de quase todos os sujeitos desta pesquisa, as maiores dificuldades não decorrem da proibição de trabalhar, de alugar moradia ou de estudar - pois de alguma maneira, através das redes de relações e com a ajuda dos mediadores, esses problemas vão sendo solucionados -, senão da desinformação ou de informações inconsistentes entre si. As dificuldades de María com o acesso à escola do

filho e com os documentos são um caso exemplar de como essa falta de informação certa é consequência das formas diferentes de perceber a atuação das instâncias burocráticas e de como as informações certas parecem não estar disponíveis a qualquer estrangeiro ou em todos os âmbitos de atuação. O desencontro de informações e a inaplicabilidade da lei colocam María, assim como qualquer outro estrangeiro, na situação de um constante negociador de sua realidade, levando-o a acionar identidades diversas em contextos diferentes na tentativa de delinear uma série de impedimentos que ninguém conhece, com certeza, seu alcance.

Por um lado, obter os documentos de permanência no Brasil se insere, conforme aparece logo no discurso de todos os sujeitos de pesquisa, como uma forma de levar adiante um projeto de vida. Lutar por uma vida melhor, na maioria dos casos, implica necessariamente ter direito ao trabalho e ao estudo, poder assinar documentos de compra, venda, aluguel ou pagamentos, ter uma conta bancária, etc. Embora seja possível contornar a falta de documentos valendo-se de táticas diversas,

Freqüentemente, e especialmente no caso de grupos familiares, tanto a realização de um projeto de vida como a obtenção dos documentos para todos os membros envolve todo o conjunto familiar. É freqüente encontrar casos em que os pais têm documentos de residência e os filhos não, por serem adolescentes maiores de idade no momento em que os pais obtiverem os documentos próprios.

Assim, diferentes identidades são acionadas não somente com o intuito de obter os documentos, mas também de lhes conferir validade e de negociar um status nas situações do cotidiano.

Além disso, e apesar da relativa facilidade com que se é possível viver sem documentos, a sua obtenção aparece nos discursos dos sujeitos desta pesquisa como uma perspectiva a partir da qual avaliam a validade do seu projeto migratório. A materialidade do documento confere, além de tudo, um sentido ao empreendimento. Ele não é apenas um meio de alcançar determinados direitos reservados a quem os possui. O documento tem também o caráter de conquista, de troféu outorgado em reconhecimento ao empenho e ao merecimento.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Jardim (2003) conta como a posse de um passaporte outorga aos palestinos sujeitos de sua pesquisa um status diferenciado.

Apesar disso tudo, a questão dos documentos é um assunto não apenas recorrente, mas também sobre o qual os entrevistados falam extensamente nas entrevistas. A falta de documentos aparece como um problema que se resolve no dia-a-dia, mas que está sempre presente, freqüentemente ameaçador. Sabe-se que dificilmente vai ser pego sem eles, ou deportado, mas nunca se sabe. O dia-a-dia se resolve, há que aprender as estratégias, mas... E amanhã? O que acontece se vir a precisar de auxílio médico? Será que vou conseguir me aposentar? É possível viver sem documentos, o que não se pode é pensar a vida sem eles.

#### **5.4 – Identidade não é documento, nem documento é identidade.**

A questão da posse de documentos que permitam ao estrangeiro direitos semelhantes aos dos nacionais está no cerne das narrativas dos imigrantes. A diferença mais tácita entre ter e não ter documentos está no grau de autonomia. Sem documentos não é possível, em princípio, alugar moradia, ter conta bancária, trabalhar ou ir à escola. Digo em princípio porque, como vimos anteriormente, de uma forma ou outra esses obstáculos são freqüentemente salvos mediante a ajuda de amigos e pelo conhecimento das limitações do sistema<sup>37</sup>.

Entretanto, falar em documentação implica não somente pensar no acesso a direitos como trabalho, moradia e estudo, mas também, conforme me revelam as narrativas dos sujeitos de pesquisa, traz à tona aspectos da vida dos sujeitos relativos à percepção de si mesmos e da sociedade, à manutenção e reinvenção de antigas lealdades e criação de novos laços de solidariedade bem como a avaliações do seu estar no mundo que tem a ver com o "estar cá" e o "ser de lá" ou o "estar cá e lá" simultaneamente.

A forma de Francisco e Andrés representar para si o lugar do sujeito no mundo: *"Un día las fronteras no van a existir. Lo importante es que vos vivas bien, trabajes, y no jodas a nadie y tengas una vida pacífica"*, e *"Yo no le estoy robando a nadie, al contrario, estoy aquí laburando para que otros coman"*. Mais do que elocubrações individuais ou

---

<sup>37</sup> Teresa Sales (1999) mostra como o Social Security Number e a Carteira de motorista são falsificados por imigrantes em situação irregular nos Estados Unidos, a fim de poder levar uma vida "comum" ao cidadão norte-americano.

idéias repetidas por todos, revelam a filiação a um discurso sobre os direitos do homem ao trabalho e à escolha de um lugar para viver que privilegia o indivíduo sobre os interesses nacionais - identificados com os interesses econômicos –, segundo o qual o trabalho e o bom comportamento justificam a permanência irregular. É escassa a literatura que problematize os conceitos de legalidade e ilegalidade no que diz respeito à situação de estrangeiros. No capítulo 3 de “Brasileiros longe de casa”, Teresa Sales (1999) traz algumas reflexões a respeito, ao observar as experiências de brasileiros na cidade de Boston: "Sociologicamente, poderíamos dizer que eles estão em situação de ilegalidade, mas não de ilegitimidade...", conclui a autora, ao refletir sobre os depoimentos e pensar nas motivações dos brasileiros no estrangeiro.

O documento também garante ao portador um lugar de enunciação, não apenas atestado pela sua presença física, senão respaldado pela aceitação enquanto tal, de uma entidade que o ultrapassa. Especialmente no caso dos estrangeiros no Brasil, e dadas as dificuldades de se obter documentos de estrangeiro, o RNE é – assim como o protocolo que lhe antecede deveria ser - não apenas uma forma de se identificar, mas também uma garantia, perante os outros, de pertença e aceitação relativa não somente ao acesso de bens de consumo e trabalho, mas também de não estar sujeito a situações cotidianas inusitadas de discriminação.

Quem tem o documento foi aceito, pertence a um lugar, a uma comunidade, a um estado-nação, mesmo não sendo cidadão no sentido legal do termo. Mas, até nos casos em que o conceito de pertença a um estado-nação está muito longe do cotidiano do sujeito, outros sujeitos mais corporificáveis, como a polícia, ou mesmo o funcionário público que recebeu sua solicitação de documento estão ali, no imaginário do portador, atestando sua aceitação entre os que merecem ser identificados. Portanto, quem tem documentos está dentro dos parâmetros que distinguem os *insiders* dos *outsiders*. Casos em que a validade de um documento oficialmente emitido não é reconhecida transformam a apresentação de um documento em uma negociação de identidades, na qual o portador do documento assume o papel de um solicitante e qualquer receptor o de um burocrata que pode desvalorizar um lugar de enunciação, mesmo sem as prerrogativas e aptidões de um representante do Estado. Torpey (2003) demonstra, em um estudo histórico sobre a invenção e uso de passaportes, como o monopólio estatal do direito a autorizar e a

controlar a circulação de pessoas é inerente à própria formação dos estados desde o advento do absolutismo. Segundo ele, as tentativas de estabelecer o monopólio desse controle envolveram, ao longo da história, vários aspectos que se reforçam mutuamente: a codificação de leis que estabelecem quais os tipos de pessoas que podem circular no interior de cada estado e atravessar suas fronteiras, os lugares por onde essa travessia pode ser feita e, sobretudo, a identificação sem ambigüidades de todas as pessoas do planeta, para o que era necessário criar burocracias destinadas a implementar esse regime de identificação. Por isso, sempre que um documento oficial não é reconhecido, não é somente a identidade do seu portador que está sendo posta em questão, senão também a daquele que não o reconhece, por estar ele assumindo um papel que não lhe corresponde assumir.

Torpey (2003) também lembra que os salvo-condutos exigidos na Idade Média consistiam em uma carta de um avalista moral do sujeito em trânsito, e que tal carta não tinha um “tempo de validade”. Esta é uma das características de nossos passaportes e vistos atuais: a introdução de um caráter provisório do estrangeiro. Há um tempo limitado de permanência estampado no documento. Ou seja, mesmo quando o período de permanência permitido e estampado no visto é renovável, o próprio documento, paradoxalmente, lembra a condição de sujeito provisório.

Mariza Peirano, em seu artigo “*This horrible time of papers*” analisa o valor e a representatividade de cada um dos documentos usados pelos brasileiros. Mostra como a criação dos documentos mais usados, durante o século XX, reforça a idéia de que tiveram sua gênese na implantação do estado moderno: “Documentos identificam cada indivíduo dentro de uma coletividade, geralmente definida como um estado nacional. Eles permitem a contagem dos indivíduos, ao mesmo tempo que os singularizam:

“o documento oficializa e legaliza o cidadão e o torna visível, passível de controle e legítimo para o Estado. O documento *faz* o cidadão, em termos performativos e obrigatórios. Esta obrigatoriedade de ter documentos tem seu lado inverso: o de remover, despossuir, negar e esvaziar o reconhecimento social do indivíduo que não possui o documento exigido em determinados contextos”. (Peirano, Mariza, 2002)

Vemos, além do mais, que não é somente a posse de documentos que faz uma diferença na vida do estrangeiro, mas também o tipo de documento apresentado. Quando



o protocolo é apresentado, ele não é imediatamente aceito como documento, em função de sua aparência. Embora outros documentos como o passaporte estrangeiro ou o documento de identidade estrangeiro não sejam oficialmente válidos como forma de identificação em certas situações, é sua materialidade, o fato de ser plastificado e ter as dimensões de um documento que o tornam legítimo.

Assim, a posse ou falta de documentos, bem como o tipo de documento apresentado, coloca-se não somente como um problema que atravessa a vivência de cada dia e que influencia as decisões, mas como algo cujo significado e valor precisam ser constantemente negociados junto às instituições e a outros atores não necessariamente vinculados a elas. Nessa negociação de significados e valores, são vários os fatores envolvidos, e deles dependerá também o sucesso da negociação. Questões étnicas e de cor (como no caso de Pedro), de gênero (como nos casos de María e Jacinta) e principalmente de habitus de classe (como vimos nos exemplos de María e Rosa), têm uma parte na obtenção e na negociação do valor dos documentos<sup>38</sup>.

Entretanto, nesse ponto, cabe apontar para um debate entre dois autores que estudam as relações entre burocratas e solicitantes a partir de uma perspectiva antropológica. Um deles é o já mencionado Micheal Herzfeld e o outro é Josiah Heyman. De um lado, Herzfeld pensa tais relações atravessadas pelo universo simbólico do funcionário da burocracia, sendo que as instituições terminam se tornando balcões de negociação de significados baseados na representação que o burocrata tem do solicitante, ou seja, um 'outro'. (Herzfeld, Michael, 1992). Heyman, por outro lado, em um estudo baseado em entrevistas aos funcionários do Immigration and Naturalization Service<sup>39</sup>, na fronteira entre os Estados Unidos e México, pensa o trabalho destes como procurando tornar coesa a contraditória política migratória norte-americana, que combina uma perseguição visível aos possíveis imigrantes mexicanos irregulares com ações que invisível porém eficientemente perpetuam a imigração ilegal. (Heyman, 1995). A questão central da diferença entre ambos é onde localizar o que o primeiro chama de indiferença, se na ação dos funcionários ou nas esferas organizacionais.

---

<sup>38</sup> Alguns aspectos dessa negociação de identidade de pessoa foram abordados por Da Matta (1983). O autor aponta para algumas situações em que o sujeito é reconhecido como "pessoa" e outras onde o indivíduo é um qualquer, e que isso depende de uma negociação simbólica.

<sup>39</sup> Instituição norte-americana responsável pela elaboração e implementação de políticas migratórias.

Vejamos alguns relatos dessa negociação: Jacinta, uma mulher de classe média, branca e educada, conhece bem os caminhos da burocracia. Sabe que pode pedir os documentos acionando o recurso da reunião familiar, e cogita, em última instância, casar-se com um brasileiro se não obtiver os documentos por aquele meio. Tem um amigo no consulado argentino e consegue até certa descontração por parte do funcionário da Polícia Federal *“Que quieren estos de Brasilia ahora?”*, lembra-o dizer.

Já Pedro vê-se alternando entre a figura do estrangeiro e a do pai de uma filha brasileira na procura para regularizar sua situação. As questões raciais implicadas na negociação não vêm explicitamente à tona em sua narrativa, mas ele é, de fato, ameaçado de nunca conseguir os documentos. *“ ‘Primeiro vamos al cartório, despues vamos al hospital para ver si en el hospital consta que tu tuviste una hija. Despues vamos a ir a tu casa para ver si estás realmente cuidando de tu hija. Y tú no puedes salir de la casa’ el tipo (oficial da Policia Fedral) me dijo, me dijo em tono agresivo ‘ si cuando vamos a tu casa tu no estas, vamos a ‘pegar’ tu archivo – tenia dos montones de procesos – y lo vamos a poner abajo.’* Embora eu não disponha de evidências para afirmar que a negociação entre o oficial burocrata e Pedro tenha, de fato, sido permeada pelas mesmas questões que algumas décadas atrás explicitamente separavam imigrantes desejáveis de indesejáveis <sup>40</sup>, arrisco suspeitar que, da forma como ele recompõe sua experiência, sua identidade de relojoeiro especializado e pai de uma criança brasileira tenha sido ofuscada pelos traços índios marcados: a pele escura, o cabelo longo e um certo ar de quem não está ali para mostrar-se simpático ou submisso a um olhar categorizador.

Francisco não desconfiava que sua identidade de “livreiro dos arquitetos” reservava-lhe um assento no carro particular do oficial encarregado de sua deportação. Como relata Francisco, o oficial teria dito: *“Yo sé que sos gente fina. Vamos al departamento de policía. a charlar allá. No vas a quedar detenido ni nada.”* Entretanto, suas experiências como cidadão de um país sob férrea repressão acabam por forjar uma identidade de clandestino da qual ele quer se livrar, mas que penetra seu convívio com os outros e, logicamente, seus encontros com a autoridade<sup>41</sup> governamental. Ao falar sobre

<sup>40</sup> Souza Ramos (2003) mostra como as políticas migratórias brasileiras foram tradicionalmente permeadas pela questão étnica e racial. Também Souza Ramos (1996) lembra o caso em que um grupo de imigrantes negros norte-americanos e outro de japoneses foram proibidos de migrar ao Brasil em base a um projeto de branqueamento nacional.

<sup>41</sup> Note-se que não disse burocracia, senão autoridade.

sua deportação, Francisco lembra que ele não é qualquer pessoa, mas alguém que merece ser bem tratado, por ser um homem de bem, um pai de família, estar rodeado de gente importante e ser útil aos estudantes de arquitetura. Todavia, o fantasma da repressão argentina desestabiliza-o. Sem ele querer, o olhar do outro desloca-se, e ele está, repentinamente, sob suspeita. É então necessário reafirmar sua identidade de pacifista.

Com base nessas e em outras narrativas dos sujeitos desta pesquisa, sugiro que seja necessário levar em conta que não estamos lidando com sistemas vazios senão com instituições e funcionários, ambos permeados por universos simbólicos que se superpõem entre si e que não lhes são exclusivos e com sujeitos com experiências prévias com autoridades e representantes do Estado. Por isso, não podemos pensar uma instituição burocrática sem considerar o quanto ela está imbuída dos valores que são atribuídos pelos atores, independentemente dos discursos que ela possa ter sobre si mesma, freqüentemente associados à universalidade dos direitos para todos.

Não podemos, tampouco, pensar os funcionários como homens e mulheres separados da instituição de que fazem parte e das políticas migratórias que forjaram historicamente visões sobre o imigrante. Maritza Ferretti em seu artigo 'Direitos Humanos e Imigrantes', lembra como na década de 1930 todos os países latino-americanos restringiram certas categorias de imigrantes, como negros, judeus e orientais, mas que hoje, não sendo permitidas seleções raciais tão explícitas, o preconceito precisou moldar-se...

“já não se manifestando, como antes, abertamente, em diplomas escritos; agora ele se esconde sob o manto das exigências burocráticas e na proteção nacional contra o narcotráfico, que produzem o mesmo efeito – o afastamento dos imigrantes indesejáveis (Ferretti, Maritza In Sales, Teresa e Sales Maria do Rosário; 2002; p.139).

Eu sugiro que um conjunto de saberes sobre quem são os imigrantes desejáveis e os indesejáveis perdura e se transmite, manifestando-se nas políticas migratórias, mas que, como disse Ferretti, o panorama ideológico atual não permite a discriminação explícita.<sup>42</sup> Assim, além de políticas migratórias restritivas e de controle ao

<sup>42</sup> Brah, Avtar (1996) lembra que paradoxalmente é na passagem entre fronteiras de Estados-

terrorismo e ao narcotráfico – discursos que justificam o controle das fronteiras – existem também políticas que facilitam o ingresso de certos estrangeiros, excluindo outros. Proponho que se pense nos tratados bilaterais como uma forma de escolher quem são os estrangeiros que podem imigrar ao Brasil. Vale a pena lembrar que, no contexto latino-americano, Uruguai e Argentina são representados como os países mais brancos e europeizados do continente. Não quero, com isso, criticar dois esforços que, de fato, beneficiaram muitas pessoas, senão pensar se as representações do “outro” não estão ainda presentes na elaboração de políticas migratórias.

O funcionário do balcão, na administração pública, é o herdeiro de uma história sobre formas de perceber os *outsiders* que se mistura, de forma um tanto confusa, à imagem de si mesma que a instituição precisa ter e mostrar. É preciso lembrar, em primeiro lugar, o papel da ONU como formadora de discursos de inclusão e equidade e, em segundo, que o Brasil procura se inserir, enquanto país (socialmente?) emergente, em uma rede discursiva comprometida com uma versão mais democrática do capitalismo pós-moderno. Por isso, torna-se necessário, aos poucos, ir modificando as pautas que determinam a inserção do país no continente americano. Entretanto, novas idéias não substituem, da noite para o dia, antigas percepções do mundo, e o encontro do solicitante com o funcionário no balcão de atendimento é o momento em que todo um histórico de percepções do “outro” é invocado e atualizado.

---

Em suma, diferentes identidades são acionadas não somente com o intuito de obter os documentos, mas também de conferir-lhes validade e de negociar um status nas situações do cotidiano e perante as instituições. Ao olhar para o conjunto dos meus sujeitos de pesquisa, a diversidade de identidades acionadas por cada um deles e as diferenças entre eles contrastam com a intenção de garantir a equidade implícita na obtenção de um documento. Não estou confundindo equidade com homogeneidade senão pensando como, desde lugares muito diversos, cada um deles procura garantir um lugar de fala em equivalência com os outros, para, finalmente, sentir-se autorizado a falar

---

nação que é interpelada a definir sua identidade como algo exclusivo de um Estado-nação e a fazer corresponder sua experiência subjetiva a um único lugar de origem. O fato de que ela é interpelada porque não se parece – racialmente – com um suposto lugar lembra-nos que o discurso nacional está atrelado a definições racializadas.

de sua singularidade. E é esse o ponto em que minha leitura das narrativas dos meus sujeitos coincide com o discurso do CIBAI Migrações e dos mediadores entre os estrangeiros e as instituições em geral: o documento confere o direito a falar e agir em nome próprio.

## EPÍLOGO

### Imigrantes estrangeiros e cidadãos nacionais

A partir de agora, concentrar-me-ei na qualidade de estrangeiro enquanto propiciadora de uma experiência particular de alteridade. Observarei como estrangeiros significam suas experiências cotidianas de negociação de sua identidade a partir da interação com nacionais.

No caso específico dos estrangeiros latino-americanos no Brasil, poder-se-ia pensar em uma construção da alteridade com bases históricas entrelaçadas às diferenças culturais, especialmente de língua. Em se tratando especificamente do Rio Grande do Sul, seria necessário levar em conta uma história de tensionamento das fronteiras políticas e culturais devido, principalmente, à proximidade geográfica com Uruguai e Argentina, sem esquecer, porém, as tensões internas associadas à manutenção das fronteiras culturais entre os diversos grupos étnicos que fazem parte da população do estado.<sup>43</sup>

Entretanto, embora não desconsidere que questões históricas e culturais entram de fato no jogo da interação entre brasileiros e estrangeiros latino-americanos, prefiro concentrar-me na construção da alteridade entre ambos, da forma como ela é vivenciada pelos sujeitos em interlocução. Por isso, a partir de agora, observarei alguns aspectos relevantes da relação entre “estrangeiros” e “nacionais” da forma como eles aparecem nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa e como eles têm-se apresentado em minhas observações de campo.

As formas de se referir aos latino-americanos estrangeiros como “latinos”, como “los hermanos” e como “castelhanos”, além de ser vistas com olhos críticos pelos participantes desta pesquisa, sugerem um processo de etnização do estrangeiro. Nem latinidade, nem irmandade, nem mesmo castelhanidade<sup>44</sup> são nacionalidades, são sim categorias de classificação do “outro” enquanto estrangeiro pertencente a uma série de nações territorialmente situadas e, principalmente, associadas a uma forma de falar e, às vezes, a um conjunto de características físicas e comportamentais. Os três termos são

---

<sup>43</sup> Em *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* (1998), Frederik Barth desloca o estudo da transcendência das culturas ao longo do tempo do seu interior para a manutenção das fronteiras culturais.

<sup>44</sup> O termo ‘castelhano’ é empregado para referir-se aos hispano-americanos enquanto falantes da língua castelhana, não como referência a uma origem na região de Castilla, Espanha.

vistos com estranheza e freqüentemente mencionados como uma forma preconceituosa de referir-se a eles, em entrevistas formais, situações cotidianas e conversas informais. Primeiramente, não existe nenhum sentimento de fraternidade que ligue os países hispano-falantes – ou para ser menos abrangente – dos países representados nesta pesquisa – entre si mais ou menos do que aquilo que os aproxima e distancia do Brasil. A questão da língua não se constitui enquanto uma forma problematizável de alteridade, como veremos adiante, até que o imigrante se afasta da sua posição de estrangeiro para ir à conquista de novos espaços.<sup>45</sup>

Resulta interessante remetermos novamente a Vargas (2005). Em sua obra, a autora pesquisa as relações de trabalho estabelecidas no campo da construção civil em Buenos Aires, sendo que a maioria dos trabalhadores não é oriunda da capital senão bolivianos, paraguaios e argentinos das províncias do norte. Mais do que uma determinação geográfica das origens dos trabalhadores da construção civil, o jogo identitário que se impõe resulta em uma racialização desse campo de trabalho. A origem étnico-nacional dos sujeitos de Vargas é associada a um tipo físico - descrito em palavras e imagens -, a um tipo de trabalho, uma relação com o trabalho, um *status* social e um estilo de vida. Os sujeitos de Vargas não criam raízes em Buenos Aires, conforme se desprende de sua obra., e sua única territorialidade está dada pelo pertencimento a redes de filiação étnico-nacional e as relações que mantêm com as sociedades de origem. Deduzo, portanto, que a questão gentílica nas relações que se estabelecem nesse campo de trabalho está baseada em uma racialização do olhar e das formas de interpretar os sujeitos, imputando-lhes uma “unidade”.

Pensando nos termos de Nogueira, conforme citado por Roberto Cardoso de Oliveira em “Os (des) caminhos da identidade”, as três formas comuns de referir-se aos estrangeiros latino-americanos no Brasil constituem uma combinação do que ele denomina de preconceito de marca e de preconceito de origem. Ao discorrer como o preconceito racial é exercido nos Estados Unidos e no Brasil, Oracy Nogueira diferencia preconceitos raciais de marca e preconceitos raciais de origem:

---

<sup>45</sup> Em princípio, latinos somos todos enquanto falantes de línguas derivadas do latim e é este um ponto trazido com freqüência sempre que a condição de alguém enquanto estrangeiro é trazida à tona. Paradoxalmente, porém, a latinidade para os ‘latinos’ dos países representados neste estudo está relacionada a um conjunto de formas de comportar-se, vestir e andar, geograficamente circunscrito aos trópicos e a uma politização de uma unidade imaginada.

Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de *marca*; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de *origem*. (Nogueira, 1955, apud Roberto Cardoso de Oliveira 2000)

Entretanto, no momento da interação, são os sujeitos frente a frente, construídos a partir de suas qualidades de estrangeiro e de nacional e de uma representação de sua nacionalidade (no caso do primeiro) que agem como atualizadores de tal construção. Cabe a ambos, em última instância, justificá-la – pois se espera que o outro aja em conformidade com o modo como é representado – ou justificar-se e desconstruí-la.

O diálogo que segue, no qual fui um dos interlocutores, reflete uma interação entre um “estrangeiro” e uma brasileira, e teve lugar nos primeiros anos de minha vida em Porto Alegre:

Márcia - Conteí à Carla que estava namorando meu professor de inglês. Sabe o que ela disse?

Daniel - O quê?

Márcia - Um uruguaio, Márcia?! (reproduzindo o gesto de reprovação da amiga)

Daniel - Por quê?

Márcia - Ah! É que os latinos são muito machistas

Daniel - Tu me acha machista?

Márcia - Não, daí eu disse para ela: ‘Este é diferente’,

Note-se que à categoria latino superpõe-se a de machista, colocando os interlocutores na situação de negociadores de uma identidade individual que, porém, está referenciada em um coletivo. Os interlocutores são, em princípio, sujeitos pertencentes a categorias, neste caso às categorias latino e brasileiro. Todavia, é necessário lembrar que cada indivíduo pertence e circula entre vários coletivos, refletindo assim uma superposição de identidades que também entram no jogo dialético. Formas de pertencimento e socialização, por exemplo, podem ser lidas nas entrelinhas do diálogo acima. A categoria machista não está apenas associada à representação do outro; ela faz parte de um discurso ao qual os interlocutores estão expostos e que é por eles reproduzido pelo acionamento dos valores veiculados nesse discurso, e que os sujeitos



deverão aceitar ou rejeitar na interlocução, porém baseado em uma construção prévia de sua identidade.<sup>46</sup>

Se, por um lado ambos os interlocutores estão em lados opostos da dicotomia estrangeiro – nacional, por outro, ambos estão inseridos em um mesmo universo simbólico que considera a categoria machista como não desejável.

A associação entre as categorias de latino e machista é um dado na interlocução, e é enquanto dado e nessa situação que ela deve ser desconstruída. Cabe, portanto, ao sujeito, em sua condição de “estrangeiro”, desconstruir ou afirmar, na interação, as representações sobre si mesmo que o colocam dentro de um coletivo pressumido.

Uma outra distinção cabe ser feita: aquela entre imigrantes de primeira e segunda geração. Os imigrantes de segunda geração, no Brasil, podem ser considerados um tipo especial de nacionais, no que se refere à construção de uma identidade com bases étnicas e/ou nacionais. Entretanto, não é o objetivo deste estudo debruçar-se sobre essa categoria a não ser pelo fato de que ela coloca em relevo dois elementos que entram na construção identitária dos imigrantes de primeira geração – ou estrangeiros propriamente ditos - a saber: o sotaque de estrangeiro e nacionalidade *stricto senso*, ou seja, aquela nacionalidade que é garantida a todos aqueles que nascem em território brasileiro. Curioso que, no Brasil, independentemente de a cidadania estrangeira ser extensiva aos filhos dos imigrantes, já que isso depende do país de origem e que a nacionalidade brasileira é regida pelo conceito de Jus Solis<sup>47</sup>, ser estrangeiro e ser “de origem” estrangeira são freqüentemente usados indistintamente. No contexto da pesquisa de campo, várias pessoas que haviam sido mencionadas por conhecidos em comum como estrangeiros, ou como uruguaios, argentinos, chilenos ou peruanos eram de fato filhos de estrangeiros, nascidos no Brasil.

Concomitantemente, uma boa parte da literatura antropológica pós-colonialista<sup>48</sup> pensa as questões identitárias entre imigrantes estrangeiros e seus descendentes sob

---

<sup>46</sup> Note-se que um dos interlocutores - eu, neste caso – pressupõe que por conhecê-lo, a moça não tem como achar ele machista e portanto, os ‘latinos’ – e ele aceita a categorização – não são necessariamente machistas.

<sup>47</sup> Princípio segundo o qual a pessoa tem a nacionalidade do país onde nasce. (Dicionário Aurélio século XXI)

<sup>48</sup> Uma reflexão sobre se e como o pós-colonialismo enquanto manifestação intelectual dentro de um contexto político determinado alcança a produção latino-americana seria pertinente. Entretanto, não encontrei literatura sobre o assunto; apenas uma menção a esse questionamento no artigo “Naturalizando a nação” de John e Jean Camaroff.

perspectiva da superposição – ou não – de identidades étnicas ou nacionais, na maioria das vezes produzindo sujeitos híbridos que transitam entre os valores da sociedade abrangente e aqueles das sociedades de origem, mantendo vínculos com ambas e, de uma maneira ou outra, com ou sem conflitos, acionam formas de pertença diversas em contextos diferentes com objetivos freqüentemente específicos.

Nesse sentido, e só para mencionar alguns, estão os trabalhos de Deirdre Meinel (2000) e Denise Jardim (2003). Em *“Plural Identities among youth of immigrant background in Montreal”*, Deirdre Meinel aponta para a fluidez com que jovens de diversas origens étnicas manejam diversas identidades e formas de pertencimento étnico, circulando entre nacionais e seus grupos étnicos e outros, e fazendo de sua ancestralidade mais um fator enriquecedor do que uma fonte de conflitos ou de sentimentos de inferioridade. (Horizontes Antropológicos N 14. p. 14) Acrescenta o autor:

*“Their adientities are composed of an accumulation of affiliations; these are superimposed upon each other without one excluding the other that are articulated into one personal syncretic identity somewhat differently in each individual case.” (Meinel, Dreidre, 2000, p.14).*

Também nessa linha, “Palestinos, as redefinições de fronteiras e cidadania” de Jardim (2003) aponta como a autodenominação de “origem” está presente e é recriada na convivência com outros árabes, palestinos e nacionais. Os filhos de imigrantes palestinos são expostos a uma experiência de sobreposição de identidades nacionais e acabam reconstruindo suas múltiplas filiações culturais na viagem de “retorno” à Palestina.<sup>49</sup>

Caberia então refletir sobre quão importante as tradições étnica e familiar aparecem nas narrativas desses imigrantes de segunda geração, e como os sujeitos articulam uma nacionalidade de origem com uma de nascimento, mas não é este o assunto deste trabalho<sup>50</sup>. Nesse momento, interessa pensar a nacionalidade enquanto uma carência.

Como disse anteriormente, a questão da nacionalidade é um diferencial entre imigrantes de primeira e segunda geração. Não me refiro à nacionalidade como

---

<sup>49</sup> Caberia refletir sobre quão importante as tradições étnica e familiar aparecem nas narrativas desses imigrantes de segunda geração, e como os sujeitos articulam uma nacionalidade de origem com uma de nascimento, mas não é esse o assunto deste trabalho. Interessa pensar a nacionalidade enquanto uma carência.

<sup>50</sup> Sobre esse tema, ver a dissertação de mestrado de Roberta Peters “imigrantes Palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação de tradições através das festas e rituais de casamento”

sentimento de origem, senão à da sociedade de acolhida. Compreender de que forma essa nacionalidade da qual se carece, mas que é plena para seus descendentes e o modo como a situação é pensada pelos imigrantes, é um assunto que renderia um longo debate. Vou tentar esboçar alguns aspectos dessa vivência que aparecem nos subterfúgios do meu trabalho de campo porque considero que ela tem um papel importante na compreensão de como os sujeitos avaliam sua experiência migratória.

Ao longo de minha estada no Brasil e do trabalho de campo em particular, conheci vários estrangeiros que residem há tempos no país, que têm seus documentos de residência permanente e filhos brasileiros, mas nunca encaminharam seus próprios pedidos de naturalização. Logicamente também conheci os que o fizeram e são hoje cidadãos brasileiros naturalizados.

Porém, posso afirmar que não percebi, nos meus sujeitos de pesquisa, uma narrativa que aponte para uma intenção de “integração” pautada pela idéia de construção de uma nação. Ou seja, com a exceção da narrativa um tanto exaltada de Francisco sobre sua opção pela nacionalidade brasileira, não pude observar, nos meus entrevistados nem nas pessoas com quem conversei mais informalmente, uma projeção de si mesmos como fundantes de uma parcela da população brasileira que, eventualmente, irá incluir seus descendentes. Entretanto, existe, entre os mediadores, um discurso bastante difundido sobre a vontade e a necessidade de integração dos imigrantes como “nacionais”. Não devemos confundir a possibilidade da existência de tal narrativa com uma tendência a nacionalizar-se brasileiro, já que, em quase todos os casos, o argumento primeiro para não haver iniciado os trâmites de naturalização é o do difícil, demorado e caro do processo.

Cito Élan Regueiro, antropóloga uruguaia residente nos Estados Unidos: “Tanto a identidade étnica como a nacional são constructos com um propósito: no caso da identidade nacional, a coesão de um país por meio da narração de sua cultura e de sua história, e no caso da identidade étnica, a narração a partir da margem da história e da cultura daqueles que precisamente são excluídos da narrativa da primeira.” (Regueiro Elan, 1995, p. 321-322 apud Roberto Cardoso de Oliveira).

Como também lembra Peirano (2006), algumas nações, entre elas a brasileira, percebem-se em sua construção. Por um lado, não existe uma narrativa por parte dos

sujeitos de pesquisa na qual percebem a si mesmos como pais de uma linhagem de futuros brasileiros. Por outro, uma escuta aos discursos de inclusão de diferentes grupos e etnias como constitutivos da nação brasileira, da forma como eles são veiculados pela mídia ou pelos programas de ensino escolar, revela que não se tem uma percepção do imigrante estrangeiro contemporâneo como integrante da nação.

Embora isso, quando a intenção de nacionalização é mencionada, o direito ao voto é sempre uma das motivações primeiras a ser mencionadas. Se, de um lado, não aparece explícito um interesse em inscrever a própria história dentro da história do Brasil, há, do outro, uma intenção de abandonar parcialmente o lugar do estrangeiro migrante para conquistar um lugar de discurso sobre as questões brasileiras.

Poder-se-ia pensar como nos termos de Luis Francisco Parra, que, em seu artigo intitulado “*Transmigrantes Denizens: Exclusión política y Migración Internacional*”, argumenta como o conceito de cidadania é insuficiente para compreender a relação entre o fenômeno migratório e os direitos políticos dos transmigrantes. Segundo Parra, Denizens são aqueles migrantes que havendo perdido os direitos políticos no país de origem, devido a uma prolongada ausência, não têm a chance de exercê-los no país de acolhida, por não serem cidadãos naturalizados, apenas residentes. São, assim, duplamente destituídos.<sup>51</sup>

De todas as formas, alguns dos sujeitos desta pesquisa poderiam ser considerados transmigrantes denizens: é o caso de Luis, María e Sara. Luis manifestou espontaneamente a vontade de naturalizar-se para poder votar. Camen disse, enquanto conversava com seu filho brasileiro, que gostaria de poder fazê-lo. Todos os outros sujeitos desta pesquisa e estrangeiros com que conversei mais informalmente mantêm vínculos de cidadania com seus países de origem, seja porque eles vão lá com certa frequência, seja porque o fazem apenas para ir votar. Isso nos remete a como o período eleitoral uruguaio é vivido pelos uruguaios na RMPA. Não existe voto consular<sup>52</sup> para os uruguaios no exterior, mas um grande número de uruguaios viajou para poder votar. O

---

<sup>51</sup> Parra propõe também que uma cidadania transnacional não feriria os princípios de uma democracia baseada nos princípios liberais de hoje em dia. Em que termos este conceito de cidadania transnacional seria aplicável à realidade dos migrantes contemporâneos ainda precisaser esclarecido.

<sup>52</sup> O voto consular é uma das exigências da “coletividade” uruguaia, e é um assunto que está em pauta na construção do “Departamento 20”.

sentido da viagem, o fato de estar fora do país e deslocar-se somente para votar parece ter maior força do que o sentido do próprio voto, conforme aparece nas narrativas e conversas com os integrantes da Cabu e do comitê "La Redota" de Porto Alegre.

Não devemos, entretanto, confundir cidadania com nacionalidade, nem mesmo cidadania com o direito ao voto. Mencionei, entretanto, o direito ao voto porque ele é uma das prerrogativas que diferenciam os imigrantes de primeira geração dos de segunda, dos naturalizados e dos cidadãos brasileiros a ser primeiramente mencionada. De fato, fala-se em direito ao voto, mas o que está implicado nas falas dos sujeitos é o direito a participar de qualquer forma da vida política do país em qualquer de seus três níveis, federal, estadual ou municipal. Também são os estrangeiros residentes no Brasil não naturalizados proibidos de ter um passaporte brasileiro e de desempenhar cargos públicos a nível federal, estadual e municipal – com a exceção dos cargos de docente em universidades federais -.

Mariza Peirano (2006) aponta para a dificuldade em definir o que é cidadania para os cientistas sociais. Segundo ela, essa dificuldade deve-se a 'inevitável tendência a se falar em uma tipologia dos direitos do cidadão' (Peirano, M. 2006. p. 132). Segundo tal tendência é originada no trabalho de T. H. Marshall, que dividiu o conceito de cidadania em três partes: direitos civis – ou de liberdade individual, e atribuídos ao século XVIII -, direitos políticos – atribuídos ao século XIX -, e direitos sociais – bem estar econômico e social, atribuídos ao século XX-.

A autora defende, em resumo, que o princípio de cidadania é um princípio em desenvolvimento, e que inexistem um princípio universal que determine quais são os direitos e obrigações da cidadania. O próprio termo tem, segundo aponta a autora, conotações diferentes para grupos sociais diferentes.

Caberia então pensar como todos aqueles que participaram de alguma forma desta pesquisa percebem sua inserção no contexto de uma nova sociedade que, desde a perspectiva deles, retém para si o direito de lhes dizer quais são seus direitos sem a sua participação.

Por outro lado, não devemos desconsiderar que os imigrantes, vistos como estrangeiros, de uma forma ou outra e através do contato com os mediadores ou pela exposição à mídia, são produtores e reprodutores da construção de um conceito de

cidadania que pertende-se mais amplo. Arrisco dizer, após ter ouvido estrangeiros com diversos níveis de participação e envolvimento nas redes e instituições que lidam com a questão migratória, que o conceito de cidadania que os estrangeiros em Porto Alegre manejam não exclui a intenção por parte deles de criar vínculos da participação na vida cívica no Brasil, enquanto mantêm vínculos semelhantes com seus países de origem e/ou de passagem.

Enquanto à nacionalidade em si, permanece enquanto ruptura; não se tem ou se tem por adoção; parece haver uma aceitação de que ela é algo que sempre deveria ser explicado. Uma ruptura que será sempre denunciada ao primeiro contato pelo sotaque.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Com vimos no item 2.4.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O ônus e o bônus de ser estrangeiro

Como resulta das análises até aqui realizadas, a negociação da identidade é o fio que perpassa todas as experiências do imigrante estrangeiro. A negociação da própria identidade começa logo ao atravessar a fronteira, onde o documento -carteira de identidade ou passaporte - diz sobre o nome, a origem e a pertença ao contingente dos que merecem ser considerados cidadãos em seu país de origem. Entretanto, tal direito a pertencer perde em parte sua validade ao entrar em um novo contexto nacional, mesmo estando em vigor acordos de residência do Mercosul. Ao entrar, é necessário aceitar um prazo de validade, um tempo pelo qual se será reconhecido como cidadão de outro país de visita ao Brasil. Sabe-se que findo esse período, ou cabe uma negociação desse *status* por mais algum tempo ou se muda radicalmente de situação, passando a não mais ser reconhecido como alguém que está legitimamente no lugar em que se encontra, se tornado um estrangeiro em situação irregular.

Em situação de estrangeiro, irregular ou não, a “pertença” ao lugar de chegada está sempre em questão. Trata-se de uma experiência de ruptura que está sendo reconfigurada. Ela deverá ser explicada a cada encontro com um novo interlocutor. Como desabafou um colega argentino em Medellín, Colômbia: *“siempre, todos los dias alguien me pregunta de donde soy, que estoy haciendo acá. Por que no me preguntan que pasta de dientes uso o si tengo pie plano?!”*. A classificação como “estrangeiro” impõe-se e é recorrente a cada primeiro encontro entre um nacional e um imigrante estrangeiro pois evidencia diferenças presumidas e assumidas.

O conjunto das narrativas dos sujeitos desta pesquisa apresentadas no capítulo primeiro deixam entrever que existe, de fato, uma variedade de formas de viver a ruptura associada ao processo migratório. Dessa forma, a identidade do sujeito que perfaz a “ruptura” está sempre sendo negociada, e é necessário desconstruir as representações associadas a uma condição de “estrangeiro”. É esse o que considero um dos ônus principais da experiência de ruptura, a identificação de qualidades presumidamente atreladas a sua “condição” de estrangeiro. Tanto nas narrativas dos meus sujeitos quanto em minha experiência pessoal, a negociação da identidade do estrangeiro parte sempre –

ou quase sempre – de lugares presumidos. Ela remete sempre a uma origem – e a um conjunto – e características morais associadas a ela - e a uma causalidade – associada quase sempre a condições de vida precárias no país de origem – que resultou em uma ruptura. O sujeito parece ter que estar sempre se justificando e nunca é um “local”.

Ao comparar as experiências dos sujeitos desta pesquisa com as formas como o fenômeno migratório é referido e??? classificado na literatura e nos discursos sobre ele, algumas diferenças surgiram proeminentes. Em primeiro lugar, a insuficiência da dicotomia migrante político / migrante econômico para compreender o fenômeno migratório contemporâneo no sul do Brasil, destacando que a primeira categoria não está incluída na categoria de refugiado político e concluindo que motivações políticas entrelaçam-se às econômicas na decisão de emigrar.

Além do mais, aponte de que forma a definição do que é político como uma forma de analisar as relações cotidianas abrange a experiência e o entendimento que os meus sujeitos têm do seu estar no mundo. Dentro desse contexto de politização das relações, a intersecção entre questões de gênero e experiências migratórias aparece relevante a um olhar crítico de como os imigrantes estrangeiros -homens e mulheres - se relacionam com as sociedades de origem e de acolhida e de como o deslocamento geográfico e social é, também, um deslocamento de pontos de vista.

Podemos ver, então, que parte dessas explicações sobre o deslocamento é mais complexas que motivações econômicas ou enquadramentos em causas políticas. Como mostrei no capítulo 3, o imigrante estrangeiro produz uma ruptura. Todavia, permanece atrelado a um habitus que delinea quais as possibilidades que estão disponíveis.

A elaboração de um projeto migratório enquanto parte de um projeto de vida inclui também – ou não – a escolha de um lugar de destino. Quando isso acontece, as formas como o lugar – neste caso o Brasil e a Região Metropolitana de Porto Alegre – é representado têm uma parte importante..

Ao analisar, no capítulo 3, as questões relativas ao deslocamento tendo em vista a implementação de um projeto de vida, pude observar como esse projeto faz parte de um projeto familiar mais amplo, ou está referenciado em um outro coletivo . Em ambos os casos, o habitus formado no interior desse coletivo perpassa a experiência migratória, conferindo-lhe certa continuidade na ruptura. Observei também que, freqüentemente, a



escolha de um lugar de destino não corresponde às causas da emigração. Temos, assim, uma variedade de padrões da experiência de ruptura que nem sempre é traduzida nas classificações de motivações e vivências dos discursos sobre o fenômeno migratório.

Questões políticas perpassam as narrativas dos sujeitos desta pesquisa e os discursos das redes étnico-nacionais. Entretanto, uma visão do político restrita às questões partidárias e participativas não é suficiente para compreender a inserção dentro de um conjunto de relações de poder dos imigrantes estrangeiros e dos sujeitos desta pesquisa em particular. Uma postura vigilante e crítica está presente nas entrelinhas de suas narrativas, configurando um escopo de possibilidades de negociação da identidade, seja na interação com outros imigrantes, com nacionais ou com as instituições.

No capítulo 4, evidenciei alguns dos mediadores e a forma como atuam perante os imigrantes. Demonstrei que não há uma unicidade em suas formas de atuar. Assim, termos como “latino-americano”, “latino”, “refugiado político”, “estrangeiro” ou “los hermanos” são usados para traduzir uma intenção de unidade na diversidade de experiências. Embora a atuação dos mediadores não seja o foco da análise deste trabalho, os mediadores são importantes enquanto lugares donde parte um discurso sobre a imigração, e por estarem inseridos em uma rede mais ampla de assistência e debate sobre o fenômeno e a experiência migratória.

Um dos aspectos da experiência de ruptura são as limitações legais que perpassam as experiências dos imigrantes estrangeiros. Embora eles agenciem certas dificuldades de distintas maneiras, as dificuldades em documentar-se são uma experiência em comum.

Mostrei, no capítulo 5, aspectos relativos ao Estatuto do Estrangeiro e os modos como diferentes agentes se movimentam na “porosidade” da lei.

Tanto o Estatuto do Estrangeiro quanto as anistias e os acordos bilaterais surgem como formas do Estado brasileiro adequar-se aos contextos mundiais em transformação, onde o fenômeno migratório é percebido enquanto tipos de discurso que variam desde as possíveis ameaças à soberania nacional e à ordem mundial ao discurso sobre a inclusão social.

Em meio a isso, os imigrantes estrangeiros, exemplificados nos sujeitos desta pesquisa, surgem como sujeitos capazes de salvar os obstáculos impostos pelo Estatuto

do Estrangeiro e de contestar a percepção sobre o fenômeno migratório, embora estando também imersos em suas redes de significados.

A obtenção e o uso de documentos aparecem, nesse contexto discursivo, como momentos de negociação de significados, onde tanto no ato de solicitar os documentos como no de apresentá-lo, o que está em questão não é apenas o documento, mas a identidade moral do estrangeiro.

Falar de um “bônus” da imigração e da ruptura é sempre algo politicamente complicado, já que todas as agências denunciam a precariedade com que se faz a travessia das fronteiras.

Entretanto, como também lembra Simmel, ser estrangeiro é uma situação muito positiva. O bônus da ruptura não está apenas nas possibilidades de “encontrar trabalho e oportunidades”, mas também em dar novos contornos à própria identidade como pessoa. Os parâmetros na sociedade de acolhida não necessariamente correspondem ao quadro de expectativas. Há o ônus de determinadas atribuições, mas há também, certamente, uma margem de negociação que possibilita novas configurações e permitem um “recomeço”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Luis e Bandeira, Pedro. " A (des)industrialização de Porto Alegre"; Porto Alegre, FEEE; (1988).

BAENINGER, Rosana e PATARRA, Neidi. "Mobilidade espacial da população do Mercosul. Metrópoles e fronteiras. ANPOCS, 2004.

BARRAL, Ana Ines. "Nuevas Miradas. Aportes de la perspectiva de género al estudio de los fenómenos migratorios" In: COHEN, Nestor e MERA, Carolina. (Orgs) "Relaciones Interculturales: Experiencias y representación social de los inmigrantes".Buenos Aires, Antropofagia, 2005.

BARTH, Fredrik. "Grupos Étnicos e suas Fronteiras". In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. "Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth". São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. "A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas". In: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. (org) Lask, Tomke. Rio, Contracapa, 2000.

\_\_\_\_\_. "Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade". In: Antropologia da etnicidade. Para além de "Ethnic Groups and Boundaries". (org) Vermeulen & Govers. Fim de século, Edições. Lisboa, 2003

BHABHA, Homi. "O local da cultura". Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001.

BONASSI, Margheritta. "Canta, América Sem Fronteiras. Imigrantes Latino-americanos no Brasil". São Paulo; Edições Loyola. 2000.

BRAH, Avtar. "Cartographies of Diaspora. Contesting identities. Routledge, London and New York, 1996.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O (des)caminhos da Identidade. Ver. Brás. de Ciências Sociais. (*on line*) vol. 15 N° 42.

CLIFFORD, James. Itinerarios Transculturales. Barcelona, Gedisa Editorial, 1999.

COMAROFF, Jean e COMAROFF John. "Naturalizando a Nação: Estrangeiros,

Apolipse e o Estado Pós-colonial” In: Horizontes Antropológicos. N° 15. 2001.

DELGADO RUIZ, Manuel. “¿Quién puede ser “inmigrante” en la ciudad?” In:  
Exclusión Social y Diversidad cultural. Donostia: Tercera Prensa, 2003.

\_\_\_\_\_. “Círculos virtuosos. Nuevas lenguajes para la exclusión  
social. Disponível em:  
<http://barcelona.indymedia.org/newswire/display/219826/index.php>.

DAYAN-HERZBRUN, Sonia. “As mulheres e o sentimento nacional palestino”

DIAZ, Raul. Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodologica. In  
*Revista Horizontes Antropologicos* numero 12, Cultura Oral e Narrativas, Porto  
Alegre, PPGAS, 1999.

ECKERT, Cornelia., “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas  
na experiência etnográfica.” In *HUMANAS*, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Porto Alegre v 19, 1996-1997.

FERRETTI, Maritza. “Direitos Humanos e Imigrantes”. In: SALES, Teresa e  
SALES, Maria do Rosário (Orgs.). “Políticas Migratórias: América Latina, Brasil e  
Brasileiros no Exterior” São Carlos. Edufscar: Editora Sumaré. 2002.

FRIGERIO, Alejandro e LINS RIBEIRO, Gustavo. “Argentinos e Brasileiros.  
Encontros, Imagens e Esterótipos”. Petrópolis, Editora Vozes. 2002.

GADAMER, Hans-Georg.- Verdade e Método. I -Traços Fundamentais de Uma  
Hermenêutica Filosófica. Petrópolis. Ed. Vozes. 1997

GEERTZ, Clifford. The Interpretation of Cultures

HERZFIELD, Michael. The Social Production of indifference. Exploring the  
Symbolic roots of western bureaucracy. Chicago, The University of Chicago  
Press. 1993.

- HEYMAN, Josiah McC. "Putting Power in the Anthropology of Bureaucracy. The Immigration and Naturalization Service at the México-United States Border". In: Current Anthropology, Vol 16, abril 1995.
- JARDIM, Denise. "Diásporas, Viagens e Alteridades: As Experiências Familiares dos Palestinos no Extremo Sul do Brasil. In: " In Horizontes Antropológicos. Ano 6 N° 14. Porto Alegre; PPGAS; 2000.
- \_\_\_\_\_ "Palestinos; As Redefinições de Fronteiras e Cidadania" In: " In Horizontes Antropológicos. Ano 9 N° 19. Porto Alegre; PPGAS; 2003.
- LINZ RIBEIRO, Gustavo "Cultura e Política no mundo Contemporâneo" Brasília, Editora da UNB; 2000.
- MAGALHAES, Nara. "O Povo Sabe Votar. Uma Visão Antropologica". Petrópolis, RJ; Editora Vozes; 1998
- MEINTEL, Deirdre. "Plural Identities Among Youth of Immigrant Background in Montreal" In Horizontes Antropológicos. Ano 6 N° 14. Porto Alegre; PPGAS; 2000.
- MILESSI, Rosita. "Refugiados. Realidade e Perspectivas" São Paulo; Edições Loyola. 2003.
- MACHADO, Michelli. Boletim 'A Família da Pompéia'. Construindo Identidades Culturais em Parceria com os Imigrantes. Porto Alegre; PPCI – UFRGS, 2005 (dissertação de mestrado)
- MORSE, Richard. "O espelho de Próspero. Cultura e idéias nas Américas". São Paulo. Companhia das Letras; 1988.
- NOVAES, Sílvia. Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de Si através dos Outros. EDUSP. São Paulo, 1993.
- :
- PALMEIRA, Moacir e GOLDMAN, Márcio. "Antropologia, Voto e Representação Política" . Rio de Janeiro; Contra-capas Livraria Ltda; 1996.
- PARRA, José Francisco. Transmigrantes denizens: Exclusión política y migración internacional. Circunstância: Revista de ciências sociais del Instituto de investigación Ortega y Gasset..Ano 4. N 6. 2006. Disponível em: <http://www.ortegaygasset.edu/circunstancia/numero10/art6.htm>
- PATARRA, Neidi. "Migrações Internacionais e Integração Econômica no cone Sul: Notas para Discussão" In: SALES, Teresa e SALES, Maria do Rosário (Orgs.).. "Políticas Migratórias: América Latina, Brasil e Brasileiros no Exterior" São Carlos. Edufscar: Editora Sumaré. 2002.

PEIRANO, Mariza. A Teoria Viva. E Outros Ensaios de Antropologia. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor; 2006.

\_\_\_\_\_ "his horrible time of papers. Documents and National values". Brasília. 2002. Disponível em: <http://www.unb.br>

PETERS, Roberta. Imigrantes Palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação de tradições através dos rituais de casamento. Porto Alegre, PPGAS - UFRGS, 2006. (dissertação de mestrado)

POLLAK, Michael. L'Expérience Concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris, Éditions Métailié. 1990.

POUTIGNAT & STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo. Editora Unesp. 1988

SAHLINS, Marshall. "O pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. (Partte II) Mana. Rio de Janeiro. Vol 3, N 2. 1997. Disponível em [http://www. Scielo.br/scielo](http://www.Scielo.br/scielo).

SAHLINS, M. "Dos o tres cosas que sé acerca del concepto de cultura". In: Revista Colombiana de Antropología. Vol. 37, enero-diciembre 2001, (Pp.290-327

SALES, Teresa. "Brasil X Estados Unidos. Identidade Étnica entre Migrantes Brasileiros na Região de Boston, EUA. In: Rocha Reis & Sales, Teresa (orgs). Cenas do Brasil Migrante. São Paulo, Editempo Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. "Brasileiros Longe de Casa. São Paulo; Cortez, 1999

SAYAD, Abdelmalek. "A pobreza Exótica": A imigração argelina na França". RBCS. N. 17, out. 1991.

\_\_\_\_\_. , A Imigração. São Paulo, EDUSP, Editora da Universidade de São Paulo, 1998

\_\_\_\_\_ "L'Immigration ou les paradoxes de l'Identité" Bruxelas; De Boek Wesmael, s.a. 1991.

SEYFERTH, Giralda. "Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos".Disponível em: [www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos)

SCHILLER, Nina, BASCH, Linda and BLANC-SZANTON, Cristina. Towards a transnacional perspective on migration. Annals of the NY Academy os Sciences. Vol 645, NY 1992.

SIMMEL, Georg. "O Estrangeiro" In: Morais Filho, Evaristo.(org.) Georg Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA RAMOS, Jair "Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 1920". In: M. C. Maio e R. V. Santos (orgs.), Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro, Fiocruz-CCBB, 1996

---

"O Poder de Domar do Fraco: Construção de Autoridade Pública e Técnicas de Poder Tutelar nas Políticas de Imigração e Colonização do Serviço de Povoamento do Solo Nacional do Brasil". In Horizontes Antropológicos. Ano 9 N° 19. Porto Alegre; PPGAS; 2003.

STANFORD FRIEDMAN, Susan. O "falar da fronteira" o hibridismo e a performatividade: Teoria da cultura e da identidade. Nos espaços intersticiais da diferença" Revista Crítica de Ciências Sociais. 2002.

TORPEY, John. A invenção do passaporte. vigilância, cidadania e o Estado. Lisboa, Coleção Memórias do Mundo, 2003. [2000].

TRPIN, Verónica. "Aprender a ser chilenos. identidad, trabajo y residencia en el Alto Valle del Río Negro" buenos Aires. Antropofagia; 2004.

VARGAS, Patricia. "Bolivianos, paraguayos y argentinos en la obra. Identidades étnico-nacionales entre los trabajadores de la Construcción". Buenos Aires. Antropofagia; 2005.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

VELHO, Otávio. "O cativo da besta-fera". In: \_\_\_\_\_. Besta-fera: recriação do mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1995

ZAMBERLAM, Jurandir. "O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização". Porto Alegre; 2004.

ZAMORA XAVIER, Maria Angélica. "O imigrante hispano-americano no Brasil: Um lugar discursivo afetado pelos deslizamentos na língua e na história". Porto Alegre; PPL, UFRGS; 2002.

ocumene@radiovaticano.org

<http://webhome.idirect/balicoockgeertz.html>

<http://www.paroqiapompeia.com.br>